Clube de Revistas

HIDDEN TRACKS: OZONE • PÔSTERES: KISS (KISS) E SEPULTURA • PLAYLIST: JEFF SCOTT SOTO

ROADIE CREW

Heavy Metal & Classic Rock

Mercyful Fate

O Rei está entre nós

GENE SIMMONS BAND

DEMON DE CARA LIMPA

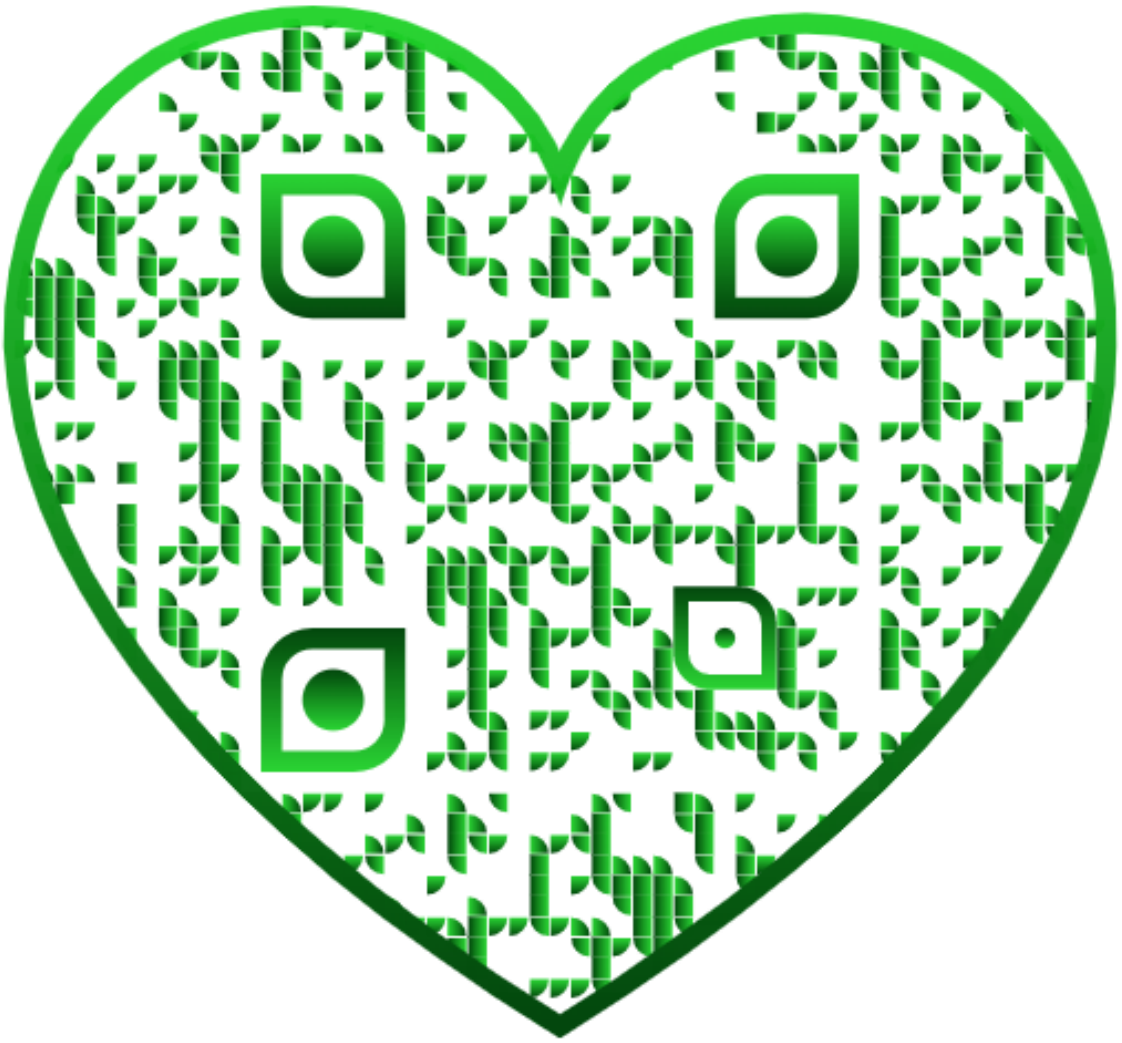
WITHIN TEMPTATION

GUITARRAS PESADAS, ESCURIDÃO E MELANCOLIA

MÁSCARAS, FANTASIA E MAQUIAGEM NO Rock

ENTREVISTAS

SONATA ARCTICA • WHILE SHE SLEEPS
THE 69 EYES • NESTOR • COBRA SPELL • GESTOS



Clube de Revistas

Bruno Luiz
Guitars

Raphael Dantas
Drums, Vocals, Keyboard

Daniel Fuchshuber
Bass Guitar

SCAN ME

COMING SOON!

CONVIDADOS:
Timo Tolkki Luís Mariutti Guilherme Hirose Vitor Rodrigues Christian Passos
Vitor Veiga Marcelo Kalunga Rogério Byron João Noleto Oruam

@gloriaperpetuametal

ASE MUSIC

DESIGNLARA ARTWORK
THE ART OF AURÉLIO LARA
WWW.DESIGNLARA.COM.BR

Shinigami 死神 Records
www.shinigamirecords.com.br

Clube de Revistas

CLASH BULLDOGS

UM DOS DESTAQUES DO HEAVY METAL NACIONAL
SHOW CONFIRMADO SUMMER BREEZE BRASIL 2024

COM COMPOSIÇÕES COM BLAZE BAYLEY, HENRIQUE FOGAÇA E MIKE ORLANDO
PRODUZIDO POR THIAGO BIANCHI (NOTURNALL)
BANDA JÁ SE APRESENTOU AO LADO DE GRANDES NOMES COMO
SHAMAN, NOTURNALL, FELIPE ANDREOLI (ANGRA), SINISTRA E MATANZA RITUAL

@CLASH_BULLDOGS

Spotify DEEZER amazon Prime music Available on iTunes

projeto gráfico: www.juliabredesign.com

Clube de Revistas

ÍNDICE

06 CENÁRIO
16 PORTAL RC
18 BRUCE DICKINSON
24 PLAYLIST
Jeff Scott Soto
26 ESPECIAL MÁSCARAS, FANTASIA E MAQUIAGEM NO ROCK
34 GENE SIMMONS BAND
38 COLLECTION
Queensrÿche
42 HIDDEN TRACKS
Ozone
46 RELEASES
49 FRONT COVER (MARCELO VASCO)
Darkthrone - Transylvanian Hunger
51 ROCK AVERAGE
Kiss - Kiss
56 SONATA ARCTICA
58 WHILE SHE SLEEPS
60 BLIND EAR
Marco Antônio Duarte (Decomposed God)
62 NESTOR
64 WITHIN TEMPTATION
68 THE 69 EYES
70 BACKGROUND
Nightwish (Parte 4)
74 CLASSICREW
Montrose, Iron Maiden, Alice Cooper e Velvet Revolver
76 ETERNAL IDOLS
Wayne Kramer (MC5)
78 COBRA SPELL
80 GESTOS
82 PROFILE
Fred Mika (Sunroad)

FOTOS:
Mercyful Fate: Sylwia Makris
Gene Simmons e Within Temptation: Divulgação

BEHIND THE STAGE

ESTÉTICA VISUAL

Quando decidimos por ter Mercyful Fate, liderado por King Diamond, e Gene Simmons estampando a capa desta edição, veio a ideia de criar um pequeno especial abordando o uso de máscaras, fantasias, maquiagem e a exploração do mistério, da androginia e do humor no rock. Desde a sua origem, o rock'n'roll transcendeu fronteiras e estes elementos não são simples adornos superficiais da persona de alguns músicos. Eles servem como componentes da expressão artística, a busca pela liberdade individual e contribuem para a criação de uma experiência estética de impacto.

Inspirado por Alice Cooper, que desempenhou um papel crucial na evolução da estética e da performance no rock, o dinamarquês King Diamond optou por usar maquiagem facial ainda nos tempos com a banda Brainstorm. Prestes a desembarcar novamente no Brasil com o Mercyful Fate, uma das atrações mais aguardadas da segunda edição do Summer Breeze Open Air Brasil, o vocalista comentou: "Finalmente estamos indo ao Brasil de um jeito que você certamente nunca viu o Mercyful Fate antes. Teremos nossa produção completa! É a nossa forma de compensá-los por todos esses anos".

Gene Simmons, por sua vez, esteve no Brasil recentemente na turnê de despedida do KISS, a End of the Road, mas agora retorna para uma única apresentação com a sua nova banda solo. Atração principal do primeiro dia do Summer Breeze, The Demon, sua persona nos tempos de KISS, antecipou como será o show e falou sobre a história da banda que fundou ao lado de Paul Stanley e que é um dos exemplos mais emblemáticos da utilização de elementos visuais no rock. "Será a única apresentação que faremos na América do Sul, e estou ansioso! Só queremos nos divertir, sem as preocupações dos shows grandes. Tocaremos coisas bem pesadas, músicas que o KISS nunca tocou", revelou à ROADIE CREW.

Além destas, a edição traz entrevistas com Sonata Arctica, While She Sleeps, Nestor, Within Temptation, The 69 Eyes, Cobra Spell e Gestos. Nas seções, Jeff Scott Soto, que celebra seus quarenta anos de carreira, é o destaque do Playlist, enquanto a banda brasileira Ozone figura no Hidden Tracks. O sempre comentado Collection traz uma versão atualizada do Queensrÿche, que havia sido feito tempos atrás, quando Todd La Torre nem sonhava em fazer parte dela.

E tem mais KISS, desta vez com o disco de estreia cinquentão em um dos pôsteres (o outro é de Andreas Kisser) e também no Rock Average. Já o ClassiCrew vem com Montrose, Iron Maiden, Alice Cooper e Velvet Revolver. Divirta-se.

Ricardo Batalha

ROADIE CREW

EDIÇÃO: 279
MAR-ABR/2024
ANO 26

EDITOR
Claudio Vicentin - claudio.vicentin@roadiecrew.com

EDITOR ONLINE
Luiz Tosi - luiz.tosi@roadiecrew.com

REDATOR-CHEFE
Ricardo Batalha - rbatalha@roadiecrew.com

CONSELHO
Airton Diniz - airton@roadiecrew.com

EDITOR DE ARTE
Leandro de Oliveira - leandro@roadiecrew.com

REDAÇÃO
Antonio Carlos Monteiro - tony@roadiecrew.com
Daniel Dutra - daniel.dutra@roadiecrew.com
Guilherme Spiazzi - guilherme@roadiecrew.com

COLABORADORES
Alessandro Bonassoli, Daniel Agapito, Écio Souza Diniz, Gustavo Maiato, Heverton Souza, Ivanei Salgado, Leandro Nogueira Coppi, Leonardo M. Brauna, Maicon Leite, Marcelo Vasco, Matheus Vieira, Thiago Prata e Valtemir Amler

COLABOROU NESTA EDIÇÃO
Silvio César Brandespim

FOTÓGRAFOS
André Simões dos Santos, Belmilson dos Santos, Elvis Rafael Andrade, Leonardo Palma Benaci e Roberto Sant'Anna

COLABORADORES NO EXTERIOR
EUA: Chris Alo, Ken Sharp, Mitch Lafon

ASSINATURAS E EDIÇÕES ANTERIORES
Maria Diniz - assinaturas@roadiecrew.com
Tel.: (0xx11) 96380-2917

PUBLICIDADE
Depto. Comercial - anuncios@roadiecrew.com

DISTRIBUIÇÃO PARA TODO O BRASIL
Roadie Crew
www.roadiecrew.com/roadie-shop

DISTRIBUIÇÃO NAS BANCAS
RAC Mídia

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Grafilar

ROADIE CREW é uma publicação da Roadie Crew Editora Ltda.
Caixa Postal 43015 - CEP: 04165-970
São Paulo/SP - BRASIL
WhatsApp: +55 11 96380-2917
E-mail: redacao@roadiecrew.com
Site: www.roadiecrew.com
Facebook, Twitter e Instagram: @roadiecrewmag
YouTube: www.youtube.com/roadiecrewmagtv

ISSN 1415-322X

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização expressa dos editores.
Todos os artigos aqui publicados são de responsabilidade dos autores, não representando necessariamente a opinião da revista
For International Contacts: +55 11 96380-2917

SOMOS FILIADOS ABEMÚSICA

Clube de Revistas

EMINENCE

SHOW CONFIRMADO NO

SUMMER BREEZE BRASIL 2024

SÁBADO, 27 DE ABRIL - PALCO WAVES STAGE ÀS 18H

SÃO PAULO - MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA

INGRESSOS E INFORMAÇÕES: WWW.SUMMERBREEZEBRASIL.COM

OUÇA AGORA NO SPOTIFY

WWW.EMINENCE.COM.BR /EMINENCEBAND

CLUBE DE

REVISTAS

Entre em nosso grupo no Telegram t.me/clubederevistas

Clique aqui!

Tenha acesso as principais revistas do Brasil de forma gratuita!

Clube de Revistas

SACRIFIX

UMA HISTÓRIA DE ESFORÇO, DEDICAÇÃO E EXECUÇÃO

O produtor, compositor, vocalista e multi-instrumentista Frank Gasparotto, movido pelo desejo de lançar algo no formato 'one man band', iniciou o projeto Sacrifix em 2019, com foco no que há de mais essencial no thrash metal old school. O resultado gerou o debut *World Decay 19* (2021) e o mais recente, *Killing Machine* (2023), que vem com a mesma pegada visceral e com mais técnica. Atualmente, Frank (guitarra e vocal), ao lado de Diego Domingos (guitarra), Filippe Tonini (baixo) e Fábio Moysés (bateria), pretende ampliar a agenda de shows. Confira detalhes dessa trajetória com o próprio Frank Gasparotto.

Paulo Navarro

Além de dois álbuns completos, o Sacrifix dispõe de singles e vídeos disponíveis pela internet

Quando a pandemia chegou por aqui, você estava para lançar *World Decay 19*. Naquela época, o fato de fazer tudo sozinho teve relação com a política de isolamento?

Frank Gasparotto: Não teve necessariamente a ver com o isolamento devido à covid. Fazer um álbum sozinho era uma coisa que eu tinha vontade há décadas, a pandemia foi o momento propício para finalmente desengavetar a ideia e tornar um sonho antigo em realidade.

Quando percebeu que seria um bom momento para chamar mais pessoas para completar a formação da Sacrifix?

Frank: Como um amante do thrash metal clássico, nunca tive a ideia de o Sacrifix ser uma 'one man band'. Muito embora eu tenha gravado tudo sozinho, a ideia sempre foi ter uma banda. Gosto de tocar com diversos músicos, a gente aprende muito tocando com as pessoas, não só na parte musical como também em conhecimento geral, é sempre excelente interagir com humanos (risos).

As plataformas de streaming registram bons números, assim como as redes sociais da banda. Isso é um sinal de que a Sacrifix tem bom relacionamento com seu público.

Frank: Sim, acabamos de rodar o primeiro videoclipe da banda e a interação com o público foi sensacional! Eu, particularmente, sempre faço questão de conversar com as pessoas que vão ao nosso show, é o mínimo que posso fazer. Elas se deslocaram de suas casas, gastaram dinheiro e tempo para estarem lá, compraram nosso CD, ouviram nossas músicas no streaming, então nada mais justo que dar uma atenção às pessoas.

O primeiro EP, *The Limit of Thrash* (2022), trouxe uma versão de *No Limite da Força* (Anthares). Como foi a sua passagem por essa banda icônica, que é uma das pioneiras do metal brasileiro?

Frank: Passar pelo Anthares foi uma grande honra, desde moleque sempre curti. Gostava de olhar para a capa do álbum, *No Limite da Força* é icônico e um dos melhores lançamentos de thrash do Brasil. Entrar para a banda foi um sonho, mesmo porque a banda só voltou porque eu ensaiava no mesmo estúdio que o Pardal (baixista do Anthares) trabalhava. Uma noite, depois de termos tomado várias, eu disse ao Pardal que o Anthares devia voltar. Ele me respondeu: 'Não temos vocalista', eu retruquei: 'Eu canto!' (risos) E assim, o Anthares voltou à ativa, o resto é história! Escolher essa faixa foi fácil, pois era uma das que mais gostava de cantar ao vivo. Aliás, os shows do Anthares são pura energia; se você nunca foi a um, recomendo que vá!

A chegada de *Killing Machine* (2023) foi anunciada pelo single de mesmo nome, que trouxe *Mundo Nojento* (música B) na bagagem. O que fez você compor uma música em português para a banda?

Frank: Na época, eu estava ouvindo muito Ratos de Porão (risos), e estava em uma fase de indignação com a realidade atual, a banalização das coisas hoje em dia é absurda. Tenho nojo desse termo influencer, por exemplo, a maioria dessas pessoas não são nada, não são cantores, não são compositores, atores, poetas, artistas... Nada! São apenas pessoas pagas por marcas para divulgar seus produtos, só isso. Não há talento nenhum ali. E tive a sensação de que escrever em português transmitiria melhor a ideia por trás da música.

O lançamento físico do álbum *Killing Machine* envolveu uma parceria com vários selos. Quais são esses nomes e como é feita a distribuição?

Frank: O álbum já estava pronto há quase um ano quando fechei com a Impaled Records. Aconteceu que não houve nenhuma proposta interessante para o lançamento, o selo que lançou anteriormente entrou em contato para lançarmos o segundo, mas não sei o que houve que, simplesmente, sumiu do radar. Devo muito à atitude do Lord Formigão, que assumiu todo o gerenciamento entre os selos, que foram Gate of Doom Records, Gerunda Records, Rocketz, Sangue Underground, Artes Negras e Cossoco Records, foi um grande 'pool', mas que no fim das contas valeu a pena. Todos foram extremamente profissionais, e com essa quantidade de selos a distribuição teve um alcance muito maior, inclusive na America Latina.

Este lançamento é puro thrash raiz, mas possui momentos mais cadenciados, com alguns solos até mais melódicos. *March to Kill* e *Dark Zone*, por exemplo, traduzem esse lado mais técnico. Asim como em *World Decay 19*, que é mais speed, você também compôs tudo?

Frank: Sim, o álbum todo foi composto e produzido por mim, todas as letras, solos, arranjos etc. Tudo que você ouve nele foi feito por mim, a diferença é que neste álbum eu quis caprichar mais nos solos, compor com mais tempo, sem pressa. Tentei dar uma diversificada no vocal também, achei que esse álbum precisava de um vocal mais agressivo e, em contrapartida, precisava de solos um pouco mais elaborados.

A recepção de *Killing Machine* foi positiva junto à imprensa e, logicamente, ao público mais tradicional do thrash. No futuro, a banda pode seguir por caminho um versátil?

Frank: Não! A ideia do Sacrifix é ser uma banda de thrash metal clássico! Podemos diversificar dentro do gênero thrash metal old school. Aliás, quer mais diversificação que misturar Exodus, Sodom, Annihilator e Kreator? Só aí já temos um leque de possibilidades imenso, há muita variação rítmica e harmônica entre todas essas bandas. O Sacrifix transita neste universo e qualquer coisa que seja fora disso não será feito pelo Sacrifix, exceto alguma ou outra influência do heavy metal tradicional.

Com o circuito de shows rolando a todo vapor pelo país, a banda pretende mostrar sua arte ao vivo?

Frank: Com certeza! A ideia é tocar o ano todo em todos os lugares possíveis, desde que, claro, ofereçam um mínimo de estrutura e respeito pela banda. Tocar ao vivo é o que nos faz uma banda!

Leonardo M. Brauna

Clube de Revistas

ATTRACTHA
NOVO ÁLBUM, NOVA IMERSÃO

Sete anos após a estreia com *No Fear to Face What's Buried Inside You*, o AttracthA lançou um novo petardo no final de 2023. Conceitual, *Lex Talionis* surge em um novo formato, acompanhado de uma belíssima HQ com uma história de violência urbana e terror escrita pelo baterista Humberto Zambrin. Sonoramente, o AttracthA soa ainda mais vigoroso em seu heavy metal com influências de thrash e de hard rock, com pontes e refrãos que grudam na mente. Havia muito a ser falado sobre *Lex Talionis*, assim sendo o que não coube aqui dessa entrevista com Zambrin, você lê na continuação que já está disponível no site da ROADIE CREW.

Edu Firmo

AttracthA inova ao lançar seu segundo álbum, *Lex Talionis*, em HQ

Apesar do clima urbano e de terror da HQ de *Lex Talionis*, a trama envolvendo o personagem Carlos se mistura com a realidade violenta do Brasil. O que acontece a ele nos episódios transcritos das músicas *The Past Is Gone* e *No* dá até um sentimento de revolta. O que o inspirou a escrever essa ficção?

Humberto Zambrin: A primeira e principal inspiração (que não está toda nessa história) foram os filmes da franquia 'A Invocação do Mal' e em tudo ao redor, como 'Anabelle', 'A Freira' etc. Porém, para começar a história de terror eu precisava criar um trauma, o ponto-chave da trama, e quando pensei nisso, automaticamente minha cabeça foi para os filmes 'Tropa de Elite', que tiveram um grande impacto em mim na época em que foram lançados. A veracidade e a dor que essa trama traz me motivou a deixar a de *Lex Talionis* totalmente dentro do Brasil, baseada nos relatos e, infelizmente, nas experiências próprias de violência que sofremos aqui. Acho que o Roberto DeCastro, roteirista da HQ, e eu conseguimos deixar isso bem brazuca.

Na produção vocês trabalharam com o premiado Adriano Daga; já no debut, *No Fear to Face What's Buried Inside You*, tiveram Edu Falaschi. O que os levou a mudar de produtor?

Humberto: Trabalhamos em estúdio com o Edu de fevereiro a setembro de 2016 no *No Fear*... Na época, ele estava investindo na carreira de produtor enquanto alguns trabalhos solo estavam em andamento. No meio do processo de gravação daquele disco, ele lançou o seu, *Moonlight*, e sua agenda ficou complicada. Seguimos o processo e finalizamos. Em 2017, quando ele deu o pontapé inicial na carreira solo tocando as músicas do Angra, fizemos a abertura do show de São Paulo e depois cada um seguiu seu caminho. Nos cruzamos num show em Nova Friburgo/RJ em novembro de 2019, estávamos tocando com a Noturnall, e ele e o Mike Portnoy fariam participações nesse show. Foi emocionante encontrá-lo e ele dizer que escutou as músicas. Nesse dia, falei com ele sobre produzir um novo trabalho e ele disse que seria difícil pois sua agenda estava tomada pela carreira solo. Automaticamente, lembrei do Daga, que eu conhecia por meio de um amigo em comum. Em janeiro de 2020 fiz um curso de Pro Tools ministrado pelo Daga e começamos as conversas sobre nosso novo álbum. Eu já havia escutado muitos de seus trabalhos e estava convencido de que ele era a pessoa certa. Restava convencer o resto da banda; isso levou uns três minutos, mostrando os trabalhos do Daga! (risos) Ele é um gênio, cara de conhecimento absurdo sobre áudio e música, e de muito bom gosto.

Em *Tomorrow Is too Late* e *Today* vocês contaram com o reforço do ex-Shaman Alirio Netto. Em *I See You*, Björn 'Speed' Strid (Soilwork/The Night Flight Orchestra) fez um duo agressivo com Cleber Krichinak. Explique tais convidados.

Humberto: Quando iniciamos as composições, queríamos alguém nos ajudando na criação das melodias de voz. Desde *No Fear*... somos muito dedicados aos refrãos, aquela coisa de grudar na cabeça. No passado, muita coisa surgiu do trabalho conjunto com o Edu Falaschi e, de certa forma, estávamos meio inseguros em não ter alguém de fora nos ajudando nisso. Daí o Daga, que trabalhava no álbum solo do Alirio na época, nos sugeriu falar com ele. Deu muito certo. Ele deve ter contribuído também com linhas de outras músicas que não me recordo mais, mas trabalhamos muito juntos. Inclusive, o Alirio fez todos os ensaios de seu show solo em 2021 no Brasil em meu estúdio. Ficamos muito próximos. Quanto ao Björn, queríamos algumas participações especiais no álbum e ficamos pensando em quem chamar. Voltando no tempo, quando começamos a compor, o Daga, que foi nosso produtor desde o momento zero, nos aconselhou a montar uma playlist de músicas que cada um achasse relevante para servir de inspiração/influência nesse álbum. Algo do tipo, todos caminhando pela mesma estrada, mesmo que ela fosse muito larga. Nessa playlist, o Soilwork apareceu por indicação do Guilherme (Momesso, baixista) e isso me despertou uma vontade maluca de voltar a ouvir a banda após alguns anos. No processo de composição, eu estava muito viciado em Soilwork (e em outras bandas). Quando estávamos no final, falamos das participações e em quem chamar, havia muitos nomes brasileiros e estrangeiros, e uma das vozes que mais parecia ser complementar era a do Björn. Daí depois da festa de aniversário do Guilherme, com umas cervejas e tequilas na cabeça, eu escrevi para ele (risos). Ele topou e foi tudo muito rápido, porque as músicas já estavam prontas. Mandamos *I See You* para ele com as vozes do Cleber, sinalizamos os trechos a gravar e falamos do clipe, tudo de uma vez. Ele estava em tour com o Soilwork na Itália quando me respondeu e em poucos dias nos mandou as vozes e os vídeos. Aí o Daga fez a mágica acontecer.

Você mencionou a preocupação com os refrãos, e os do AttracthA, assim como as 'bridges', são bem instigantes. Os de muitas músicas grudam na mente: *No More Lies*, *Payback Time*, as novas *The Past Is Gone e Today* – só para citar alguns exemplos.

Humberto: Muito obrigado, isso é um bom elogio! As harmonias e as melodias dessas partes acabam surgindo naturalmente porque sempre nos dispusemos a fazer refrãos com cara de refrão. A partir daí, desenvolvemos a melodia de voz e as letras com muito cuidado, para que fique o melhor possível. É meio que um movimento que começa naturalmente e acaba com todo cuidado e capricho por parte de quem finaliza ponte e refrão. Achamos isso muito importante, afinal, uma das bases das nossas influências está no hard rock, que é recheado de bons refrãos.

Leandro Nogueira Coppi

Clube de Revistas

HATEMATTER
FILOSOFIA À BASE DE METAL

Após três discos de estúdio – *Doctrines* (2012), *Foundation* (2015) e *Metaphor* (2018) – e o período pandêmico da covid-19, que, de alguma forma, influenciou seu quarto álbum, a banda paulista de death melódico Hatematter retorna com mais um trabalho consistente e empolgante. Conversamos com o baixista e membro formador do grupo André Martins para dar mais detalhes sobre o amálgama musical e lírico de *Antithesis* (2023) e falar da trajetória da banda, que hoje conta também com Luiz Artur (vocais), André Buck (guitarra), Thiago Ribeiro (guitarra e vocais), Rafael Augusto Lopes (sintetizadores e orquestrações) e André Kim (bateria), substituto de Marcus Dotta, dono das baquetas na gravação do último disco.

Máira Nakahara

André Kim, Rafael Augusto Lopes, Luiz Artur, André Buck, Thiago Ribeiro e André Martins esperam lançar novas pedradas em 2024

O grupo ressalta que *Antithesis* 'não é apenas um álbum de metal, mas uma expressão profunda das antíteses e dialéticas da vida, capturando a essência da luta, resiliência e, finalmente, a esperança que emerge mesmo nas situações mais desafiadoras'. Dito isso, me veem pelo menos dois pontos básicos à mente: o primeiro é que as letras são tão importantes quanto o instrumental, haja vista o quão potentes elas soam e sua simbiose com o instrumental.

André Martins: Sem dúvida, as letras são um ponto fundamental do nosso processo de composição. Desde a escolha dos temas até a construção e escolha das palavras, feitas pelo Thiago Ribeiro. Tudo acontece com o máximo de atenção. Além do entretenimento, acreditamos que existe uma responsabilidade no que está sendo dito nas letras e queremos que o ouvinte encontre essas mensagens.

O outro ponto é se vocês acreditam que este acaba sendo um diferencial de *Antithesis* em relação aos discos anteriores, não apenas na questão de não ser 'apenas um álbum de metal', como também por essa necessidade/maturidade de explorar os temas ali abordados e no quesito 'amálgama de influências' que vocês também enfatizam.

André: Com certeza é uma constante evolução. Porém, acredito que, além desse processo de amadurecimento, há mudanças propositais e escolhas diferentes que tomamos durante o processo criativo quando comparamos com os álbuns anteriores. Eu diria que o amadurecimento se dá no aumento de opções de escolhas criativas. Me vejo fazendo escolhas próximas do *Foundation*, por exemplo, em futuros álbuns, caso seja interessante para o resultado.

O quanto o fato de o processo de criação e finalização do álbum ter durado cerca de dois anos os ajudou na criatividade, nos arranjos, na lapidação das letras e mesmo no resultado da capa? E, neste caso, podemos dizer que de alguma forma tantas conexões o colocam como disco conceitual, não necessariamente sob o ponto de vista lírico?

André: Conceitualmente eu coloco apenas *Foundation* como uma obra com todos os pontos amarrados. *Metaphor* e *Antithesis* seguem um processo criativo parecido, mas com desafios diferentes. Em *Antithesis* tivemos diversas desventuras durante o processo que acabaram por dar um tom um pouco mais obscuro para a obra, tanto nas artes quanto no instrumental. Enquanto em *Metaphor* você tinha violões trazendo esperança, em *Antithesis* tem o synth colocando uma certa tristeza e sobrecarga nas músicas.

Ao longo do disco, ouvimos death melódico, partes mais técnicas, outras mais diretas, nuances de groove e flertes ou elementos de outros segmentos do metal, além de climas criados por teclados e sintetizadores que fazem toda a diferença. Como foi transformar todo esse amálgama em música e dar ao álbum toda uma estrutura?

André: Nosso objetivo sempre foi contar histórias e o instrumental acaba servindo a esse propósito. No caso de *Antithesis*, focamos no trabalho do Rafael Augusto Lopes nos synths para ajudar a contar essas histórias. Quando eu recebia os riffs do André Buck e estruturava as músicas, em todos os espaços que eu encontrava colocava um arranjo diferente... Infernizei muito a vida do pessoal para criar e encaixar todos esses arranjos. Aumentamos mais uma possibilidade criativa com *Antithesis*. Sempre é um experimento.

Dentre as faixas, gostaria que comentasse algumas, a começar por *Last Thread of Hope*, que já se mostra um ataque feroz em termos musicais, mas com várias melodias e com inspiração do filme 'Inimigo Meu' (1985).

André: Curiosamente, é nossa letra mais 'good vibes' (risos). O Thiago Ribeiro focou em contar uma história de aceitação e companheirismo que acaba sendo atual para vários temas, como discriminação. Apesar de a alegoria ser o filme 'Inimigo Meu', existe uma mensagem ali que queremos passar.

Já *Condemned to Unexist* traz outro lado musical, bem técnico e groovado logo no início, além de sintetizadores, e ainda há uma conexão com a obra literária '1984' (1949), de George Orwell.

André: Essa é uma obra complicada. Apesar de discordarmos fortemente da postura de George Orwell em relação à política e toda a propaganda anticomunista feita por ele, '1984' é uma obra de distopia relevante, e o filme de 1984, com o grande John Hurt, faz uma adaptação honesta e foi a base utilizada para a música. É uma música que entra em algo que temos explorado desde *Star's End*, do *Foundation*: músicas um pouco mais longas e progressivas, com diversas passagens e experimentos.

***Liberate Me*, por sua vez, além de contar com a participação de Mayara Puertas (Torture Squad), tem inspiração em Rammstein. Gostaria que falassem dessas nuances da música, tanto a influência quanto a participação.**

André: Eu e Rafael adoramos música industrial. Quando pegamos o riff simples da *Liberate Me*, pensamos: 'Agora é só colocar várias camadas de synth em cima!' E foi isso que fizemos (risos). Como a música é baseada no filme 'Enigma do Horizonte' (1997), chamamos Mayara para participar e fazer a voz que seria da nave da obra, e combinou perfeitamente. Ficou uma música pesada e melódica, até um pouco dançante. É uma das minhas favoritas do álbum.

A banda nasceu em 2007, tem quatro álbuns no currículo e, pelo que é apresentado em *Antithesis*, tem muito a mostrar daqui para frente. De que forma definiria essa caminhada?

André: Como único membro remanescente de 2007, posso afirmar: é complicado. Nesse meio tempo, a Hatematter teve diversas formações, perdas irreparáveis (R.I.P. Gustavo Polidori) e, ainda assim, temos quatro álbuns com investimento do nosso próprio bolso, sem apoio do mercado, sem uma cena bem estruturada. E continuamos aqui. Minha maior vontade é reduzir o tempo entre os lançamentos. Em 2024, quero ter algo novo para vocês.

Thiago Prata

Clube de Revistas

O GOVERNO DE GOIÁS, POR MEIO DA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA, APRESENTA

CHRONOS - THE TOUR

A PRIMEIRA DO METAL MUNDIAL COM ORQUESTRA

21/06/24 - GOIÂNIA - TEATRO MADRE E. GARRIDO
22/06/24 - BRASÍLIA - TEATRO ROYAL TULIP
25/06/24 - CURITIBA - TEATRO UP EXPERIENCE
27/06/24 - RIO DE JANEIRO - TEATRO DOS 4
28/06/24 - SÃO PAULO - TEATRO GAMARO

INGRESSOS: Sympla DiskIngressos

PATROCÍNIO: Harmonia Musical, Clínica Bonifácio

APOIO FINANCEIRO: Programa Goyazes, SECULT Secretaria de Estado da Cultura, Governo de Goiás - O Estado que dá certo

Clube de Revistas

WARFIELD
MOSTRANDO AS ARMAS

Após lançar o primeiro disco, *Times of Dust*, em 2010, a banda de heavy metal do interior de Santa Catarina Warfield atravessou um período conturbado. Porém, após uma reformulação quase completa, o quinteto voltou à ativa e comemora o lançamento do mais novo disco, *Master Executor*. Conversamos com o guitarrista Ivan Caregnato, que resumiu a trajetória da banda.

Fotos: Divulgação

Warfield retoma a carreira em grande estilo

Vamos começar falando sobre a história de vocês. A Warfield nasceu em 2005 e já no ano seguinte não apenas estreou ao vivo, mas já mostrou duas composições próprias. Por favor, fale-nos um pouco mais sobre aqueles primeiros dias.

Ivan Caregnato: Realmente, o foco inicial da banda era fazer um som autoral com influência voltada principalmente entre o heavy metal e o thrash metal da Bay Area. Já no primeiro show, apresentamos duas músicas próprias, *Times of Dust* e *Our Field of the World*, que depois acabou se tornando *Warfield*. Essa época era bastante motivadora, a cena aqui na região era bem legal, havia um movimento de bandas e pequenos festivais, o público também prestigiava bastante e nos apoiava. Lembro que nos shows tocávamos nossas músicas e muitas pessoas perguntavam de que banda elas eram... (risos). Isso acabava sendo uma motivação pra nós.

Uma das experiências mais marcantes para uma banda é a gravação do seu debut, que no caso de vocês vem a ser *Times of Dust*. Por favor, dê mais detalhes sobre a gravação e fale sobre a sensação de entrar em estúdio juntos pela primeira vez para gravar um álbum.

Ivan: Com certeza, foi um grande objetivo alcançado! A gravação foi realizada em Curitiba. Começamos em 2009 e finalizamos o processo em 2010.

Bem, passou cerca de uma década desde o lançamento do primeiro álbum, então gostaria que comentassem o que houve na época. Sabemos que a banda permaneceu um longo tempo inativa, e que isso aconteceu pouco após o lançamento do debut.

Ivan: Sim. A meu ver, esse fato aconteceu num momento controverso e curioso, pois foi logo após o show de lançamento do álbum aqui em Videira, nossa cidade de origem. Foi um show com uma ótima estrutura e boa presença de público, mas os problemas começaram a surgir em relação aos integrantes. Logo após, o também guitarrista Marcos Gaio, que vinha de longa data na banda e que participou das gravações, resolveu sair da banda por desinteresse na música e para se dedicar aos estudos. Conseguimos seguir adiante e alguns meses depois, após tocarmos no festival Otacílio Rock, num caso parecido foi a vez de o vocalista Daniel também resolver sair por motivos pessoais. Fizemos mais dois shows, um em Joaçaba ao lado da banda Vlad V e outro em um festival na cidade de Pinhalzinho ao lado da Motorocker, nos quais o vocalista foi Jean Varella, que também fez parte da Orquídea Negra.

Como se deu a reunião ou a nova encarnação do Warfield? Desde o início já tinham vontade de registrar um novo álbum?

Ivan: Pois é, a vontade e a motivação eram grandes, antes mesmo dessa pausa em 2011 já havia ideias para a gravação de um novo álbum, já ensaiávamos temas como *Missing Children*, que estava praticamente definida, e também alguns riffs de outras músicas que vieram a fazer parte de *Master Executor*. Então houve uma continuidade, só que de uma maneira menos atuante, devido ao fato de não conseguirmos manter a banda em atividade nos shows. Na verdade, o novo álbum foi praticamente finalizado, mesmo que de maneira mais lenta, já em 2016, e os ajustes finais foram se arrastando, sendo que a divulgação ficou mesmo pra 2021. Nessa nova encarnação, da primeira formação permanecemos eu e o baterista Fontaine Di Bastiani; completando a formação estão Gustavo Rafaeli, que gravou as vozes, e Thomaz Bordignon, que gravou o baixo. Recentemente, entrou na banda o guitarrista Fabrício Casella para seguir em possíveis shows e novos projetos.

Falemos então sobre o mais novo petardo, *Master Executor*. Após tantos anos, como funcionou o processo de composição? Existiam ideias registradas ao longo dos anos ou tudo que ouvimos aqui é material novo, composto após o retorno?

Ivan: O novo álbum teve um processo de gravação diferente do anterior, pois desta vez a banda não estava em atividade, o que mudou a dinâmica do processo. A parada nas atividades acabou deixando sequelas por vários motivos, sejam pessoais, emocionais, por tentativas frustrantes de integrar novos integrantes, cenário musical etc. As ideias existiam, foram sendo complementadas nesse período de tempo e conseguimos finalizar da melhor maneira possível. O resultado felizmente foi bastante positivo.

Dentre as canções do novo disco, gostaria que comentassem duas das mais longas, que chamam a atenção tanto musical quanto liricamente. Para começar, fale-nos sobre *June 1944 (D-Day)*.

Ivan: Essa é uma das duas músicas com tema histórico deste álbum. Ela tem uma pegada bastante thrash metal, realmente considero um tema super importante e de total relevância em nossa história recente. O Dia D foi o dia em que praticamente aconteceu o fim à II Guerra Mundial, em 6 de junho de 1944. As tropas dos países aliados reuniram o maior arsenal de armas e soldados da história do mundo para fazer frente às forças nazistas na Normandia, no território francês. Com certeza, essa data teve um papel importante e definitivo sobre o futuro da humanidade, provavelmente se não fosse essa ação, não estaríamos aqui conversando. Realmente, esse tema tem um conteúdo extenso, mas o resultado foi bem bacana e conseguimos adaptar os principais fatos à música. Além dessa, a outra música que trata de um fato histórico é *Seabiscuit (The Racehorse)*, que narra um fato histórico sobre um cavalo de corrida da década de 30. Trata-se de fato muito interessante e de grande prestígio na época de ouro do turfe, que também que vale a pena conhecer. Inclusive, eu assisti a um filme sobre ele que me emocionou bastante e por isso decidi criar uma música baseada na história.

Agora, fale-nos mais sobre *Missing Children*, minha favorita neste novo registro.

Ivan: Legal essa escolha! *Missing Children* é um tema dramático e sentimental que, em tese, entre tantos casos, retrata o sofrimento de uma mãe por causa do sequestro de seu pequeno filho. É uma situação extremamente triste e desgastante para as todas as pessoas envolvidas em casos de desaparecidos, pois passam a vida em desespero e martírio em busca de notícias sobre o desaparecimento. Então, essa foi uma maneira de expor o caso e prestar solidariedade a essas pessoas, destacando esse tema extremamente importante que infelizmente ocorre pelos mais variados motivos.

Valtemir Amler

EVIL SENSE
O MAU SENTIDO DO THRASH

Na estrada desde o ano 2000, a banda paulistana Evil Sense já tinha no currículo três demos e um álbum completo, até lançar meu mais novo álbum, *Drink from Hell*. Buscando conquistar cada vez mais espaço no underground, o trio sofreu um baque com a saída repentina do vocalista e guitarrista Capú. Suco (guitarra), Guilherme (baixo) e Ricardo (bateria) resolveram seguir como trio, com os dois primeiros dividindo o microfone, até que veio a boa notícia: resolvidas as questões pessoas que o levaram a se afastar, Capú retornou ao Evil Sense. De "nova/velha" formação, a banda agora ataca a divulgação do álbum e traça planos para o futuro. Suco conversou com a ROADIE CREW e falou sobre tudo isso.

Evil Sense: o trio da foto recebeu um reforço com o retorno do vocalista e guitarrista Capú

Evil Sense é um nome bastante interessante... Qual a origem dele?

Suco: Antes do nome Evil Sense, a banda se chamava Phantom Lord. E o nome surgiu de certa forma do termo 'mau sentido', ou seja, tudo há um mau sentido, dependendo do ponto de vista ou das suas intenções.

Houve uma movimentação diferente na formação da banda, já que o vocalista e guitarrista Capú se afastou após a gravação do, vocês prosseguiram como trio, mas agora ele retornou. Por que se deu toda essa mudança?

Suco: Sim, mas felizmente ficamos como trio por pouco tempo (risos). O Capú passou por alguns problemas pessoas que o fizeram tomar a decisão de sair da banda. Porém, depois de a poeira baixar e tudo se ajeitar, ele percebeu que ali era seu lugar. Conversamos bastante e agora ele retorna com gás total e energia renovada. A frase 'você sai do metal, mas o metal nunca sai de você' jamais fez tanto sentido como agora!

Com a volta dele, como ficam os vocais, já que você e Guilherme passaram a dividi-los enquanto ele estava fora?

Suco: Na verdade, agora três vocalistas! Temos o Capú como vocal principal, em algumas musicas eu canto e o Guilherme idem. A ideia para o futuro é que a gente explore mais essa questão e possa aproveitar os três estilos de vocais diferentes.

O som de vocês é claramente calcado no thrash oitentista. Quais nomes dessa fase mais inspiraram (e inspiram) vocês?

Suco: Nossa maior influência sempre veio da safra oitentista, principalmente dos primórdios da Bay Area. Mas, além do thrash metal, a banda também tem influências de vertentes como heavy e death metal. Cada um dos integrantes tem um pouco mais acentuada cada uma dessas vertentes e é dessa forma que moldamos nosso som.

O primeiro disco de vocês, *Fight for Freedom*, saiu em 2017. Como vocês compararam esse primeiro trabalho com o novo, *Drink from Hell*?

Suco: Certamente, há uma evolução desde *Fight For Freedom*, desde as novas composições como também na qualidade da gravação. Sem contar que no meio do caminho houve mudanças em nosso line-up, com a entrada do Guilherme, e esse cara veio cheio de gás e novas ideias para a banda. Então, o tempo, a maturidade e as experiências de cada um neste intervalo contribuíram para o resultado final.

Por acaso o título do novo disco tem algo a ver com o famoso filme de Robert Rodriguez, "Um Drink no Inferno" (1996)?

Suco: Na verdade, não tem a ver com o filme. A faixa *Drink from Hell* conta uma história que é bem comum aos que curtem metal: basicamente, é a historia de um cara que já está puto com o trampo e não vê a hora de sair do trampo numa sexta-feira, tomar uns 'drinks from hell' e curtir com os amigos.

Chama muito a atenção o peso do novo disco. Quem foi o produtor responsável por ele? Esse peso todo saiu exclusivamente da mão dele ou você o orientaram nesse sentido?

Suco: A gravação foi feita no No Limits Studio, cujo proprietário é o Ivi Kardec (Podridão e Beyond the Grave). Na mixagem e na masterização, deixamos a responsa toda na mão dele, mas havíamos previamente conversado sobre como gostaríamos que tudo soasse e ficamos bem satisfeitos com o resultado.

A capa de *Drink from Hell* traz uma série de informações visuais. Poderiam esmiuçar o significado dela e das diversas imagens que a compõem?

Suco: A ideia da arte é realmente retratar o que é dito na letra: vazar do trabalho, ver os amigos e chapar pra aliviar o stress e os problemas da vida. Quem não quer 'libertar os demônios' depois de um dia cansativo de trabalho não é? (risos)

Vocês estão prestes a lançar um videoclipe de um tema do novo disco. O que podem adiantar sobre ele?

Suco: Sim. Inclusive, o vídeo é algo que já está no radar faz anos. Mas, como bem sabemos, há um investimento considerável envolvido e agora, como estamos retomando os planos, já estamos negociando com uma produtora e em paralelo trabalhando num possível roteiro. Desta vez sai!! (risos)

Na mesma linha de raciocínio, dá pra dizer que hoje é praticamente obrigatório que a música venha acompanhada de um vídeo? Ou seja, som e imagem se tornaram complementares?

Suco: Não diria obrigatório, mas acredito que isso possibilite mais visibilidade para a banda e uma outra experiência aqueles que curtem o nosso som.

O disco foi lançado há algum tempo. Já deu pra ver qual a repercussão dele?

Suco: Sim. Recebemos muitas críticas positivas do nosso novo trabalho, muito se comentou sobre a evolução e a qualidade da gravação, e isso para nós é muito gratificante. Além disso, muitas das criticas (sejam elas positivas ou construtivas) vão servir de parâmetro para futuros sons e certamente melhorias em geral.

Vocês falam na intenção de tocar fora do Brasil. Já há algo de concreto nesse sentido ou ainda é apenas um sonho?

Suco: Ainda é um sonho... (risos) De novo, como sabemos há um custo considerável para isso, tanto nosso como de eventuais produtoras, então não há nada de concreto ainda. Mas já estamos prontos para quando pintar a oportunidade!

Por outro lado, vocês têm uma agenda bem intensa por aqui. Qual o segredo para conseguir se apresentar com frequência?

Suco: Na verdade, não há segredo. Como acabamos de lançar o play, é natural que façamos mais shows. Estamos expandindo os contatos também, e isso ajuda bastante para receber convites e tal. Na verdade, até achamos que ainda está devagar! (risos) Mas já estamos em contato com alguns produtores e conseguindo agendar mais alguns shows bem legais. Logo mais divulgaremos as datas!

Antonio Carlos Monteiro

Clube de Revistas

HOLDARK
PAGAN METAL COM CRIATIVIDADE

Na cidade de Tatuí, no interior de São Paulo, surgiu, no ano 2000, uma banda de viking metal chamada Baptised in Ice. O grupo chegou a lançar um disco, *Ironhorn*, em 2009, e encerrou atividades. Porém, em 2017, três dos integrantes do Baptised in Ice – Luciano Scanhoela (vocal e guitarra), Francisco Vidal (guitarra) e Humberto Mascau (baixo) – voltaram a se reunir, agora com outro direcionamento musical, o pagan metal. Com o baterista Wendel Rodrigues, o quarteto soltou dois singles, *Fly My Ravens* (2018) e *Glorious Hammer* (2019), antes de colocar no mercado seu primeiro full-length, *Ocean*, que saiu apenas no ano passado. Incluindo detalhes de prog metal e algumas soluções vocais inovadoras, o repertório caiu nas graças dos fãs do estilo não apenas do Brasil. Conversamos com Luciano Scanhoela, que falou para os leitores da ROADIE CREW sobre o processo de transição do Baptised in Ice para o Holdark, sobre a sonoridade da banda, a mudança na formação (o baixista Humberto Mascau foi substituído por Rafael Saraiva após a gravação do disco) e até sobre aqueles que acham estranho um grupo brasileiro se enveredar a falar de temas relacionados com o folclore nórdico.

Divulgação

Holdark: depois de lançar dois singles, quarteto paulista solta primeiro disco

A banda começou em 2000 sob o nome Baptised in Ice. Então, em 2017 três dos integrantes dessa banda resolveram criar um novo grupo, o Holdark, e mudaram inclusive a orientação musical, passando do viking metal para o pagan metal. Por que aconteceu essa mudança?

Luciano Scanhoela: O Baptised in Ice já estava parado há alguns anos e assim decidimos criar a Holdark que vem com outra proposta. O Baptised era puramente viking metal, já o Holdark aborda temas diversos.

Essa mudança se deu em 2017, com já foi dito, mas o primeiro álbum veio só no ano passado. Algum motivo em especial para ter demorado tanto para sair?

Luciano: Foi principalmente devido à pandemia. Nós adiamos o início da pré-produção do álbum, mas antes disso tínhamos lançado os singles *Fly My Ravens* em 2018 e *Glorious Hammer* em 2019.

***Ocean* é um disco conceitual no sentido de contar uma história ou de possuir um único tema norteando as letras?**

Luciano: *Ocean* não é um álbum conceitual, nós abordamos temas variados nele.

A gente percebe ao longo do disco alguns arranjos vocais bem elaborados, o que não é muito comum nesse gênero que vocês praticam. Seria um diferencial do Holdark?

Luciano: Acho que esse seria um diferencial também. Nós trabalhamos bastante nesses arranjos nas gravações.

Nota-se também uma pegada mais prog em algumas passagens mais intrincadas e até de ritmo meio quebrado. Concordam com essa impressão?

Luciano: Essa é umas das características da banda, ter algumas partes mais progressivas também.

Por outro lado, as músicas de vocês são bastante curtas de modo geral. Vocês compuseram o repertório assim intencionalmente ou as músicas saíram desse modo naturalmente?

Luciano: Para esse álbum, foi intencional. No momento, estamos trabalhando nas músicas do próximo disco e elas estão saindo um pouco mais longas agora.

Chama a atenção a produção de *Ocean*, que é simples, mas parece ser bem cuidadosa. Fale um pouco a respeito, por favor.

Luciano: Quem produziu o álbum foi Iago Pedroso e ele foi gravado no Estúdio 8. Como ele é nosso amigo, pedimos para que fosse o nosso produtor do disco. Ele queria que a sonoridade saísse mais orgânica e acredito que isso contribuiu para a produção soar mais simples.

Também passa a impressão que vocês se preocuparam muito com a arte da capa. Quem assinou a arte e qual o significado dela?

Luciano: Quem assinou a capa foi o Rômulo Dias. A ideia é que ela surgisse como se fosse um núcleo, uma célula cuja origem é vinda do oceano.

Causou estranheza em alguns o fato de uma banda brasileira se aventurar a fazer um estilo baseado na cultura nórdica, que pouco tem a ver com a gente. O que vocês têm a dizer a respeito?

Luciano: É só a abordagem de um tema pelo qual temos admiração mesmo. Gostamos bastante de bandas como Bathory, Thyrfing e Vintersorg, dentre outras. Daí a influência. Neste álbum, 40% dele tem algo relacionado à mitologia nórdica, enquanto o restante trata de temas diversos, ou seja, não estamos presos a somente esta temática.

Muitas bandas estão apostando em EPs ou até mesmo singles em função da urgência do mercado atual. O que levou vocês a apostarem em lançar um disco completo?

Luciano: Nossa gravadora pediu para que fosse um álbum completo. Existe um público muito grande que consome este formato.

Ocean saiu em formato físico ou vai ficar apenas no digital?

Luciano: O formato físico já está na programação da fábrica e será lançado a qualquer momento.

Pelo que vi, Rafael Saraiva é o novo baixista da banda. Por que ocorreu a troca?

Luciano: Por motivos pessoais, nosso antigo baixista precisou deixar a banda.

Uma das vantagens do streaming é a facilidade de se apurar o desempenho de um trabalho. Olhando para o exterior, em quais países Ocean tem ido melhor?

Luciano: A última vez que vimos, o desempenho o Japão estava indo bem e foi até um dos destaques da Amazon de lá.

Tocar no exterior é um objetivo do Holdark?

Luciano: Sim, temos esse objetivo para o futuro.

E aqui no Brasil, está fácil se apresentar?

Luciano: Ainda não estamos nos apresentando com frequência. Este ainda é nosso primeiro lançamento e nossa gravadora Eternal Hatred Records está fazendo um ótimo trabalho de divulgação de *Ocean* com plano bem elaborado de lançamento e a criação de um bom portfólio para a banda. Assim, acreditamos que as apresentações serão uma consequência natural de todo esse trabalho que está sendo feito.

Antonio Carlos Monteiro

Clube de Revistas

SOUND CITY RECORDS

EDEL e·a·r MUSIC

MYRATH
KARMA

Provando que o metal não tem fronteiras, em Karma os tunisianos do Myrath fortalecem a fusão entre prog metal e sons do Oriente Médio. Uma enriquecedora viagem sonora e cultural.

H.E.A.T
FREEDOM ROCK

Lançado originalmente em 2010, Freedom Rock ganha agora nova mixagem e faixas bônus. Foi com esse segundo álbum que o H.E.A.T se eternizou no panteão dos grandes nomes do hard rock sueco.

NEW MODEL ARMY
UNBROKEN

Cheio de guitarras, vocais penetrantes e ênfase no baixo e bateria, Unbroken, 16° álbum dos veteranos do post-punk, é o New Model Army soando renovado, porém ainda conectado às suas raízes.

www.jornalpetardo.com.br

DEEP PURPLE
LIVE IN HONG KONG

DEEP PURPLE
LIVE IN TOKYO

DEEP PURPLE
INFINITE - THE GOLD EDITION

H.E.A.T
H.E.A.T

Adquira em
www.valhallmusic.com.br

Clube de Revistas

MALICE GARDEN
O INFERNO DESCENDO NA TERRA

Criado em 1999, o Malice Garden conseguiu, através das demos *Revenge Against Jesus Christ* (2000) e *Eternal Evil Victory* (2002), um bom nome na cena do metal extremo nacional. Porém, divergências internas levaram o grupo a encerrar atividades, que só foram retomadas em 2018. Agora contando com Orland Bússolo (vocal), Opressor e Henrique Heichert (guitarras), John K. (baixo) e J.V. Accord (bateria), o grupo finalmente solta seu primeiro full-length, *S.I.N. – Supreme Instinct Numb*, que vem obtendo excelente repercussão junto a fãs e crítica. Orland Bússolo falou sobre essa nova fase do Malice Garden.

Divulgação

Malice Garden: pronto para novos desafios

Vocês começaram em 1999 e lançaram duas demos, nos anos 2000 e 2002. Qual foi a resposta que elas obtiveram na época?

Orland Bússolo: Na época, as duas demos tiveram uma resposta muito positiva, abriram várias portas e a banda participou de festivais pelo Brasil, tendo oportunidade de dividir palco com grandes nomes do metal mundial como Vader, Dark Funeral, Marduk e Krisiun, entre outras. Também rendeu o interesse da Tumba Records para lançamento do disco de estreia, o que não aconteceu devido à separação da banda na época.

Falando nisso, a banda parou e ficou inativa por quinze anos. Por que se separaram e por que levou tanto tempo para voltarem?

Orland: Na época, foi integrado um novo membro que era amigo de alguns dos integrantes, mas que não conseguia acompanhar tecnicamente a banda. Assim, alguns decidiram que não teria como ele continuar, precisávamos de alguém com o mesmo nível técnico do resto dos músicos e isso acabou dividindo a banda. Essas coisas são complicadas, foi se criando um clima tenso e de desconfiança, não estava mais legal, então decidimos dar um tempo. Nesse período parado, tentamos nos reunir alguma vezes, até que em 2018 resolvemos que voltaríamos com mais força do que quando paramos.

Os objetivos do Malice Garden de hoje são os mesmos de quando pararam, lá na metade dos anos 2000?

Orland: Hoje são bem maiores! Nosso único objetivo na época era beber, tocar o máximo possível e gastar os cachês em mais álcool. Não existia um gerenciamento real na coisa, não tínhamos muita noção do que estava acontecendo. Hoje somos mais maduros, temos objetivos traçados, a banda tem um planejamento e um gerenciamento e entendemos melhor como as coisas funcionam.

E a sonoridade, permaneceu a mesma ou mudou durante esse tempo?

Orland: É normal depois de treze anos as pessoas evoluírem, se aperfeiçoarem e terem novas influências no decorrer desse tempo. Apesar de a banda estar parada, nós nunca paramos de estudar nossos instrumentos, tocamos em outras bandas, aprendemos técnicas novas. Todos esses fatores acabaram criando uma nova identidade e sonoridade no som da banda, mas sem perder a essência. O death metal ainda está ali, mas creio que com mais influência de black metal.

A produção de *S.I.N.* está excelente. Como foi o processo de gravação? Foi rápido ou demorou para lapidar e atingir a sonoridade que desejavam?

Orland: Na produção do álbum tivemos a vantagem de eu ter um estúdio e estar trabalhando com produção na época. Fizemos toda a pré-produção no meu estúdio, lapidamos as músicas, gravamos uma demo do álbum para ver como soaria e fizemos os ajustes necessários. Só depois partimos para Porto Alegre, para o Hurricane Studio, onde tivemos a mão profana do Sebastian Carsin como produtor, o que deu uma grande diferença no resultado final.

Vocês apostam em passagens mais elaboradas, além de lançarem mão de muita técnica e de melodia em suas músicas. Acreditam que esses detalhes podem levar o Malice Garden a ampliar seu público, não ficando apenas no nicho do black metal?

Orland: Na verdade, nós nunca pensamos nisso. Na hora de compor, sempre buscamos fazer aquilo que nos agrade, que nos deixe realizados ouvindo, que fosse de verdade. Porém, isso acabou acontecendo, tivemos esse feedback de público que não é do metal extremo, que se interessou pelo álbum principalmente pela técnica e pela melodia.

Hoje em dia, é impossível dissociar o som da imagem. Vocês ainda não lançaram nenhum vídeo do disco *S.I.N.* Está nos planos gravar um ou mais clipes?

Orland: Ainda não temos clipes lançados para as músicas do álbum, mas isso já está nos nossos projetos e em breve teremos surpresas. Mas até que um clipe oficial não seja lançado, existem alguns vídeos da banda ao vivo no YouTube.

Vocês têm mais de vinte anos de carreira, mas ficaram um bom tempo inativos, como já conversamos, e só agora estão lançando seu primeiro full-length. A despeito disso, o Malice Garden é um dos nomes mais respeitados do black metal nacional. Qual o diferencial da banda que a levou a atingir esse, digamos assim, status?

Orland: Não sei dizer se existe uma fórmula ou um diferencial para isso. Temos atitude como banda e em nossas músicas. Fizemos tudo com muita intensidade, nós realmente gostamos do que fazemos. O metal extremo está no nosso sangue e creio que acabamos transpirando isso no decorrer da nossa carreira. Creio que o público assimila isso.

Pelo que sabemos, o disco já saiu no exterior. Qual foi a repercussão dele por lá? Em que países está indo melhor? E aqui no Brasil, qual tem sido a resposta?

Orland: O álbum foi lançado no exterior pela Eternal Hatred Records, eles estão distribuindo na Europa e Estados Unidos, e pelo feedback da gravadora a aceitação por lá está indo muito bem, acima do que esperavam. Aqui no Brasil superou todas as nossas expectativas tanto em vendas, como na aceitação do público, e nas resenhas da mídia, que vieram todas com notas altíssimas.

Tocar no exterior seria uma meta do Malice Garden?

Orland: Hoje seria uma das principais.

E aqui no Brasil, está fácil conseguir se apresentar?

Orland: Como o Brasil é um país muito grande, às vezes a distância se torna um problema. Mas hoje temos bons festivais muito bem estruturados em todas as regiões. Tocamos em praticamente todos os festivais do sul do pais, em São Paulo tocamos no segundo Setembro Negro, e em todos eles sempre tivemos um bom retorno do público. Temos muita vontade de tocar em todas as regiões do país, nos lugares a que ainda não fomos. Gostaríamos muito de mostrar o inferno descendo na terra que é o Malice Garden ao vivo.

Com o disco finalmente lançado, quais os planos/metas imediatos de vocês?

Orland: Temos planos de lançar um videoclipe, como já disse, e a meta de tocar para divulgar o disco por todo o Brasil e no exterior. Também já estamos iniciando as composições para um segundo álbum. A intenção agora é não parar mais de produzir, tocar e lançar material.

Antonio Carlos Monteiro

Clube de Revistas

HEADSPAWN
VIAJANDO PELA MÚSICA PESADA

Formada em meados de 2019, a banda de groove metal oriunda de João Pessoa/PB Headspawn já vem fazendo ondas em escala nacional após seu álbum de estreia, *Parasites*, ter sido recebido calorosamente pelos fãs. Tivemos a chance de falar com o vocalista Alf Cantalice sobre uma vasta gama de assuntos: da gravação do EP ao vivo que precedeu *Parasites* às principais influências do grupo e os temas líricos abordados.

Renata Luna

J.P Cordeiro, Alf Cantalice e Marconi Jr. agrupam mensagens fortes e imagens provocativas

Como descreveria a evolução da banda desde o lançamento de seu primeiro EP, *Pretty Ugly People*?

Alf Cantalice: Essencialmente, Headspawn é como uma liga de absolutamente tudo o que nós gostamos. Quando começamos, fomos juntando uma coisa aqui com outra ali e curtindo muito aquele processo. *Parasites* foi composto, quase que em sua totalidade, durante o lançamento do EP, então podemos dizer que as composições de ambos os trabalhos foram contemporâneas. O fato de fazermos turnês e sentirmos o público de fora reagindo ao nosso som certamente nos deu mais confiança e isso acaba mantendo a banda muito motivada. Já temos previsão de novos lançamentos em 2024, eu diria que estamos produzindo a todo vapor.

Vocês comentaram que a gravação do EP ao vivo em seu show de estreia fez vocês evoluírem mais rápido. Poderia elaborar um pouco mais sobre esse processo?

Alf: A única razão pela qual o EP ao vivo existe é o fato de o Headspawn ter surgido meses antes da quarentena do coronavírus. Como estávamos impossibilitados de fazer shows, e também havia essa vontade de mostrar que não éramos uma 'banda de estúdio', veio a ideia de fazer o EP ao vivo com os vídeos da live session. Nos ensaios de preparação, separávamos 80% do tempo para repetir exaustivamente as músicas do EP e no resto do tempo a gente estava compondo *Parasites*. Isso foi afiando bastante a banda, e quando houve a liberação estávamos prontos para iniciar uma boa sequência de shows. Foi um período muito produtivo que resultou num bom material videográfico, num ótimo álbum e preparou a banda para turnê.

A Headspawn é uma banda paraibana de groove metal. Como veem o crescimento desse estilo no Nordeste, cena que é muito atuante em todos os tipos de rock/metal, mas tradicionalmente do lado mais extremo?

Alf: Pode parecer clichê a afirmação de que não temos qualquer apego a rótulos, mas não somos particularmente coisa alguma, o que não quer dizer que a gente não soe como groove metal ou grunge ou heavy metal, entende? Acho que nossa proposta de viajar por diferentes vertentes da música pesada acaba fazendo com que nosso som adentre alguns grupos que são mais dedicados a determinados estilos. Participar de eventos de metal extremo também não é novidade para nós, inclusive temos muitos amigos em atividade plena no metal extremo do Nordeste e principalmente na Paraíba, como Behaviour e Sodoma. Trabalhamos muito também com a galera do punk rock, do stoner e da música regional, então eu acho que a cena nordestina, além de aquecida em volume, também está bastante diversificada.

Continuando nessa linha dos aspectos regionais no metal, *Parasite* incorpora diversas sonoridades mais tradicionais do Nordeste. Como foi incorporar esta sonoridade no álbum?

Alf: Em *Pretty Ugly People* estávamos muito focados em fazer daquela mistura de sonoridades a nossa identidade. Então, o elemento regional acabou entrando timidamente, a exemplo da faixa *Satan Goss* que na quebrada da música usa como base a caixa no ritmo do maracatu. No *Parasites*, foi uma questão de explorar nossa própria identidade, de salientar essa regionalidade e oferecer ao ouvinte essa mistura das belezas nordestinas com a música pesada. E é certo dizer que está longe de ser a última vez que fizemos essa mistura.

Dentro do som da Headspawn podemos notar influências que vão de Sepultura, Soulfly e Slipknot a Alice In Chains, elem de algumas pitadas de um Korn mais pesado e encorpado. Desde o início era essa a proposta que queriam ou ela foi lapidando aos poucos?

Alf: Desde o começo, o plano era tocar tudo aquilo que gostamos. A gente não vai ficar medindo o que é o que na hora de fechar uma composição, mas temos consciência de que soamos de uma forma em que facilmente se captura alguma referência. Sempre vamos parecer com alguma banda diferente, de acordo com o espectador que lhes falar. Mas, para nós, estamos apenas dando continuidade à nossa linguagem.

Vocês abordam temas líricos um tanto sensíveis no LP como racismo, perseguição de minorias e os infernos particulares de cada um. Poderiam elaborar um pouco mais sobre tais temas?

Alf: Nada deve ser feito à toa, nenhuma nota, nem uma palavra cantada. As coisas precisam fazer um sentido para estarem juntas e isso é o que define a profundidade da obra. Nada contra quem escreve sobre anjos do céu, demônios do inferno, deuses nórdicos etc. Nosso recorte não é um quadro parado, o EP bate muito no que a sociedade tem feito com as pessoas e o álbum também não foge à regra. Nós soamos como um grito de dor ou um frenesi, ao mesmo tempo em que podemos soar como um indivíduo melancólico, capturamos os temas sobre diferentes perspectivas, o que é um dos pilares de um trabalho conceitual. Nosso som precisa interagir com mensagens fortes, com imagens provocativas de um bom filme de terror. As coisas que consideramos horríveis acabam virando tema de nossas letras e casam direitinho com o som.

Qual a história por trás da capa?

Alf: Precisávamos de uma capa que pudesse conter diversos elementos relacionados às músicas. Então, demos continuidade ao contraste entre a beleza e a feiúra, e começamos a bolar algo nessa linha. Escolhemos cuidadosamente a preguiça para simbolizar a passividade da natureza enquanto a humanidade surge como nêmesis. Passamos a ideia para o desenhista (Wildner Lima) e ele começou a fazer esboços muito bons que chegaram naquela arte final.

Quais os planos para o futuro?

Alf: Como fazemos tudo de forma independente, precisamos arregaçar as mangas e fazer tudo nós mesmos. Estamos programados para gravar clipe, fazer turnê no Sul e no Sudeste, gravar material novo e, entre tudo isso, shows no Nordeste.

Daniel Agapito

Clube de Revistas

ENTREVISTA
ROY KHAN
A reconstrução do Conception

Fotos: Divulgação

Tivemos a chance de bater um papo com Roy Khan, a voz por trás da banda norueguesa Conception, que virá ao Brasil pela primeira vez em sua história para um show único no Carioca Club (SP) no dia 9 de junho. Khan, que esteve este ano em São Paulo como convidado do show de Edu Falaschi em janeiro último, falou sobre esta experiência. Além disso, comentou sobre o possível setlist da estreia do Conception no Brasil, falou sobre o seu disco solo, o amor pelo A-HA, entre outros assuntos da banda, que tem em sua discografia os álbuns *The Last Sunset* (1991), *Parallel Minds* (1993), *In Your Multitude* (1995) *Flow* (1997), *My Dark Symphony* (EP, 2018) e *State of Deception* (2020). "Tanto o A-HA quanto o TNT foram pontos de referência bem diretos para nós. Foram bandas que escutamos em nossos anos de formação, quando éramos crianças e buscávamos achar nossas identidades", comentou.

ANÁLISE
EDIFIER WH700NB
Ótimo som, grande autonomia

A maneira como consumimos música mudou, mas os amantes da quarta arte não abrem mão de um detalhe: ouvir música com qualidade. A ROADIE CREW testou o headphone Bluetooth WH700NB, da Edifier, que entrega mais do que promete numa das melhores relações custo-benefício do mercado. O design bonito e muito confortável - o fone é agradavelmente leve - é acompanhado por recursos úteis, como o cancelamento de ruído sem isolar totalmente o ouvinte do ambiente, e um grande destaque: a impressionante autonomia da bateria. Acesse o artigo com a análise de Daniel Dutra.

MEMÓRIA
RC #154

"Era impensável cogitar que tocaríamos na Rússia naquela fase do comunismo, mas aquele foi um dos momentos mais incríveis da minha vida", Bernie Shaw (Uriah Heep) sobre tocar na Rússia.

YOUTUBE
MELHORES DE 2023 SEGUNDO OS LEITORES

Fotos: Divulgação

O canal da Roadie Crew traz um vídeo com Antonio Carlos Monteiro, Daniel Dutra, Luiz Tosi e Ricardo Batalha comentando sobre os melhores do ano na votação dos leitores (foram mais de 12.863 votos válidos).

ASSINATURAS
E números atrasados

Para números atrasados ou fazer a assinatura para receber a ROADIE CREW em casa, acesse: www.roadiecrew.com/assinaturas ou entre em contato pelo whatsapp: (11) 96380-2917.

TOP 3 OS PREFERIDOS DO MÊS

LEITOR: envie um e-mail para roadiemail@roadiecrew.com, colocando seus dados (nome completo, cidade/estado). Publicaremos alguns preferidos dos leitores a cada edição!

Claudio Vicentin (Diretor)
Killswitch Engage - *Atonement*
Soilwork - *Figure Number Five*
Evergrey - *From the Dark Discoveries to Heartless Portraits*

Ricardo Batalha (Redator Chefe)
Conception - *Flow*
Ratt - *Dancing Undercover*
Sodom - *Persecution Mania*

Daniel Dutra (Redator)
Judas Priest - *Invincible Shield*
The Vintage Caravan - *The Monuments Tour*
The Answer - *Sundowners*

Gabriela de Fatima Dortt (Leitora)
Krisiun - *The Great Execution*
Riot - *Thundersteel*
Therion - *Leviathan III*

Mario Regatieri Filho (Leitor)
Gotus - *Gotus*
Lucifer - *Lucifer V*
Edge of Forever - *Ritual*

Wladinei Lima (Leitor)
Volbeat - *Servant of the Mundo*
Satyricon - *Deep Calleth Upon Deep*
Uriah Heep - *Chaos & Colours*

Clube de Revistas

MS METAL AGENCY BRASIL
APRESENTA:

DragonHeart

NOTA 9,5
AS ROADIE CREW

DRAGONHEART - The Dragonheart's Tale

UM DOS MAIS IMPORTANTES NOMES DO POWER METAL NACIONAL, O DRAGONHEART LANÇA O QUINTO ÁLBUM DA SUA GLORIOSA JORNADA, THE DRAGONHEART'S TALE.
Celebrando mais de 25 anos de carreira com o retorno de um dos gigantes do estilo no Brasil.
O trabalho expande o universo dos álbuns clássicos, e é indicado para, além do fãs do verdadeiro heavy metal, aos apreciadores da música medieval, renascentista e celta, e admiradores de RPG, games e trilhas sonoras épicas.

DISPONÍVEL EM TODAS AS PLATAFORMAS DIGITAIS

MS METAL AGENCY · Spotify · DEEZER · amazon Prime music · Available on iTunes

VERSAO FÍSICA POR Hellion

anúncio: www.jduartedesign.com

Clube de Revistas

Sarah Maiden

O Rei Mercyful Fate e seus Eternos Reinados

A caminho do Brasil, King Diamond fala de suas experiências no país, de como a Covid poderia tê-lo matado, da sua relação com o satanismo e da nova fase na carreira

Por Daniel Dutra

Se houvesse um grupo de apostas para saber qual a atração mais aguardada da segunda edição do festival Summer Breeze no Brasil, colocar dinheiro no nome Mercyful Fate pagaria muito pouco em retorno. Isso porque King Diamond (vocal), Hank Shermann e Mike Wead (guitarras), Becky Baldwin (baixo) e Bjarne T. Holm (bateria) são a banda que a grande maioria dos fãs de metal - senão todos - quer ver em cima do palco. E o show promete ser não menos do que emocionante e inesquecível. E o Rei Diamante, numa entrevista para marcar época na ROADIE CREW, explicou exatamente por quê.

O Mercyful Fate vai encerrar o último dia da segunda edição do festival Summer Breeze no Brasil, e eu posso dizer que é a banda que todos querem ver. Ou seja, é mesmo a principal atração entre vários grandes nomes. Como você se sente sabendo disso?

King Diamond: É incrível! Mal posso esperar, porque sei como soamos atualmente, conheço a minha voz atual, e ela está melhor do que jamais esteve, então realmente estou ansioso. O Brasil sempre foi muito bom para nós. Temos boas lembranças, e essa será mais uma... Olha, nossas expectativas são muito altas! Em primeiro lugar, é maravilhoso poder voltar, porque já faz muito tempo, mas finalmente estamos indo ao Brasil de um jeito que você certamente nunca viu o Mercyful Fate antes. Teremos nossa produção completa! É a nossa forma de compensá-los por todos esses anos.

Você esteve no Brasil em 2017 com a banda King Diamond na turnê em que tocava o *Abigail* (1987) na íntegra. São duas situações distintas, é claro, mas há alguma diferença entre aquela época e agora?

King: Grande diferença, especialmente na abordagem do que eu faço. As músicas do Mercyful Fate são diferentes de cantar em comparação às do King Diamond, são compostas em estilos diferentes, e o Mercyful Fate agora está num momento em que pode apresentar uma produção completa. Não podíamos fazer isso sempre no passado porque as estrelas não estavam alinhadas, vamos dizer assim. Desde que mudamos de empresário, muitas coisas têm acontecido para ambas as bandas, e essa é uma das razões por que o Mercyful Fate pode reunir esses dois aspectos. Era uma das minhas condições para sairmos em turnê novamente, porque eu não queria que nos apresentássemos só com um backdrop, sabe? Seria tocar, pegar o dinheiro e ir embora, e não se trata disso para mim. Tem de ser o pacote completo, é preciso ter uma atmosfera junto, e não somente algumas músicas tocadas ao vivo. Há toda uma aura que faz parte do Mercyful Fate, e agora ela está sendo levada para os fãs da maneira correta. Você vai ver e entender no segundo em que eu pisar no palco. Acredite. Você vai entender por que é diferente.

E há ansiedade dos fãs não apenas pelos shows, uma vez que o retorno do Mercyful Fate fez surgir o desejo por um novo disco de estúdio...

King: E estou no meu estúdio neste momento, porque estamos compondo. Se eu ainda tiver voz hoje, continuarei cantando mais tarde, pois também estamos gravando (N.R.: a entrevista foi realizada na primeira quinzena de março). Estamos trabalhando em três novas músicas que o Hank trouxe, estudando ideias exatamente como fazíamos antigamente. Ele traz o esqueleto da canção, e eu contribuo com as letras, só que também tenho algumas ideias. A faixa-título do próximo álbum, por exemplo, será composta por mim. Já sei até qual será o título, mas não, eu não vou lhe contar qual é (risos). O que posso dizer é que está rolando como antigamente: eu componho umas três ou quatro músicas, e Hank, umas seis. Fazemos isso de propósito, para ficarmos o mais próximo possível do passado, porque é como nos sentimos agora.

> (...) eu não queria que nos apresentássemos só com um backdrop, sabe? Seria tocar, pegar o dinheiro e ir embora, e não se trata disso para mim.

E você está numa dupla jornada, porque os fãs estão igualmente ansiosos pelo lançamento de *The Institute*, e o videoclipe de *Masquerade of Madness* apenas fez crescer as expectativas que existem desde 2019...

King: E no momento eu também estou trabalhando em quatro músicas para a banda, além de uma introdução e de outra parte especial. Há duas canções que estou editando, pois venho testando algumas coisas, e o Andy (LaRocque) ainda devolveu algumas regravações para eu cantar por cima. Então, você pode ver que estamos a todo vapor em ambas as bandas (risos). Andy tem o mesmo sentimento que eu sobre a forma como estamos compondo, porque é como fazíamos antigamente, é como gostamos de trabalhar e é uma sensação maravilhosa. Tivemos uma reunião de produção semana passada com o engenheiro de iluminação, o gerente de produção, nosso empresário e o Andy, sendo que até o Hank também estava presente, e discutimos a minha visão sobre a produção de palco para os shows do King Diamond. A produção deverá refletir a nova história, que será dividida em dois discos. O engenheiro de iluminação me retornou no dia seguinte dizendo que pensou em algumas coisas que ninguém nunca viu antes, então será épico! Eu mesmo mostrei a ele algumas ideias que traduzem um pouco da visão que tenho há mais de um ano, e acredito que ele fará exatamente o que quero ver. Será realmente especial e inesquecível, uma forma totalmente nova de como nós, na banda King Diamond, usamos iluminação no palco. Será muito obscuro, bem aterrorizante, e mal posso esperar para lançar os álbuns e sair em turnê.

De volta ao Mercyful Fate, veremos no Brasil a produção completa, mas e o setlist? Vocês tocarão *The Jackal of Salzburg* aqui, por exemplo?

King: Sem dúvida, e vou lhe contar uma coisa: espero que ela seja lançada oficialmente antes de chegarmos ao Brasil, porque é uma música de nove minutos, então não é tão simples para gravar. Na verdade, a canção já está quase toda gravada, faltando apenas o baixo. Sempre quisemos gravar de um jeito em que eu registrasse meus vocais primeiro para depois o baixista tocar em cima. É algo meio Jimi Hendrix ou Uriah Heep antigo, realçando os vocais de apoio, e dá toda uma dinâmica diferente colocar o baixo por último, além de, também, um toque dos velhos tempos na música. Ela tem uma linha de baixo gravada, que acompanha a guitarra, mas regravaremos da forma que falei, e você verá a diferença.

A primeira vez em que você esteve no Brasil foi no festival Monsters of Rock, em 1996, fazendo um show duplo com Mercyful Fate e King Diamond. Quais são as suas lembranças?

King: Vez ou outra, quando estou procurando coisas na internet, encontro alguns vídeos da nossa performance naquele show, como *The Uninvited Guest* e *Sleepless Nights*. Tocamos durante o dia, mas já havia milhares de pessoas, e fiquei surpreso com o quão bom era o nosso som. Fizemos um ótimo trabalho, e fico feliz toda vez que assisto aos vídeos. Ele fazem eu me sentir bem. Claro, foi difícil fazer aquela jornada dupla, e lembro-me de terminar o show com o Mercyful Fate, sair correndo para o camarim, trocar a maquiagem e voltar para fazer o set como King Diamond. Foi difícil, porém ótimo! Minhas lembranças daquele dia são muito boas.

E no geral, boas ou mesmo ruins, quais são as memórias de suas visitas ao Brasil?

King: Não tenho lembranças ruins. Em 1998, fizemos cinco shows com o Mercyful Fate no país, incluindo Rio de Janeiro e São Paulo, e foi uma experiência diferente. Várias pessoas cuidaram de nós. Lembro-me de irmos de uma cidade para outra de ônibus, e que parávamos para comer num lugar que parecia um estacionamento! Era tipo uma cozinha a céu aberto, e foi uma das melhores carnes que comi na vida! Lembro-me, também, que passamos por uma parte de floresta, e foi uma grande experiência! Conhecemos ótimas pessoas... Tocar no Rio foi ótimo, e em São Paulo ficamos hospedados num hotel do outro lado de uma pista de Fórmula 1. O U2 fez um show lá numa das noites (N.R.: Diamond se refere ao Autódromo de Interlagos).

Recentemente, o Mercyful Fate teve uma mudança na formação, com a Becky substituindo Joey Vera de maneira definitiva. Acredito que foi uma escolha bem tranquila, certo? E ela tem técnica, visual e presença marcante...

King: Sim! Durante a turnê pela Europa, Joey nos comunicou que seria difícil para ele fazer a perna americana, devido a compromissos antigos que tinha de cumprir. Nunca tivemos problemas com ele. Não temos e não teremos, porque Joey é um dos caras mais gente boa que eu conheço, um baixista e ser humano de alto nível, então seremos amigos para sempre. Fomos buscar alguém que pudesse tocar na turnê pelos Estados Unidos e, como eu estava olhando vários baixistas, chegamos a essa pessoa em alguns dias. Cheguei a falar com uma, cujo nome não posso revelar, e quase fechamos, mas ele também tinha compromissos anteriores para cumprir, então não seria possível. Trata-se de um grande amigo meu, e seremos amigos até o dia em que eu morrer, mas não deu certo. Continuei a procurar, mas o problema era que os que encontrei ou tocavam com palheta ou estavam em turnê, e tinha de ser alguém que tocasse com os dedos, por causa da sonoridade que o Timi (Hansen) criou nos primeiros discos. Estávamos levando esses aspectos muito a sério. Perguntei aos nossos empresários se poderia ser uma mulher, e eles não apenas disseram que sim como sugeriram um nome do qual eu já havia ouvido falar. No entanto, do nada o Hank veio com um nome de alguém que ele acompanhava o trabalho pela internet, disse que ela era brilhante, e eu fui ver quem era e como tocava. Estávamos a três dias do nosso show no Bloodstock, então precisávamos escolher logo, e foi a Becky que o Hank sugeriu. Nos vídeos, ela tocava e ensinava Black Sabbath, Iron Maiden, King Diamond, Rainbow, Mercyful Fate... Vi o quanto ela é dedicada. Disse que deveríamos checar se a Becky estaria disponível nas datas que tínhamos, então descobrimos que ela estaria no Bloodstock, também! Nossa equipe mandou um e-mail, mas não teve resposta, e aí tivemos de chamá-la pelo sistema de som do festival para que nos encontrasse no backstage. Eu estava fazendo uma sessão de fotos no camarim quando a Becky chegou, nós conversamos um pouco, perguntei se ela estaria ocupada no verão, se gostaria de se juntar a nós para a turnê nos EUA, e de repente fez-se um silêncio (risos). Eu disse que ela poderia pensar sobre a proposta, que a vaga estava aberta, então ela poderia nos dar a resposta em alguns dias, e assim foi feito quando nos falamos por telefone dias depois. A Becky aceitou, mandamos o setlist, e, como queríamos honrar a memória do Timi, ela teria de captar todas as coisas que ele criou nos discos iniciais. A Becky fez exatamente isso, além de um excelente trabalho em nossa turnê americana. Foi aí que aconteceu mais uma dessas coisas que fogem ao nosso controle, e que fugiram ao controle do Joey, e precisávamos acertar as coisas. Não daria para continuar dessa forma. Tínhamos que parar tudo e recomeçar do jeito certo, e todos concordaram. Como eu disse, somos todos amigos, pessoas de altíssimo nível, e não tenho nem meia palavra ruim para falar sobre o Joey ou sobre o talento dele como músico. No entanto, havia coisas que não poderiam ser resolvidas a tempo, e tínhamos pressa, então resolvemos perguntar à Becky, só que resolvi ligar para tirar uma onda com a cara dela, porque sou assim (risos). Eu disse: 'Olha, desculpe-me por ter que dar essa notícia, mas você não poderá fazer os shows na América do Sul como substituta', e fez-se um silêncio do outro lado da linha. Eu prossegui: 'Mas você pode fazer esses shows como integrante oficial, se quiser', e ela deu um grito! (risos) 'Você está brincando?!', e eu disse que não, porque não brinco com essas coisas. E foi assim.

> (...) não se trata de uma reunião do Mercyful Fate. Nunca foi, e Michael estaria presente se fosse uma reunião, mas teríamos que demitir o Mike. Por que faríamos isso?

Depois dessa história, preciso trazer a dúvida de muitos fãs: por que Michael Denner não está envolvido desta vez?

King: Uma das coisas que preciso dizer é que não se trata de uma reunião do Mercyful Fate. Nunca foi, e Michael estaria presente se fosse uma reunião, mas teríamos que demitir o Mike. Por que faríamos isso? Ele é um dos melhores guitarristas com quem já toquei, então seria ridículo dispensá-lo! Há muita gente por aí que não sabe o que acontece nos negócios da banda, e não tem mesmo como ou por que saber, por isso não entende o que se passa, não sabe quem faz todo o trabalho. Existem muitos fatores que desempenham um papel nessa questão, e não poderíamos chutar o Mike para fora simplesmente para o Michael voltar. Jamais! Sei que tem gente que fica puto com isso, mas que se dane. Eu não estou nem aí! Nós só substituímos Timi porque ele se foi, então foi a única alteração na banda desde o 9 (1999), desde a última vez que demos uma pausa na banda. As pessoas podem falar, reclamar, o que for, mas eu não tenho tempo para isso. Não jogo esse tipo de jogo. Sou muito ocupado, e nós fazemos o que tem que ser feito, que é a melhor versão que já existiu do Mercyful Fate. Espere para ver e ouvir, Daniel! Esse é o jeito que a banda foi destinada a ser, e não tem nada contra o Michael ou o Timi, que é um dos meus dois baixistas favoritos, além de ter sido um dos meus melhores amigos. Nós dividíamos quartos no início do grupo, ele tocou comigo na banda King Diamond, e eu fui provavelmente a última pessoa com quem ele falou, um ou dois dias antes de morrer (N.R.: Hansen perdeu a batalha contra o câncer no dia 4 de novembro de 2019, aos 61 anos). Conversei com a filha dele depois disso, temos um bom relacionamento... Olha, foi muito trágico, muito triste. Tão triste que não consigo apagar a conversa de duas horas que tivemos por telefone. Simplesmente não consigo. Nós éramos realmente muito amigos. Na última vez que tocamos como King Diamond na Dinamarca, em 2019, no KB Hallen, onde eu assisti ao meu primeiro show, em 1971, eu, minha esposa e nosso filho fomos ao apartamento do Timi. Ele nos acompanhou até o KB Hallen, assistiu à passagem de som e retornou à noite para o show, embora não tenha ficado a noite toda, porque se sentiu cansado. Eu nunca vou esquecer disso. Foi a última vez que nos vimos.

Mais cedo, você falou da sua voz atual, e mesmo vídeos no YouTube mostram algo impressionante: seus vocais estão intocáveis aos 67 anos. Qual o segredo?

King: Eu parei de fumar quando me submeti a uma cirurgia no coração, e algo aconteceu depois da operação. Percebi isso um ano depois, quando cantei pela

Clube de Revistas

Casey Steinmiller

Becky Baldwin, Hank Shermann, King Diamond, Mike Wead e Bjarne T. Holm: a nova e mais infernal encarnação do Mercyful Fate

primeira vez, no aniversário de 30 anos do Metallica, em São Francisco. Fizemos a passagem de som um dia antes, e a minha capacidade pulmonar estava completamente diferente. Eu tinha capacidade para mais ar do que tinha antes, então precisei mudar a minha técnica vocal na hora, durante o ensaio, e no dia seguinte, o do show, tive de testar essa nova técnica. É essa técnica que tenho usado desde então, realmente uma nova técnica vocal, e o fato de eu ter parado de fumar completamente também me ajudou a sobreviver à Covid, ou seja, por ter essa nova e maior capacidade pulmonar. Eu fiquei doente assim que terminamos a turnê de 2019, em dezembro, quando peguei Covid antes de saber que o vírus estava se espalhando pelo mundo. Ninguém sabia como tratar a doença naquela época, não havia medicamento para isso, e primeiro fiquei doente por cinco semanas, depois por mais duas semanas, em seguida mais uma semana, e assim foram quase dois meses em que eu mal conseguia respirar. Moro numa casa com dois andares e quase não conseguia subir as escadas. Foi horrível! De todos os sintomas da Covid, eu só não tive febre, porque, de resto, tive tudo! Foi horrível, mesmo! E se passaram dois meses até que o meu médico disse que eu teria de fazer um teste para saber se o que tive havia sido Covid, o que foi confirmado. Acredito que só sobrevivi por causa dessa nova capacidade dos meus pulmões. Não fosse por isso, eu provavelmente teria morrido. Fiz a cirurgia no coração em 2010 e, desde então, tenho vivido uma vida diferente, recuperei minha voz, que agora tem uma alta qualidade. Nunca tive tanta facilidade para cantar as músicas antigas, e isso me traz mais satisfação, também. Quando você ouve essas gravações piratas de shows, não tem noção de como realmente está o som. É claro que eu erro algumas vezes, o que me deixa puto, mas às vezes erro a nota por qualquer motivo, porque de repente não estava me ouvindo. Não sou perfeito, mas estou perto disso, e esse é o meu objetivo: chegar o mais perto possível da perfeição, então eu me odeio quando erro algo no palco! Quando vai se aproximando o momento de cantar as músicas mais recentes, fico ansioso para mostrar que ainda consigo, então muita coisa acontece num show. Além da troca de figurino, é um pacote completo.

É interessante ouvir isso numa época em que os 'backing tracks' estão no centro de uma polêmica...

King: Então, permita-me lhe contar um caso: quando fizemos a passagem de som na turnê europeia, num lugar fechado em Bergen, na Noruega, numa das poucas passagens de som que fizemos, nós tocamos e transmitimos ao vivo para que os fãs pudessem ver. Em algum momento, chegou um feedback pedindo que parássemos porque algo estava errado. Como estava tudo muito alto e não conseguíamos ouvir, paramos de tocar e recomeçamos, e aí alguns fãs muito legais escreveram 'como eles fazem para parar a fita?', e nós pensamos: 'Que fita? Deveríamos ter uma fita?'. Não temos fita, mas acontece que muitas bandas usam isso atualmente para que soem como nos seus discos, só que eu gosto do fato de o nosso som ser verdadeiramente ao vivo. O único momento em que não tocamos 100% ao vivo é em *Eye of the Witch*, da banda King Diamond, porque é uma música com teclado. Como não há necessidade de termos um tecladista, usamos um sampler. Fora isso, é tudo realmente ao vivo. Há grupos que realmente usam esse recurso, e as músicas soam perfeitas, muito limpas, mas a nossa sorte é que temos alguns dos melhores engenheiros de som do mundo! O Arnold é impressionante, um engenheiro de som incrível para som ao vivo. Ele faz o melhor pelo som da banda, mas sem trapacear! A única coisa que usa na minha voz é delay e reverb, e pronto.

Você está no cenário musical há 50 anos, e agora num momento especial da carreira. Olhando para trás, porém, qual você diria que é o seu legado para o heavy metal?

King: Hum, eu não sei. Não penso nisso... Acredito que qualquer pessoa que olhe para nós percebe que foi como Frank Sinatra dizia: 'Fiz do meu jeito', e é isso mesmo. Nós fizemos do nosso jeito. Ouvíamos as outras pessoas, mas se não achássemos que era certo para nós, não

fazíamos. Fizemos e ainda fazemos o que sentimos ser o certo para nós, e assim nos mantivemos firmes. Foi sempre do nosso jeito, mas devo dizer que recebemos grandes conselhos dos nossos empresários, que sempre nos ajudaram a alcançar os meios e as pessoas que nos ajudariam a fazer o que tínhamos em mente. Eles nos guiaram para a direção certa, criando oportunidades das quais podemos nos beneficiar agora, como, por exemplo, ver vocês no Brasil novamente!

Permita-me dizer, então, uma das coisas que sempre admirei em você: enquanto muitas bandas lidavam com o satanismo como se fosse coisa de adolescente para chocar os pais, você sempre levou a sério, estudando e sabendo o que significa.

King: É verdade! Sempre foi uma coisa séria para mim e para a banda, e essa é uma das razões pela qual Anton LaVey mandou bruxas para um dos nossos shows e me convidou para passar uma noite na Igreja de Satã, em 1989. A partir disso, nos tornamos grandes amigos, e ele sempre leu o que eu falava sobre o assunto, gostava do que eu dizia. Lembro-me de ter passado duas horas no Quarto de Rituais, onde ficávamos fechados para recarregar as energias, e perguntei a ele se poderia ser o primeiro a falar, porque eu não queria só ficar ali em pé concordando com o que era falado. Anton disse que sim, eu falei por cerca de 20 minutos sobre o que eu sentia pelo satanismo, e ele pegou o símbolo de Baphomet que tinha na veste e colocou na minha mão, dizendo frases que não posso revelar. Eu jamais esquecerei daquela noite! Sempre levei tudo isso muito a sério, e sei que existem tipos diferentes dentro da filosofia. Pessoas fazem usos diferentes dos conhecimentos e práticas satanistas, e eu não julgo ninguém por isso, apenas faço o meu, fico na minha e cuido da minha vida. O que me diz respeito é como me tratam e como me relaciono com o outro, e qualquer coisa diferente disso não me interessa. Cada um pode fazer o que quiser, contanto que não machuque os outros, mas isso é uma regra de civilidade que independe de aparência ou de modo de vida. Existem pessoas que odeiam o que fazem, pessoas que amam o que fazem, pessoas que lutam bravamente para defender o que querem e o que fazem, e eu mesmo tive a minha parcela de lutas. Paguei minhas dívidas de formas diferentes tanto como músico quanto em outras frentes, e literalmente não sei dizer quantas vezes eu morri. Eu deveria ter morrido pelo menos quatro vezes! Houve uma vez em que fui para o hospital porque minha pressão arterial estava marcando mais de 300, e isso é impossível, só que eu tenho o laudo! Até hoje, meu atual cardiologista não consegue acreditar, diz 'isso não possível, porque suas veias explodiriam!', e eu sei disso! Tentaram aferir a minha pressão no hospital usando três equipamentos diferentes, e nenhum funcionava. Então me deram uma dose de um medicamento que poderia me matar se fosse ministrado com a dose errada, porque eu era alérgico. Depois disso, conseguiram medir a pressão, que marcava 300, algo que só tinha sido visto uma mulher que pesava 136 quilos e tinha veias gigantes, que conseguiam suportar essa pressão. Em mim, no entanto, era impossível, mas aconteceu. Houve outro momento em que uma coisa igualmente inacreditável aconteceu, e a Livia (Zita, esposa de Diamond) tem as fotos. Nelas, estou sentado numa cadeira no hospital, olhando para ela e dando adeus, e toda vez que eu vejo essas imagens eu consigo ver o que estava sentindo naquele momento. Eu tive alguns ultimatos na vida, mas não sei quantos ainda sobraram (risos). Às vezes, acho que sou um gato (risos).

(...) eu falei por cerca de 20 minutos sobre o que eu sentia pelo satanismo, e ele (Anton LaVey) pegou o símbolo de Baphomet que tinha na veste e colocou na minha mão, dizendo frases que não posso revelar. Eu jamais esquecerei daquela noite!

Pawel Mielko

Clube da Revistas

GRANDE OBRA DE UM DOS MAIORES NOMES DO DEATH/DOOM METAL BRASILEIRO

INVENTTOR - Ao Vivo na Escuridão

LANÇAMENTO PREMIER EXCLUSIVO

29/03

NO CANAL PAPO PESADO YouTube

DISPONÍVEL 29/03 EM TODAS AS PLATAFORMAS DIGITAIS

Spotify · Available on iTunes · DEEZER · TIDAL

https://linktr.ee/inventtorband

PAPO PESADO

VOICE MUSIC

anuncio: www.jduartedesign.com

Clube de Revistas

PLAYLIST

Por Ricardo Batalha • Fotos: Lexie Boezeman Cataldo

JEFF SCOTT SOTO

► **NOME COMPLETO:** Jeff Scott Soto
► **NASCIMENTO:** 4 de novembro de 1965, em Nova York (EUA)
► **BANDAS QUE INTEGROU:** Yngwie Malmsteen, Talisman, Axel Rudi Pell, Takara, Eyes, W.E.T., SOTO, Sons of Apollo, Journey, Humanimal, Human Clay, Redlist, Boogie Knights, Soul SirkUS e outras

► **Don't Let it End:** "Essa eu regravei com Dino Jelusick. Eu amo demais a voz dele, queria que a minha fosse igual quando fiz a primeira versão dela com Yngwie. Naquela época eu tinha 19 anos, não tinha uma voz, não sabia como era a minha voz e a minha tática foi 'vou roubar um pouco do Bruce Dickinson, um pouco do Ronnie James Dio' e juntei isso para cantar essa música. No começo, na parte mais suave, fiz como Dio fez em *Don't Talk to Strangers*. Eu gosto muito dessa música porque é uma das poucas em que fui coautor com Yngwie. Eu escrevi todas as palavras e as que ele não gostava, ele mudava, mas ele ficou com metade dos direitos de publicação, enfim... Gosto porque ele me permitiu colocar minhas próprias emoções e minhas próprias palavras. Eu gosto de muitas músicas desse disco, *Caught in the Middle*, *Soldier Without Faith*, mas só toco *Don't Let it End* porque fiz parte dela. E toco *I Am a Viking* porque as pessoas amam essa música, mas não tenho parte na composição."
Álbum: Yngwie Malmsteen – Marching Out

► **Eyes of Love:** "Eu toco um pouco de guitarra e teclado, e quando estava compondo *Prism*, buscava uma música que fosse uma espécie de 'parte 2' de *I'll Be Waiting*. Então, comecei a dedilhar as notas do riff de *I'll Be Waiting* mudando-as de lugar e assim compus um 'riff-irmão' dela. Toquei guitarra, baixo, teclado e fiz todos os vocais, então essa é uma música muito pessoal pra mim, já que a compus inteira e fiz a letra. Eu parei de tocá-la ao vivo porque existem inúmeras outras que as pessoas querem ouvir, mas quando faço um set mais voltado para o rock melódico, ela está presente."
Álbum: Jeff Scott Soto – Prism

► **Skin on Skin:** "Eu amo essa música! Quando Marcel (Jacob) tocou-a, eu pensei na hora que poderia ser do Aerosmith, então compus a letra e a melodia como se estivesse dentro da cabeça de Steven Tyler. Quando escrevi 'I'm a monkey on your seesaw, like a doggy on a swing', estava usando o mesmo tipo de ritmo e cadência que Tyler usa quando compõe suas letras e melodias, por isso ela tem essa sensação tão forte de Aerosmith."
Álbum: Talisman – Cats and Dogs

► **Soul Divine:** "Eu já estava trabalhando com Howie Simon no primeiro disco pela Frontiers e na primeira turnê, mas no segundo realmente quis trabalhar mais com ele porque se trata também de um grande compositor. Ele tocou essa música para mim sem vocais e sem melodia e eu adorei! Perguntei se poderia usá-la e ele me deu a música completa. O que você ouve no disco é exatamente o que estava na demo, só inseri algumas partes nela. Adoro o meio, em que há várias camadas de vocais. Algum tempo depois, quando estávamos tocando-a ao vivo, percebi que tem uma energia meio Extreme. Ela tem um groove meio funk, acho que é por isso que gosto tanto dela."
Álbum: Jeff Scott Soto – Lost in the Translation

► **Stand Up:** "Essa foi a segunda vez que estava fazendo um cover de uma música do Sammy Hagar sem saber. A primeira foi quando estava começando o Soul SirkUS com Neal Schon e eles tinham um tema chamado *People*, que inicialmente era para outra banda. A segunda vez foi *Stand Up* e lembro de ter recebido uma ligação da produção do filme, fui para o estúdio e Zakk Wylde estava lá, Jeff Pilson estava lá, não lembro se Jason Bonham estava... O produtor estava e enquanto eu gravava os vocais, eles estavam na sala de controle e adoraram! Foi um grande momento pra mim quando estava gravando essa música e, obviamente, quando o filme foi lançado. Foi ótimo ter feito parte. É impressionante que as pessoas se lembrem dessa música, porque o filme foi lançado três dias antes dos eventos do 11 de setembro de 2001 e acabou sendo engolido por isso, mas se tornou um clássico cult entre os fãs de rock, então fico feliz por fazer parte desse legado."
Álbum: Steel Dragon – Rock Star

► **Warrior:** "Essa é uma das músicas que mais gosto do Axel e eu cometi um péssimo erro quando não estava mais trabalhando com ele, porque as pessoas me perguntavam sobre como tinha sido trabalhar com ele e eu deveria ter sido mais cuidadoso nas minhas respostas. Quando trabalhei com Axel, as músicas dele são mais para ele, eu só o ajudava a concluir os discos, mas não era exatamente o meu estilo. Parecia que eu tinha uma postura meio 'sou só um músico contratado, não é pra mim, é a música dele', mas não foi essa a minha intenção e ele levou para esse lado. Ele achou que eu o estava diminuindo, mas jamais faria isso porque ele é um ótimo ser humano. Gostei de trabalhar com ele e essa música em particular eu realmente adoro, porque combina mais com o que faço e é por isso que gosto de cantá-la ao vivo quando não estou tocando com ele."
Álbum: Axel Rudi Pell – Between the Walls

► **Testify:** "Meu amigo Ben Carey foi guitarrista do Savage Garden e quando nos conhecemos eu não sabia quem ele era, mas ele disse ser um grande fã meu. Nós nos conhecemos após um show do Savage Garden, nos tornamos grandes amigos e passamos a compor juntos. Essa é uma dessas composições e que eu soube instantaneamente que entraria em *Beautiful Mess*. Ele também toca guitarra e esse disco tem um ar de Seal, Lenny Kravitz, Prince, Living Colour... Eu estava tentando me afastar do hard rock e fazer algo mais voltado para o funk rock."
Álbum: Jeff Scott Soto – Beautiful Mess

Clube de Revistas

► **I'll Be Waiting:** "Essa música foi o começo do sucesso do Talisman. Quando fizemos esse disco, éramos só eu e Marcel (Jacob) e não era para se tornar uma banda. A situação era: 'Olha, eu tenho um monte de músicas aqui', porque eram para estar no segundo disco solo do John Norum, mas Norum e Marcel brigaram e Marcel levou suas músicas com ele. Ele me ligou, perguntou se eu queria cantar nelas e aceitei. Ia sair por um selo sueco independente, uma coisa pequena, ninguém jamais ouviria. Marcel me pagou para cantar no disco, eu cantei e foi isso. Alguns meses depois, ele me ligou e disse: 'Então, temos um disco de sucesso, nossa música está nas paradas suecas e teremos que sair em turnê.' Aí liguei para Jason Bieler – isso foi antes de ele entrar para o Saigon Kick – e chamei-o para ser o guitarrista, e foi assim que o Talisman começou. Guardo lembranças incríveis dessa época."
Álbum: Talisman – Talisman

► **Kings on Thunder Road:** "Erik Mårtensson! Meu Deus, que grande compositor! Adoro trabalhar com o W.E.T. porque as composições são fortes e eles se concentram em fazer grandes músicas. Eu amo essa banda, mas é complicado porque todo mundo quer que façamos uma turnê e eu preciso ser sincero... Falo a verdade em tudo o que faço e fiz na minha carreira, e a verdade é que eu não consigo cantar essas músicas ao vivo todas as noites. Cantar tão alto assim todas as noites provavelmente matará a minha voz, então eu falei pra eles: 'Faço o disco, mas não posso fazer turnê, sinto muito." (risos).
Álbum: W.E.T. – Earthrage

► **Living on the Edge:** "Gravei uma demo dessa música em 1988, antes de o disco ser lançado e muita gente não sabe que *Windows of the Soul* é o primeiro disco oficial do Eyes. A intenção era conseguir uma gravadora, que não precisaria pagar o estúdio porque o disco já estaria pronto. E foi mais ou menos o que aconteceu, mas a gravadora disse que manteria apenas algumas músicas e teríamos que regravá-las, com a observação de que deveria soar mais como Def Leppard, mais hard rock. Essa música foi removida do primeiro disco 'oficial' do Eyes, mas estava no primeiro gravado que, por sua vez, se tornou o segundo... É uma história esquisita. O Eyes foi importante pra mim, musicalmente falando, porque vim do universo do Yngwie. No começo, fui rotulado como 'gritador do metal', junto com Dio, Iron Maiden, Judas Priest, mas eu vim do mundo de Styx, Foreigner, Journey, Survivor... Então, quis apresentar esse lado da minha voz, mas todo mundo falava 'não, não, você é um cara do metal', então no Eyes eu pude mostrar esse lado. Foi parte de uma transição e o Talisman foi a transição seguinte para mostrar que eu não era apenas um vocalista de metal, eu podia cantar outras coisas também."
Álbum: Eyes – Windows of the Soul

► **First Attraction:** "Takara foi uma situação estranha. Estava trabalhando com o guitarrista e usei minha voz para fazer as demos. Quando ficou pronta, ele saiu em busca de um vocalista, dizendo: 'Tem que cantar igual ao Jeff.' Finalmente, ele encontrou um, mas mostrou a demo para a gravadora com a minha voz. A gravadora curtiu, mas quando ouviu a voz do outro cara, declarou: 'Não estamos interessados, vamos lançar com a voz do Jeff.' Fiquei meio desconfortável porque não queria que pensassem que essa era a minha banda. Mas tenho o coração mole e disse; 'OK, lancem com a minha voz, mas quero o seguinte texto no encarte: 'participação especial nos vocais: Jeff Scott Soto." Não fez a menor diferença, as pessoas veem a minha foto, ouvem a minha voz e dizem 'Jeff esteve no Takara!' (risos) Eu estava fazendo várias coisas na época e isso era confuso: 'Jeff está em cinco bandas! Isso é impossível!' Naquela época era impossível, hoje em dia todo mundo faz isso."
Álbum: Takara – Eternal Faith

► **Higher:** "Estava ouvindo esse disco recentemente, é incrível! Novamente era eu tentando me libertar do tradicional. Queria fazer algo diferente, rumo ao futuro, mas novamente tive que ouvir dos executivos que 'as pessoas querem ouvir Jeff Scott Soto cantando metal clássico e classic rock.' Ofereci algo novo e interessante e eles 'não, não estamos interessados', não quiseram me dar uma chance de abrir as minhas asas. Eu amo a música que fiz com esses caras! Eu fiz rap, gritei, cantei, tinha peso e tinha groove, cara, era muito bom! O guitarrista era Neil Goldberg e ele havia tocado no Annihilator, o tecladista Dave Fraser também usava samplers muito diferentes, isso deu a característica marcante dessa banda."
Álbum: Redlist – Ignorance

► **FreakShow:** "Ah! Eu amo essa música! Quem me trouxe ela foi nosso atual baixista, Tony Dickinson. Eu compus com Tony no primeiro disco e também no segundo, antes do falecimento de David Z. Tony já era parte da banda no começo, agora ele é oficialmente integrante. Quando ele trouxe *FreakShow* eu disse 'isso é exatamente o tipo de música que eu quero fazer na SOTO. Quero ser pesado, contemporâneo, moderno e não quero soar como Dokken, Whitesnake, classic rock.' Então, fiz o que sei fazer nessa música. Eu e Tony compusemos coisas ótimas juntos. Infelizmente, esse disco foi diferente demais para o gosto dos meus fãs e é complicado porque a banda tem o meu sobrenome, então as pessoas pensam que estão indo para um show do Jeff Scott Soto e esperam ouvir Talisman e as outras coisas, e não é isso, são músicas diferentes, é uma outra banda, então em algum momento as coisas ficaram decepcionantes e eu disse para a banda: 'Teremos que tocar mais coisas da minha carreira porque as pessoas estão reclamando, elas não querem ouvir apenas as coisas novas.'
Álbum: SOTO – DIVAK

► **Signs of the Time:** "Essa foi a segunda música que compus com a banda e tem uma história engraçada porque não houve audição para o Sons of Apollo. Eu estava com a minha banda solo em turnê com o The Winery Dogs em 2016 e conheço Billy Sheehan há quase quatro décadas, mas Mike (Portnoy) eu conhecia de vista. Ele era amigo do meu baixista, David Z – que Deus o tenha... Então, todas as noites fazíamos nosso show antes do Winery Dogs e Mike assistia da lateral. E eu pensava: 'Ele está assistindo porque é amigo do David', mas fui descobrir depois que ele estava me assistindo. Meses depois, ele me ligou e disse: 'Tenho uma banda com Derek e Billy chamada PSMS, totalmente instrumental, já temos dois discos, mas no próximo queremos colocar vocais e queremos que você cante.' Sem audição, sem 'vamos ver o que você consegue fazer', nada disso, ele simplesmente decidiu 'você é o cara.' Claro que topei! Depois a formação mudou, Tony saiu, entrou Bumblefoot e virou Sons of Apollo. A primeira música que compus foi *Alive*, eles amaram e a segunda foi *Signs of the Time*, em que falo de vários sinais, mas de um único tempo. Essa virou uma das minhas favoritas da banda!"
Álbum: Sons of Apollo – Psychotic Symphony

Clube de Revistas

MÁSCARAS, FANTASIA E MAQUIAGEM NO ROCK

Uma exploração da estética visual na criação de personas e atmosferas intrigantes

Por Ricardo Batalha, Daniel Dutra e Antonio Carlos Monteiro

O rock sempre foi um espaço de expressão artística, no qual os músicos incorporam uma variedade de elementos visuais para transmitir uma mensagem mais profunda e criar uma experiência estética única. Entre esses elementos, destacam-se o uso de máscaras, fantasias, maquiagem e a exploração do mistério, da androginia e até do humor na criação de personas e atmosferas intrigantes. Muitos optam por usar pseudônimos e adotar visuais distintos, incluindo maquiagem elaborada, fantasias e adereços que cubram seus rostos, adicionando um elemento de enigma à sua identidade e criando uma aura de fascínio ao redor de si mesmos.

OS PIONEIROS

A prática de usar maquiagem remonta aos primórdios do gênero, nas raízes do rock'n'roll e no glam rock. Little Richard (1932-2020) foi um dos primeiros artistas a adotar um visual extravagante e ousado nos anos 1950. Ele era conhecido por seu estilo único, que incluía roupas chamativas, penteados elaborados e maquiagem vibrante. O visual ousado e a atitude desafiadora desempenharam papel importante na quebra de barreiras e na abertura de espaço para a expressão individual e a experimentação visual no rock. Além disso, Little Richard foi um dos primeiros artistas a cruzar as barreiras raciais – e da pluralidade em geral, pois o cantor, compositor e pianista era homossexual –, e a sua música atraiu todos os tipos de público nos Estados Unidos, com fãs vibrando ao som de *Tutti Frutti*, *Long Tall Sally* e *Good Golly Miss Molly*.

Screamin' Jay Hawkins, pioneiro do rhythm and blues e do rockabilly, é sempre lembrado por seu estilo visual distinto, que incluía maquiagem facial exagerada, especialmente em shows. As letras ousadas, como a de *I Put a Spell on You*, lançada em 1956 e que refletia a persona excêntrica e enigmática de Hawkins, e o estilo visual distintivo fizeram dele uma figura intrigante no cenário musical da época.

Arthur Brown, com uma imagem extravagante que contribuiu para criar uma persona visualmente impactante durante suas performances teatrais e exóticas, também foi uma grande influência. Artista inovador e pioneiro do shock rock, o chamado "Deus do Fogo dos Infernos" tinha a estética única e a maquiagem facial como suas marcas.

Brown obteve destaque no cenário do rock psicodélico e do prog dos anos 1960 por suas performances, nas quais incorporava elementos de horror e fantasia. "Eu sou o deus do fogo do inferno e trago para você: fogo", dizia a letra da clássica *Fire*, faixa do álbum *The Crazy World of Arthur Brown* (1968), justamente a que originou a famosa cena em que Brown ateava fogo no capacete de metal preso à sua cabeça. Apesar do sucesso comercial limitado, o single *Fire* vendeu cerca de um milhão de cópias. Ao fim do Crazy World of Arthur Brown, ele seguiu com uma carreira diversificada, participando como ator, narrador e músico numa variedade de projetos, incluindo as bandas Kingdom Come (ING), Hawkwind, Rustic Hinge, Puddletown Express e Strangelands.

Em 2017, houve o encontro dos mestres do shock rock no Brasil, onde Brown foi convidado especial de Alice Cooper em sua apresentação no Palco Sunset do Rock in Rio. "Começamos em 1964, 1965, ao mesmo tempo. Nunca tínhamos ouvido falar de Arthur. Ele estava na Inglaterra, e nós, nos EUA. Fazíamos a coisa teatral sem saber que ele existia", comentou Cooper à época para o jornal Estado de S. Paulo.

Figura icônica e pioneiro no uso de maquiagem dramática e androginia no rock, Vincent Damon Furnier (nome real de Alice Cooper) aparecia com olhos esfumaçados, lábios marcantes e cabelo longo, desafiando as normas de gênero e ajudando a abrir espaço para uma expressão mais fluida da identidade. A persona de Tia Alice misturava elementos masculinos e femininos de uma maneira enigmática e muitas vezes obscura, o que sempre adicionou uma camada de fascínio e intriga à sua imagem. O uso de temas de horror e fantasia em suas letras e performances contribuiu para essa sensação de suspense, mantendo os fãs envolvidos e curiosos sobre o que viria a seguir.

Em uma tentativa de chocar e provocar reações do público, o visual originalmente surgiu de uma combinação de influências e experimentações pessoais de Cooper e seu empresário, Shep Gordon, durante o fim dos anos 1960 e início dos anos 1970. Assim, Cooper desempenhou um papel crucial na evolução da estética e da performance no rock, ajudando a expandir os limites do que era considerado aceitável e, também, inspirando gerações de músicos a explorar novas formas de expressão visual e artística.

Outro que experimentou com várias personas e maquiagens ao longo de sua carreira foi David Bowie (1947-2016). Sua capacidade de se reinventar visualmen-

Little Richard

Fotos: Reprodução/Divulgação

Alice Cooper e Jason

te, combinando elementos de androginia e teatralidade, estabeleceu um padrão para as futuras gerações de músicos que buscavam desafiar as normas de gênero e moda. Visionário que desafiou os limites da expressão artística e da identidade pessoal, ele era conhecido por suas personas camaleônicas, como Ziggy Stardust e Aladdin Sane, que misturavam características masculinas e femininas, escanteando estereótipos e abrindo caminho para uma expressão mais clara da identidade de gênero.

Bowie cultivou uma aura de mistério ao longo de sua carreira, e sua revolucionária androginia influenciou a cultura pop e a moda. Por consequência, o estilo glam rock dos anos 1970 inspirou designers de moda e influenciou tendências de vestuário. O renomado designer de moda Alexander McQueen trabalhou com Bowie e deixou sua marca, e o jaquetão com a bandeira britânica, vestida pelo saudoso camaleão na capa do álbum *Earthling* (1997), é um exemplo.

Ainda no campo da moda, Ray Brown foi um dos primeiros costureiros a criar roupas para bandas de rock, como Jimi Hendrix, The Who e Led Zeppelin. Vivienne Westwood, por sua vez, ficou conhecida pela moda punk e rebelde, sendo creditada por popularizar o estilo punk e por vestir bandas como Sex Pistols e The Clash. Em seguida, a esposa do vocalista Dee Snider, Suzette Snider, desempenhou papel significativo na imagem do Twisted Sister, porque, embora não seja costureira profissional ou designer de moda, é conhecida por seu envolvimento na criação dos visuais icônicos da banda, também famosa por sua estética exagerada e colorida, incluindo maquiagem extravagante e trajes chamativos.

Nos anos 1970, o Genesis, liderado por Peter Gabriel, foi aclamado por seu rock progressivo e suas performances teatrais. O vocalista usava roupas extravagantes e adereços dramáticos, que incluíam máscaras, vestimentas elaboradas e até mesmo figurinos temáticos que complementavam a narrativa das músicas. Em performances ao vivo de *The Musical Box*, faixa de abertura de *Nursery Cryme* (1971), Gabriel usava a máscara Fox Head, adicionando um elemento de mistério e teatralidade.

Ele decidiu usar fantasias num show no National Stadium, em Dublin, em setembro de 1972, saindo durante o intervalo instrumental e reaparecendo no fim usando o vestido vermelho de sua esposa e uma cabeça de raposa. Mais tarde, colocaria uma máscara de "velho" no fim da música para representar o Velho Henry, personagem de *The Musical Box*, que descrevia uma história macabra ambientada na Grã-Bretanha vitoriana, de quando Henry foi acidentalmente decapitado por sua amiga Cynthia enquanto jogava críquete.

Posteriormente, quem seguiu a mesma onda no começo de carreira foi o vocalista escocês Fish (Derek William Dick), que usava maquiagem facial em sua época no Marillion, representante do neo-prog rock e herdeiro direto do Genesis. Embora não seja conhecida por usar maquiagem elaborada ou fantasias extravagantes, a banda inglesa incorporou elementos visuais distintivos em sua imagem, e a decisão de Fish em usar maquiagem facial diversificada veio por ser tímido para cantar em público. "A verdade é que sou um escritor que sabe cantar, e não um cantor que sabe escrever", pontuou à revista Prog. "Escolhi o nome Fish em 1979 e, com ele e a maquiagem que usava no palco, consegui aumentar minha confiança."

O GLAM ROCK RAIZ: TRESLOUCADO E COLORIDO

Ainda na Grã-Bretanha, o Sweet surgiu em 1968 – primeiro como The Sweetshop, depois como The Sweet, até adotar a alcunha definitiva em 1973 – para ser um dos principais expoentes do glam rock. O visual andrógino, com roupas de couro coloridas, tinha David Bowie como referência, mas a banda londrina não era musicalmente camaleônica, o que garantiu a ela um lugar no rol do glam rock raiz. Hoje capitaneado pelo guitarrista Andy Scott, único remanescente da formação clássica – mesmo, porque Brian Connolly (vocal), Mick Tucker (bateria) e Steve Priest (baixo) faleceram em 1997, 2002 e 2020, respectivamente –, o Sweet tem uma imagem mais sóbria atualmente, mas clássicos como *The Ballroom Blitz*, *Fox on the Run* e *Set Me Free* são links com o passado de sucesso estético.

Nos primeiros anos da década de 1970, a cena glam rock era tão efervescente na Inglaterra que fez um grupo trocar o jeans e o couro preto, além do visual punk de cabelo curto ou raspado, pelas roupas multicoloridas, e com seus integrantes já apresentando cabeleiras mais vastas. Era o Slade, formado em 1966 com vocação para o rock'n'roll mais cru, mas que vingou mesmo quando abraçou o glamour. Foi aí que surgiram vários de seus hits, como *Rock and Roll Preacher*, *My Oh My* e dois que você ao menos já deve ter escutado com o Quiet Riot: *Mama Weer All Crazee Now* e *Cum on Feel the Noize*.

Visando ao mercado americano, o Slade foi de mala e cuia para os Estados Unidos em 1975, mas não vingou como na Europa. No terreno do Tio Sam, os brilhantes olhos locais estavam voltados para as coloridas bandas locais, obviamente, e uma delas era a cereja do bolo: New York Dolls. Formado em 1971,

Made In Brazil

David Bowie

o grupo lançou seu homônimo primeiro disco dois anos depois, e *New York Dolls*, o álbum, era o suprassumo do glam rock à época, a começar pela capa, que apresenta cinco músicos completamente andróginos e o nome da banda escrito com batom rosa. A primeira encarnação do grupo durou pouco, até 1976, mas o legado do Dolls é incontestável.

Os shows selvagens só eram comparáveis aos do The Stooges de Iggy Pop, o que diz muita coisa. Não à toa, apesar da estética glam, o New York Dolls é considerado um dos propulsores do punk rock nova-iorquino, especialmente do Ramones – Joey e Johnny Ramone eram presença constante nas apresentações do quinteto, que derramou sua personalidade tanto visual quanto musical em nomes como Sex Pistols, The Clash e The Damned (sim, também no punk britânico), além de Aerosmith e Mötley Crüe. Além disso, o New York Dolls deu ao glam rock dois de seus artistas mais emblemáticos: o guitarrista Sylvain Sylvain (1951-2021) e o vocalista e guitarrista Johnny Thunders (1952-1991). Em tempo: sabe aquele W.A.S.P. com visual glam metal dos anos 1980? Não é mera coincidência que Blackie Lawless tenha feito uma turnê com o New York Dolls em 1975, depois que Thunders abandonou o barco.

E não dá para falar de artistas emblemáticos no glam rock sem citar um dos grandes, senão o maior de todos: Marc Bolan, guitarrista e vocalista do T. Rex, banda seminal do estilo. Mas isso somente depois de deixar o folk psicodélico de lado, a partir de *Electric Warrior* (1971), o segundo álbum como T. Rex – formado em 1966, o grupo havia lançado outros quatro discos como Tyrannosaurus Rex. A morte prematura de Bolan, num acidente de carro em 1977, quando ele tinha apenas 29 anos, interrompeu a trajetória de uma banda e de um músico que influenciaram não somente pares e contemporâneos, como New York Dolls, The Stooges, Ramones e Sex Pistols, como também grupos posteriores e díspares, como R.E.M., Joy Division, The Smiths, Siouxsie and the Banshees e Pixies. A importância também pode ser medida por um punhado de músicas que fazem referência ao T. Rex, casos de *Do You Remember Rock 'n' Roll Radio?* (Ramones), *You Better You Bet* (The Who), *All the Young Dudes* (David Bowie/Mott the Hoople) e *The Wake-Up Bomb* (R.E.M), entre outras.

A INTENSIDADE DO ANONIMATO

No anonimato, a identidade verdadeira do músico é desconhecida ou oculta, criando uma aura de mistério e intriga ao seu redor. A maquiagem e o uso de máscaras e fantasias criam um senso de teatralidade, aumentando o aspecto visual e envolvendo o público. É uma forma de os músicos se transformarem em alter egos, permitindo-lhes explorar diferentes aspectos de sua identidade e expressão artística. Neste campo, um dos exemplos mais icônicos é o KISS, que nasceu acompanhado de polêmica, apesar de ser uma questão que foi empurrada para a banda. Tipo: quem veio primeiro, o ovo ou a galinha?

KISS E SECOS E MOLHADOS, A "POLÊMICA"

"Para mim, tanto faz. Agora, eles deviam assumir isso, porque já falaram que foi um grupo na América do Sul", disse Ney Matogrosso a Mariana Godoy em entrevista à RedeTV!, em 2015. Dois anos depois, desta vez a Pedro Bial, da TV Globo, o cantor contou a história de como o Secos & Molhados deu ao empresário do KISS a inspiração para as maquiagens de Paul Stanley, Gene Simmons, Ace Frehley e Peter Criss. Não se sabe sequer se o tal empresário era mesmo Bill Aucoin (1943-2010), que agenciou o KISS de 1973 a 1981, mas uma série de fatos, especialmente datas, reforçam que o discurso de Ney Matogrosso não passa de fantasia. Ou da necessidade de autoafirmação diante de um complexo de vira-lata.

O cantor e compositor sustenta que o KISS passou a usar maquiagens seis meses depois de o Secos & Molhados passar no México em maio de 1974, numa turnê que ganhou destaque nas páginas da revista americana Billboard. Mas como fica o primeiro e autointitulado disco do KISS, lançado no dia 18 de fevereiro do mesmo ano, ou seja, três meses antes? Ah, mas o álbum de estreia do grupo brasileiro, também homônimo, chegou às lojas em agosto de 1973, podem exclamar os fãs de Ney Matogrosso e cia. De fato, só que o primeiro show oficial do KISS aconteceu no dia 30 de janeiro de 1973, ou seja, sete meses antes do lançamento de *Secos & Molhados* e um ano meio antes de a banda tocar no México. No fim das contas, a necessidade de manter uma ilusão por mais de 50 anos é tão absurda que ainda rende a cereja do bolo: em 1972, ainda como Wicked Lester, e antes da entrada de Frehley e da troca de nome para KISS, Stanley, Simmons e Criss se apresentaram como trio e com os rostos pintados de branco e com contornos pretos nos olhos, numa versão embrionária e rudimentar do que viriam a ser as maquiagens de suas personas.

"Conheço essa lenda. Já ouvimos falar dessa história, e não é verdade. Muitas pessoas acreditam nisso, mas também há muitas pessoas que acreditam em discos voadores", disse Simmons ao site Comércio do Jahu em 2009, na ocasião

Secos e Molhados

Fotos: Reprodução/Divulgação

Clube de Revistas

NOTURNALL

ADQUIRA NO WWW.PLANETAROCK.COM.BR

PRÓXIMAS DATAS PELO BRASIL

SENDO BANDA CONVIDADA DE EDU FALASCHI NA TURNÊ "DVD REBIRTH LIVE IN SÃO PAULO REVISITED 20TH ANNIVERSARY".

18/05 - LIMEIRA/SP - MIRAGE EVENTOS
24/05 - CURITIBA/PR - CWB HALL
25/05 - PORTO ALEGRE/RS - OPINIÃO BAR
26/05 - FLORIANÓPOLIS/SC - JOHN BULL
06/06 - GOIÂNIA/GO - BOLSHOI
08/06 - BRASÍLIA/DF - TOINHA BRASIL SHOW
09/06 - BELO HORIZONTE/MG - MISTER ROCK
14/06 - SALVADOR/BA - LARGO QUINCAS BERRO D'AGUA
15/06 - ARACAJU/SE - VIBE MUSIC
21/06 - NATAL/RN - WHISKRITÓRIO PUB
22/06 - FORTALEZA/CE - ARMAZÉM
28/06 - TERESINA/PI - BUEIRO DO ROCK
29/06 - BELÉM/PA - BARKA BELÉM
05/07 - CAMPINA GRANDE/PB - AUDITÓRIO SUELLEN CAROLINE
06/07 - RECIFE/PE - CLUBE PORTUGUÊS
11/07 - UBERLÂNDIA/MG - LONDON PUB
19/07 - POÇOS DE CALDAS/MG - NEW YORK PUB
20/07 - SANTOS/SP - ARENA CLUB
28/07 - SANTO ANDRÉ/SP - SANTO ROCK BAR

* GUITARRISTA CONVIDADO VICTOR FRANCO

COSMIC BOX

CAIXA EXCLUSIVA E LIMITADA
DIGIPACK 3 CDS & 1 DVD + LUVA
LIVRO TOUR BOOK DE 120 PAGINAS
VINYL ED.LIMITADA ROXO
CD COSMIC REDEMPTION
CAMISETA
MOUSPAD
BOTOM
ADESIVO
PALHETA
CORDÃO

IMAGEM MERAMENTE ILUSTRATIVA

da passagem do KISS pelo Brasil com a turnê Alive 35. O linguarudo baixista não escondeu o deboche, e para isso nem precisava saber que o vocalista e baixista Oswaldo Vecchione, no documentário "50 Anos do Rock Brasileiro" (2014), declarou que o Secos & Molhados copiou a ideia das maquiagens do Made in Brazil, que já as usava em 1969. "O Made e o Joelho de Porco eram atrações fixas (no Papo Pop). Estivemos em todos os programas, e o Secos & Molhados participou três vezes com a gente. Em nenhuma vez eles estavam maquiados, (...) mas quando saiu o disco deles, um estava usando maquiagem que parecia com a do Cornelius (vocalista); outro, uma que parecia com a do meu irmão (o guitarrista Celso Vecchione); outro, uma que parecia a minha... Foi uma surpresa, uma coisa meio estranha", disse Osvaldo. Com a palavra, Ney Matogrosso, uma vez que o KISS nunca negou inspiração no shock rock de Alice Cooper e Arthur Brown e, especialmente, no teatro japonês kabuki.

E HOJE EM DIA...

Mais recentemente, os olhos estão sempre atentos aos suecos do Ghost, liderados por um vocalista conhecido como Papa Emeritus (I, II, III e IV, além de Cardinal Copia), cujo rosto é coberto por uma máscara de caveira papal, e com integrantes com vestimentas clerical-góticas e máscaras que representam os Nameless Ghouls (Ghouls Sem Nome), criando uma atmosfera de mistério, obscuridade e ocultismo. Durante muito tempo, esse mistério rondou a identidade do líder do grupo, mas o segredo acabou sendo revelado: o pontífice dos infernos é o músico Tobias Forge.

Dee Snider (Twisted Sister)

Fotos: Reprodução/Divulgação

EZO

O Slipknot é outra banda que durante um bom tempo incorporou o mistério das identidades não reveladas, com nove membros usando máscaras grotescas e macabras durante suas apresentações e fotos promocionais. Cada máscara é única e reflete a personalidade individual de seu dono, mas também contribui para a persona coletiva da banda como uma força intensa e visceral no metal contemporâneo.

Da mesma forma, a banda americana Mushroomhead é reconhecida por suas máscaras e maquiagem característica, que criam uma imagem obscura e surreal. Vindo da Finlândia, o Lordi é conhecido por sua estética de monstros e terror: cada membro assume a persona de uma criatura diferente, usando máscaras e fantasias elaboradas. Mr. Lordi é frequentemente visto como um monstro demoníaco, com chifres e uma aparência assustadora, e essa abordagem visual, combinada com letras sobre horror e sobrenatural, cria uma experiência que atrai fãs que apreciam o lado mais sombrio.

Quem serviu de influência para o Lordi certamente foi a banda americana Gwar, conhecida pelas fantasias de monstros alienígenas que combinam horror e comédia. Seus shows e videoclipes são famosos pela teatralidade e pelo uso extensivo de adereços, incluindo sangue falso e fluidos corporais simulados. "Durante muito tempo, os fãs acharam que o Gwar era apenas uma piada. Eles não podiam acreditar que monstros de outro planeta haviam invadido a Terra e formado uma banda de heavy metal. Ninguém percebia que a música tinha a mesma importância para nós que os nossos pitorescos shows", declarou Oderus Urungus (David Murray Brockie) certa vez à ROADIE CREW.

Piada real mesmo é o Mac Sabbath, grupo americano conhecido por sua interpretação única de clássicos do Black Sabbath combinada com uma estética de fast food e palhaços. Os integrantes usam maquiagem que os transforma em personagens inspirados em mascotes de uma rede de fast food (sim, o McDonald's), criando uma experiência visual hilariante e peculiar. Paródia e tributo que eles denominam como "Drive Thru Metal".

Nada convencional, também, é o guitarrista americano Buckethead, que teve uma passagem destacada pelo Guns N'Roses de 2000 a 2004. Além de musicalidade, técnica apurada, inúmeros trabalhos solo e projetos paralelos, sua persona misteriosa e o visual distinto, que inclui uma máscara de balde e uma roupa inspirada num traje de kung-fu, o deixaram mundialmente conhecido.

Quando o assunto é horror, o grupo americano Misfits é reverenciado como pioneiro do horror punk, além de ser famoso por sua imagem de caveira, parte essencial de sua identidade visual, com seus membros usando maquiagem inspirada em zumbis e outros ícones do horror. Fundado por Glenn Danzig em 1977, o Misfits criou um estilo distintivo que influenciou várias gerações e estabeleceu o horror punk como um subgênero significativo no cenário musical.

O americano Wednesday 13 também tem estética influenciada por filmes de terror e cultura pop. Conhecido por sua carreira solo e o trabalho com o Murderdolls, ele usa maquiagem e trajes que evocam uma imagem sombria e teatral. Na mesma linha vem a banda americana de metalcore Ice Nine Kills, famosa por letras inspiradas em filmes de terror e literatura clássica, e cujos integrantes costumam usar maquiagem e trajes que evocam personagens de horror. A banda americana de metal alternativo Mudvayne também é lembrada por suas máscaras e maquiagem facial,

Clube de Revistas

que adicionavam uma aura de mistério e intensidade visual nos shows, fotos promocionais e videoclipes.

E falando em filmes de terror, há uma figura assumidamente influenciada por Alice Cooper ("Eu queria ser Alice quando criança", declarou ele em entrevista): Rob Zombie, outro adepto do rock horror que completa sua persona no palco com maquiagem pesada, o que gera um efeito interessante quando associada à barba e ao cabelos longos. Curiosamente, Zombie se enveredou também pela sétima arte, escrevendo o roteiro e dirigindo filmes como "A Casa dos 1000 Corpos" (2003) e os remakes "Halloween – O Início" (2007) e "Halloween II" (2009), com os quais recontou as origens do icônico serial killer Michael Myers.

Já Marilyn Manson, com sua estética provocativa e controversa, se destacou na cena do rock industrial e metal alternativo. Sua maquiagem, frequentemente caracterizada por olhos marcados e lábios pálidos, complementa sua persona de choque e provocação. E se o Black Veil Brides é conhecido por sua estética de rock gótico e glam metal, com maquiagem pesada e trajes que evocam uma estética sombria e romântica inspirada no visual do século XIX, o In This Moment é referenciado por sua imagem provocativa. A vocalista Maria Brink, com performances teatrais e maquiagem dramática, evoca uma imagem poderosa e feminina.

Quem vem chamando a atenção por sua estética teatral é o vocalista da banda sueca Avatar, Johannes Eckerström, que tomou a decisão de usar maquiagem como "The Clown" em 2012. "Estávamos fazendo uma colaboração com alguns artistas de circo para o vídeo da música

Paul Stanley e Peter Criss

Peter Gabriel

Black Waltz e só queríamos que eu me encaixasse nessa vibe toda. Depois que a pintura foi aplicada, tudo se encaixou. Sempre quisemos que visual e som andassem de mãos dadas, e através do 'Palhaço' isso finalmente se tornou realidade", declarou ao Tattoo.com.

Em se tratando de mistério, com uma música estranha e disforme, além de extrema e técnica, o Imperial Triumphant mantém a aura enigmática típica do black metal, mas com a adição de elementos do neoclássico e da art deco. A fórmula única respira o luxo e a decadência das metrópoles ocidentais do início do Século XX, com temas que abrangem a influência musical e lírica de sua cidade natal, Nova York. "Black metal não se faz só com notas musicais e batidas pulsantes. Existe toda uma atmosfera, uma energia catalisada na música", comentou o guitarrista, vocalista e fundador Zachary Ezrin à ROADIE CREW.

O americano Uada, outro representante do black metal contemporâneo, também tem uma persona de palco e nas fotos promocionais intrigante, já que os músicos tocam encapuzados e usam longas capas pretas. Mais um exemplo de banda atual que adota a estética mascarada é o da banda britânica Sleep Token, que combina elementos de metal, rock alternativo e música experimental. Assim como o Imperial Triumphant, é conhecida por manter a identidade dos membros em segredo, usando máscaras e mantendo um ar de mistério em torno de sua persona.

Neste aspecto, outro que chama muito a atenção é o Cult of Fire, banda de black metal originária da República Tcheca, conhecida por sua estética visual altamente ritualística e mística. Além das máscaras, a imagem é frequentemente acompanhada por elementos de simbolismo religioso e místico, incluindo referências ao hinduísmo e ao budismo tibetano. Isso se reflete tanto em sua música quanto em sua apresentação visual, criando uma experiência sensorial completa para o público.

E O CORPSE PAINT?

O "corpse paint" usado principalmente por bandas de black metal teve suas origens na cena musical underground da Noruega nos anos 1990, se destacando por sua aparência distinta e pela associação com temas sombrios e ocultos. Embora as origens exatas sejam difíceis de determinar, é frequentemente associado ao vocalista dinamarquês Kim Bendix Petersen, na persona de King Diamond. Por conta do fascínio pelo sobrenatural, o então jovem Petersen mergulhou de cabeça em bandas com ligação com o "rock horror", como Atomic Rooster e Alice Cooper. "Quando o público paga para assisti-lo num palco, espera ver mais do que apenas uma reprodução perfeita do álbum que eles compraram, pois eles vêm para ver o show e um showman", analisa o Rei Diamante.

A ideia de usar maquiagem facial, ainda nos tempos com a banda Brainstorm, veio após assistir justamente a um show de Alice Cooper em 1975, na turnê que promovia o álbum *Welcome to My Nightmare*. "Alice Cooper foi e ainda é o maior showman para mim. Quando tive a experiência de vê-lo, decidi ter como objetivo de vida tentar imitá-lo ao máximo. Assim, fui moldando meu próprio estilo. Além disso, o público espera não somente

Rob Zombie

GWAR

ter uma experiência auditiva, como também uma experiência visual marcante", pontua o dinamarquês.

No black metal, Mayhem (em especial, o vocalista Dead), Immortal, Darkthrone, Gorgoroth, Dimmu Borgir e inúmeras outras adotaram o "corpse paint", que também refletia temas líricos explorando a morte, o ocultismo, o niilismo e a escuridão interior. Neste contexto da cena norueguesa dos anos 1990, o "corpse paint" se tornou um símbolo visual poderoso, reconhecível, permanecendo como uma característica distintiva.

No Brasil, o Sarcófago e a icônica imagem da capa, tirada no Cemitério do Bonfim, em Belo Horizonte (MG), mostrava o quarteto portando cruzes invertidas, cinturões de balas e uma versão primitiva do "corpse paint". Espalhando-se pelo mundo, bandas como Belphegor (AUS), Cradle of Filth (ING) e Behemoth (POL) seguiram desenvolvendo o "corpse paint" e as chocantes maquiagens, muitas inspiradas em simbolismo religioso e ocultista.

OUTROS EXEMPLOS

Nos EUA, o Crimson Glory, que ganhou destaque nos anos 1980 pela voz distintiva do saudoso vocalista Midnight, tinha como uma das características a estética teatral e misteriosa, com os membros usando máscaras durante suas apresentações e nas fotos promocionais.

Lizzy Borden, persona de Gregory Charles Harges, pegou o nome de sua banda da polêmica Lizzie Andrew Borden, acusada do duplo homicídio, a machadadas brutais, de seu pai e de sua madrasta. O vocalista, que tem KISS e Alice Cooper entre seus grupos preferidos, declarou que sempre tendeu para bandas que exploravam um lado teatral. "Se eu ficasse sabendo que um grupo tinha algo teatral, procurava conhecê-lo a fundo", disse em entrevista ao site RockEyez.

Thunderstick, o nome artístico de Barry Graham Purkis, baterista do Samson nos anos 1970, é um exemplo interessante quando se fala em músicos mascarados. Ele é conhecido por sua persona mascarada e performática, usando uma máscara de ferro e adotando uma atitude teatral durante os shows. O Brujeria, por sua vez, traz integrantes que adotam identidades fictícias, muitas vezes cobrindo parte do rosto com lenços, usando máscaras de lutadores de luta livre e uma estética influenciada pela cultura mexicana e pela iconografia associada ao ocultismo e à bruxaria (daí o nome "Brujeria", que significa "bruxaria" em espanhol).

Há uma infinidade de nomes que devem ser explorados também por sua estética, seja nos olhos pintados e esfumaçados dos suíços Hellhammer e Celtic Frost, no folk metal com o Turisas, no industrial com o Rammstein, no black metal dos poloneses do Mgła e Batushka, mas no Japão há toda uma cultura do 'visual kei' e suas ramificações. O EZO já tinha adotado o 'visual kei' quando atendia por Flatbacker, e o manteve quando se transferiu de Sapporo (JAP) para Nova Jersey (EUA), atraindo a atenção de Gene Simmons (KISS).

A figura do padrinho famoso, que moldou as composições e produziu o debut, *E-Z-O* (1987), foi fundamental. Já o 'visual kei', difundido na década de 1980 e que se tornou tradição no rock/metal japonês, com inúmeros exemplos, como X Japan, Dead End, D'erlanger, Luna Sea, Dir en Grey, The Gazette, Versailles e muitos outros, foi abandonado pelo EZO em seu segundo e último disco, *Fire Fire* (1989).

E NO BRASIL?

Por aqui, a preocupação estética caminhou juntamente com a evolução musical das bandas da época. Como já dito, o Made in Brazil começou a usar maquiagem em cena desde o fim dos anos 1960: "Não era em todos os shows, e nem todos os músicos se maquiavam. Podia ser que só um ou dois quisessem fazer isso naquele dia", explicou Oswaldo Vecchione para o Background do Made in Brazil publicado na ROADIE CREW. O mais curioso é que uma das maquiagens criadas pelo baixista consistia num rosto todo branco com uma estrela num dos olhos – a única diferença entre ele e você-sabe-quem é que a estrela de Vecchione era roxa. O Made abandonou a prática em meados dos anos 1970, mas no primeiro álbum do grupo, chamado simplesmente *Made in Brazil* (1974) – ou

Slipknot

Anthony Scanga

Shagrath (Dimmu Borgir)

"Disco da Banana" – os músicos aparecem com tinta no rosto.

Da mesma época é o grupo paulistano Casa das Máquinas, que tinha à frente o vocalista Simbas, sempre apostando numa imagem andrógina e se valendo de maquiagem pesada, como dá para conferir no vídeo de *Vou Morar no Ar*, faixa do disco *Lar de Maravilhas* (1975).

Um ano antes, surgiu a banda Assim Assado, uma cópia nada disfarçada de Secos & Molhados – até o nome foi tirado de uma das faixas do disco de estreia do grupo de Ney Matogrosso. Além da maquiagem, a capa do único álbum lançado pela banda, em 1974, é explicitamente baseada na de *Secos & Molhados* (1973).

O Joelho de Porco, que sempre investiu no rock'n'roll com letras ácidas e bem-humoradas, lançou seu segundo disco, *Joelho de Porco*, em 1978. Apesar de o som permanecer o mesmo de sempre, começaram a se autointitular punks, pegando carona no gênero que acabara de surgir. Nessa fase, que contava com o ítalo-argentino Billy Bond nos vocais, a banda começou a se apresentar com maquiagem pesada – praticamente "corpse paint".

Quem também abraçou a causa dos rostos pitados foi a Dorsal Atlântica. Carlos Lopes, falando com exclusividade para este especial, conta que no primeiro show que fez na vida, em 1981 e ainda com a banda Ness, entrou em cena com o rosto maquiado igual ao de Gene Simmons: "Naqueles dias, isso era uma parada fora do normal". O show aconteceu na escola em que Carlos estudava e estava lotado de alunos que não perdoaram: "Foi aquele coro: 'Veado! Veado!'" (risos). Segundo ele, na busca de um estilo próprio, na época em que a Dorsal soltou *Ultimatum* (N.R.: split com o Metalmorphose, lançado em 1985), "começamos a usar roupas escuras e a pintar o olho." Ele lembra que "foi uma soma de influências que vinham de Secos & Molhados e Alice Cooper. Era a época da ditadura, e a minha geração queria impor algumas novidades de uma forma agressiva. Ou seja, tinha uma conotação política."

Já no ano 2000, surgiu em São Paulo a banda Exxótica. Oriundo de um KISS cover chamado Dr. Love, o trio se apresentava mascarado e fazia um show bastante performático. O grupo durou até 2011 e teve um breve retorno três anos depois.

Por sua vez, o black metal também se tornou notório pelo som sombrio e pelas maquiagens que ganharam o nome de "corpse paint". Com comentado acima, o Sarcófago foi um dos pioneiros na prática por aqui e acabou influenciando até nomes de outros países, como Darkthrone e Beherit, que confessaram ter se inspirado no grupo mineiro. Incontáveis bandas do black metal nacional passaram a usar o recurso ao longo dos anos, como Mystifier, Murder Rape, Nocturnal Worshipper, Amen Corner, Ocultan e tantos outros. O Sepultura nunca se valeu da prática, mas isso não impediu que, no dia 17 de julho de 1994, fizesse um show em Laguna Hills (EUA) com as caras pintadas. Explicando melhor: naquela dia, a seleção brasileira de futebol se sagrou tetracampeã do mundo, no famigerado jogo contra a Itália que acabou nos pênaltis, partida presenciada pelos músicos. Na mesma noite, o Sepultura se apresentou com o Pantera e subiu ao palco com camisas da Seleção e caras pintadas de verde e amarelo.

Mais recentemente, outras bandas brasileiras começaram a usar pinturas ou máscaras em cena. Os músicos do Jupiterian, banda paulistana de sludge/death/doom metal, se apresentam com os rostos cobertos e aumentam o mistério assinando apenas como V (vocal e guitarra), A (guitarra), R (baixo) e P (bateria). No Rio de Janeiro, o 7Peles vai a fundo na indumentária para manter a identidade de seus integrantes em segredo, e numa temática como se todos fossem os artífices de uma missa negra baseada num evangelho demoníaco.

Por sua vez, o Black Pantera conta com apenas um mascarado, o baterista Rodrigo Pancho. De acordo com declaração dele ao site Bem Rock, a coisa começou por acaso: "Fui a uma loja, vi a máscara, comprei e decidi criar um personagem", que ele batizou de Pancho. Tempos depois, descobriu que seu falecido avô tinha o apelido de Pancho. "Aí virou uma parada espiritual muito forte."

Há ainda diversos outros grupos espalhados pelo Brasil, como Zombie Cookbook, The Heathen Scÿthe e Alchemia, banda criada mais recentemente e que aposta no horror metal. O líder e vocalista Victor Visval, que também organiza a feira Horror Expo e que vai tocar no Summer Breeze, explica à ROADIE CREW que "na arte da Alchemia, temos uma preocupação em apresentar uma experiência completa, na qual o visual complementa a música, e vice-versa." Ele conta que "crescemos ouvindo King Diamond, Alice Cooper e Rob Zombie, o que nos influenciou nessa opção estética, e escolhemos a maquiagem como uma ferramenta de caracterização, dissolvendo as barreiras de raça, crenças ou pensamentos."

Como vimos, o rock seguirá explorando elementos visuais, mas veremos o que o futuro nos reserva na era dos avatares, dos hologramas e, especialmente, da Inteligência Artificial.

Ghost

Fotos: Reprodução/Divulgação

GENE SIMMONS BAND

PARA SE DIVERTIR

A caminho do Brasil, o eterno baixista do KISS dá detalhes de como será o seu show solo e, claro, fala sobre passado, presente e futuro da 'banda mais quente do mundo'

Por Daniel Dutra

Um ano depois das últimas apresentações do KISS no Brasil, na perna 'The Final 50' da turnê End of the Road, Gene Simmons está de volta ao país para uma única apresentação, desta vez com a sua nova banda solo. Atração principal do primeiro dia do festival Summer Breeze Open Air Brasil, ele antecipou como será o show, dizendo o que pode fazer parte do setlist, e obviamente falou sobre a história da entidade musical que fundou com Paul Stanley. Isso e muito mais num papo que, convenhamos, poderia ter durado horas e horas, afinal, assunto é o que não falta com The Demon.

Os dois shows finais do KISS ainda estão no retrovisor, e você está prestes a sair numa turnê solo. Tirar uma folga da música não me parece ser uma opção, certo?

Gene Simmons: De jeito nenhum, mas, na verdade, eu não havia planejado fazer shows no momento. Tenho uma produtora de filmes, que terá dois lançamentos no próximo verão, e isso além dos restaurantes (N.R.: a franquia Rock & Brews, que tem Simmons e Stanley como sócios. São 22 unidades espalhados por Flórida, Texas, Missouri, Oklahoma, Wisconsin, Kansas e Califórnia, todos Estados americanos). No entanto, o festival entrou em contato comigo perguntando se eu tinha interesse em ser o headliner de um dos dias, e como eu amo São Paulo, pensei: 'Por que não?'. Será a única apresentação que faremos na América do Sul, e estou ansioso! Só queremos nos divertir, sem as preocupações dos shows grandes. Tocaremos coisas bem pesadas, músicas que o KISS nunca tocou.

E nós vamos falar sobre isso, mas como você citou a produtora de filmes, a Simmons/Hamilton Productions, o que mais pode falar sobre essa nova empreitada?

Gene: A produtora só foi possível porque encontrei a pessoa certa para o projeto, Gary Hamilton (N.R.: presidente da Arclight Films, responsável por filmes como "Os Últimos Cavaleiros", de 2015, com Morgan Freeman e Clive Owen; "Como Cães Selvagens", de 2016, com Nicolas Cage; "Jogo Perfeito", de 2022, com Russell Crowe; "Fuga de Pretória", de 2022, com Daniel Radcliffe; e "The Locksmith", de 2023, com Kate Bosworth, Ving Rhymes e Ryan Phillippe; entre outros). Já temos um fundo multibilionário disponível, porque serão 25 filmes produzidos por nós nos primeiros cinco anos, e o primeiro já está em desenvolvimento (N.R.: chama-se "Deep Water", com Ben Kingsley e Aaron Eckhart no elenco, além da direção de Renny Harlin, que esteve atrás das câmaras em longas como "A Hora do Pesadelo 4: O Mestre dos Sonhos",

de 1988; "Duro de Matar 2", de 1990; "Risco Total", de 1993; "Do Fundo do Mar", de 1999; e "O Exorcista: O Início", de 2004).

Empreender fora dos palcos, mesmo que ainda na música, não é novidade para você, que tem feito isso desde os anos 1980. Porém, depois de 50 anos de KISS e do trabalho duro para fazer da banda a instituição do rock'n'roll que é e sempre será, eu pensava que você gostaria de ter um tempo para si mesmo.

Gene: Seria o normal a se fazer. É o que maioria das pessoas faria, só que eu gosto de trabalhar todos os dias. Hoje, por exemplo, será um dia inteiro de entrevistas e telefonemas, mas eu até mesmo já me exercitei caminhando oito quilômetros (N.R.: a entrevista foi realizada às 15h, horário de Los Angeles, onde Simmons reside). Temos de acordar todos os dias e impulsionar o coração de alguma forma, sabe?

Dito isso, e até para não parecer que estou reclamando de você continuar se apresentando ao vivo (risos), a Gene Simmons Band é uma chance de dar aos fãs músicas que o KISS normalmente não tocava ou nunca tocou ao vivo. Então, o que você está preparando?

Gene: Tocaremos uma música chamada *Are You Ready?*, uma demo que entrou no *Gene Simmons Vault* (N.R.: o box lançado em 2017, contendo dez CDs com 151 músicas gravadas por Simmons entre 1966 e 2016, e que permaneciam inéditas até então), e também *Weapons of Mass Destruction*, que é bem pesada e faz parte do meu segundo disco solo, *Asshole* (2004). Será um setlist de canções como essas, realmente mais pesadas, porque é a música da minha preferência.

Eu imaginava que você poderia tocar *Sweet & Dirty Love*, do *Asshole*, pela óbvia ligação dela com o KISS (N.R.: a versão embrionária da canção data de 1976, tendo sido descartada para *Rock and Roll Over*, álbum lançado no mesmo ano), mas imagino a dificuldade para montar um repertório de 90 minutos com tanto material disponível...

Gene: *Sweet & Dirty Love* é uma possibilidade, então quem sabe? Talvez a toquemos, porque tudo é possível. Vamos começar a ensaiar daqui a uma semana (N.R.: no início de março), então vou escutá-la novamente e testá-la nos ensaios. E acredito que você deve ter várias outras músicas em mente...

Sim! Tenho certeza de que não faltam músicas que os fãs gostariam de ouvir pela primeira vez, e eu mesmo, como fã há mais de 40 anos, poderia montar agora mesmo um setlist apenas de 'deep cuts' (risos).

Gene: Por favor!

Já que você pediu, vamos lá (risos): *Not for the Innocent*, *Dance All Over Your Face*, *And on the 8th Day*, *Murder in High Heels*, *Radioactive*, *Larger Than Life*, *Love 'Em or Leave 'Em*, *All the Way*, *Almost Human*, *Rock and Roll Hell*, *Saint and Sinner*, *Anyway You Slice it*, *We Are One*, *Charisma*, *Naked City*, *She's So European* e, acredite, *Hate*, porque eu adoro o *Carnival of Souls* (1997)...

Gene: Uau! E que tal *Unholy*?

Obrigatória, sem dúvida, mas, para falar a verdade, eu já espero que, do *Revenge* (1992), você toque *Unholy* e *Domino*.

Gene: É sempre bom conversar com quem sabe do que está falando (risos), então vou reforçar o que disse a você: faremos vários testes nos ensaios, porque todas essas músicas são possíveis. Nós queremos nos divertir! Tenho uma excelente banda, os músicos que estão comigo são foda, e nós chegaremos com nossas guitarras e baixos, porque alugaremos a bateria no Brasil, e faremos como Chuck Berry fazia. Subiremos ao palco, plugaremos os instrumentos, tocaremos e curtiremos cada segundo!

"FAREMOS COMO CHUCK BERRY FAZIA. SUBIREMOS AO PALCO, PLUGAREMOS OS INSTRUMENTOS, TOCAREMOS E CURTIREMOS CADA SEGUNDO!"

Sobre a sua banda solo, ainda não está claro quem vai tocar com você. Zack Throne, por exemplo, disse que não vem mais. Então, quem são os músicos, realmente?

Gene: Esse foi um problema facilmente resolvido, e digo a você que não são apenas músicos que estão na cena há muitos anos. São também amigos meus. A melhor coisa sobre essa banda é que nos damos muito bem, e eles são instrumentistas incríveis: Brent Woods e Jason Walker nas guitarras, Brian Tichy na bateria, e todos também nos vocais. É uma banda foda, e mal vejo a hora de subirmos ao palco juntos.

Eu já pude conversar com Brian algumas vezes, e sempre falamos sobre o KISS, porque ele também é um grande fã.

Gene: Sim, ele disse isso uma vez para mim. Na verdade, quando nos conhecemos (risos), e é uma situação muito legal. A empolgação dele é contagiante, Além disso, Brian é muito mais do que somente um baterista. Ele também toca baixo e guitarra, e muito bem, e ainda canta!

E depois de estar aqui tantas vezes com o KISS, quais são as expectativas agora que você volta como artista solo para ser a atração principal do dia de abertura do Summer Breeze?

Gene: Eu quero me divertir, mesmo, e não somente na hora do show. Desta vez, terei mais tempo para ir a alguma casa noturna ou a algum restaurante, para ver mais de perto a cultura local. A melhor coisa sobre o Brasil é a sua cultura, porque é o único país da América do Sul onde se fala português, então trata-se de um país único, com uma culinária única... Meu Deus, o churrasco aí é incrível! (risos) E tem as mulheres, que são lindas, claro. Estou muito ansioso para voltar!

Nas oito vezes anteriores, desde 1983, podemos então falar que essas são as suas melhores lembranças do Brasil?

Gene: Sem dúvida! A cultura, as pessoas, os monumentos, a comida e, claro, as mulheres! Todos esses fatores sempre foram a melhor parte do seu país nas vezes em que estive aí!

E a Sharon sabe sobre as mulheres? (risos)

Gene: Infelizmente, ela sabe de tudo (gargalhadas).

A ligação com o Brasil começou em 1983, com shows que ainda são um marco, especialmente o do Estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro. O que isso representa para você?

Gene: Nós nunca havíamos tocado num lugar tão grande! Algumas pessoas dizem que havia 200 mil pessoas, e outras dizem que foram cento e poucas mil pessoas. De qualquer forma, era muita gente! (N.R.: oficialmente, o Maracanã recebeu 137 mil pessoas naquela noite de 18 de junho). Não podíamos ir sozinhos para os shows em São Paulo, no Rio e em Belo Horizonte, então foi preciso uma escolta do Exército Brasileiro, porque ir para os estádios numa limusine comum seria perigoso. Também não tínhamos permissão de sair na rua, então permanecíamos enfurnados dentro dos hotéis, mas como ficamos no último andar, trouxemos a festa até nós! (risos) Convidamos pessoas e fizemos nossas festas nos hotéis, mesmo, já que não podíamos sequer colocar os pés no corredor se estivéssemos sozinhos. Mas foi uma experiência maravilhosa!

E além dos problemas alfandegários à época, há alguma outra lembrança ruim?

Gene: Infelizmente, tivemos nossos amplificadores e outros itens de palco retidos em 1983, e o produtor também ficou nos devendo dinheiro, mas isso aconteceu nos primórdios dos grandes shows de rock no Brasil. Fizemos aqueles três shows e éramos a única banda... Quer dizer, havia

uma banda local de abertura, o Herva Doce, mas não era um festival. Era só o KISS, e o produtor nos deu calote, então tivemos até mesmo de contratar advogados brasileiros para resolver a situação. No fim, foram seis meses até conseguirmos nossos equipamentos de volta.

Algumas pessoas acham que esses problemas foram a razão de o KISS demorar 11 anos para voltar a tocar no Brasil.

Gene: Não, não! Nós amamos o Brasil! O que acontece é que o mundo é grande. Quando tocamos em São Paulo, por exemplo, Tóquio pergunta 'por que vocês não vieram para cá?', e Paris pergunta 'por que não tocaram aqui?'. Então, acredite, levou todo aquele tempo para retornamos ao Brasil porque o mundo é grande.

Sobre os avatares do KISS, qual o atual estágio do processo de lançamento do show?

Gene: Bom, posso lhe dizer duas coisas. A primeira é que se trata de algo muito legal, é a segunda é que não posso falar mais nada! (risos)

Ok, mas há pelo menos alguma data de quando veremos esse KISS do futuro? Porque os fãs esperavam algo quase que imediato depois do anúncio, e agora Tommy Thayer revelou que isso não acontecerá antes de 2027...

Gene: A resposta mais inteligente que posso dar é: quando estiver pronto. Assim como quando se pinta um quadro, ou se escreve um livro ou se compõe uma música, o trabalho só acaba quando a obra fica pronta. Mas vocês não vão se arrepender por esperar, porque será um show que vai explodir suas mentes!

Permita-me, então, dizer uma coisa: eu não estaria aqui conversando com você e escrevendo para uma revista de música se não fosse pelo KISS, principalmente porque meu pai comprou para mim, em 1983, meus primeiros discos do KISS. E isso passou para o meu filho, que tem 4 anos e é fã do KISS, só que o mais interessante é que não importa se ele vê uma foto do KISS dos anos 1970 ou do chamado KISS 2.0, porque para ele é sempre Gene, Paul, Tommy e Eric. O que quero dizer é: isso diz muito sobre o legado que os avatares continuarão, certo?

Gene: Sim, e essa é uma grande história! O KISS é mais ou menos como um time de futebol, porque o time tem mais relevância do que quem está jogando nele. Se estivéssemos num time de futebol e eu lhe passasse a bola, estando você bêbado ou drogado, o time todo perderia, porque você não conseguiria fazer o gol. É preciso ter os melhores profissionais numa banda. Isso é algo muito difícil, só que nós tivemos sorte nestes 50 anos. A história do KISS é fantástica, e temos muito orgulho, além de que, é claro, não teríamos alcançado nada do que conquistamos sem os fãs.

E o KISS tem um séquito de fãs absolutamente devotos, que tatuam sua paixão em suas peles e montam verdadeiros museus da banda em suas casas.

Gene: Sim, nós temos um exército! (N.R.: Simmons faz referência ao KISS Army). Ainda assim, muitas bandas importantes têm grandes fãs. Os fãs de Sepultura amam o Sepultura, os fãs da Taylor Swift amam a Taylor Swift, e há bastante espaço para todo mundo. A principal coisa é a música, e os shows fazem a vida valer a pena ser vivida, dão a você um motivo para sair de casa e celebrar. É isso que eu mais amo sobre música ao vivo. Você vai com seus amigos, faz novas amizades, e todos celebram estar vivos. É para isso que servem os shows, especialmente os grandes festivais.

"A MELHOR COISA SOBRE O BRASIL É A SUA CULTURA, PORQUE É O ÚNICO PAÍS DA AMÉRICA DO SUL ONDE SE FALA PORTUGUÊS, ENTÃO TRATA-SE DE UM PAÍS ÚNICO, COM UMA CULINÁRIA ÚNICA... MEU DEUS, O CHURRASCO AÍ É INCRÍVEL!"

Dito isso, preciso abordar uma declaração recente de Ace Frehley, a de que o fã-clube do KISS não é o mais brilhante, sendo que os fãs dele são mais espertos. Não me pareceu a coisa mais inteligente a dizer, afinal, os fãs do Ace são primariamente fãs do KISS, e soa como se ele estivesse cuspindo na comida que ainda o alimenta...

Gene: Ace precisa de manchetes, especialmente agora que está lançando um novo disco, então nada melhor do que revisar o próprio passado e falar mal dele. Olha, eu sempre amei o Ace, e nós nos falamos de vez em quando. O mesmo serve para o Peter (Criss), mas é muito difícil fazer parte de uma banda, sabe? É mais difícil estar numa banda do que estar casado! Muitas pessoas se divorciam de seus casamentos, e existem pouquíssimas bandas que mantiveram sua formação original até o fim da vida. Até os Beatles não tinham seus membros originais, porque Ringo (Starr) não estava lá desde o começo. E olhe o AC/DC, que teve 24 pessoas diferentes na banda! A quem estiver lendo essa entrevista, pode pesquisar que verá que não estou inventando (N.R.: Simmons errou para baixo na conta, porque 27 músicos diferentes já tocaram com o AC/DC, ao vivo e/ou em estúdio). Isso se dá porque quanto mais tempo a banda dura, mais difícil fica. Não é fácil! O Ace tomou algumas decisões ruins na vida dele, a começar pelo álcool e pelas drogas, e essas coisas mudam quem você é, o tornam uma pessoa diferente. Ele é um amor de pessoa quando está sóbrio, fica ótimo de conviver, e é muito talentoso, claro. Da última vez em que saí em turnê com a minha banda solo, eu o levei para tocar no Japão e na Austrália, e nós nos divertimos muito.

Você fez uma analogia com o futebol, e eu acrescento que ninguém deixa de torcer para o time de coração porque os jogadores não são os mesmos de cinco, dez ou 15 anos atrás...

Gene: Exatamente! E ouvir isso de um brasileiro tem outro significado, porque o Brasil é o país do futebol (risos).

Acredito que você estava se preparando para o fim do KISS desde que a turnê foi anunciada, mas também creio que foi diferente quando chegou a hora. É como ter certeza de que um membro da família está prestes a partir, mas ainda assim somos derrubados quando acontece. Qual foi o seu sentimento assim que saiu do Madison Square Garden e chegou em casa depois do derradeiro show?

Gene: Eu não dormi naquela noite, sinceramente. Pedi serviço de quarto, comi, li algumas revistas, e a minha família estava comigo, então todos nós celebramos. É a melhor parte, afinal, quantas outras bandas têm uma carreira assim por 50 anos? Nós quatro estávamos muito orgulhosos. Amamos os fãs, e os shows foram incríveis, tanto que vão virar documentários em breve, num lançamento bem especial. Ao mesmo tempo, porém, também foi triste. Um dia seus pais vão morrer, é a vida, e tudo termina um dia, então devemos celebrar os tempos felizes em vez de ficarmos tristes sobre o fim. A melhor coisa que podemos fazer é parar enquanto ainda estamos bem, porque ninguém quer ser um boxeador que fica no ringue por muito tempo, porque virá um adversário para lhe derrubar. É melhor sair enquanto você ainda é o campeão.

Ainda assim, muitos fãs tinham uma expectativa única sobre o último show, a de que ex-integrantes aparecessem, o que não aconteceu. E esses mesmos fãs ficaram desapontados...

Gene: A verdade é que, nos casos específicos de Ace e Peter, eu e Paul passamos dois anos falando com os dois. Primeiro, perguntamos se eles queriam fazer parte do documentário, no qual poderiam falar

o que quisessem, e a resposta foi 'não' (N.R.: Simmons se refere também a "Biography: KISStory", produzido e transmitido pela A&E, em 2021, e posteriormente lançado em DVD e Blu-ray). Depois, perguntamos se os dois gostariam de tocar algumas músicas conosco no bis, e eles responderam 'não'. Perguntamos essas mesmas coisas mais algumas vezes, e eu mesmo liguei para o Ace mais de uma vez. Chegamos a fazer uma reunião na casa do Paul, e Ace disse que a única forma de ele tocar seria se o Tommy fosse proibido de estar no palco, e dissemos que isso não aconteceria. Falamos ao Ace que ele seria mais do que bem-vindo a se juntar a nós durante o bis, para celebrarmos todos juntos, e ele disse 'não'.

De fato, não seria justo, até porque Tommy é o guitarrista que passou mais tempo na banda.

Gene: Tommy está na banda há mais tempo do que Ace e Peter, assim como o Eric também está. Os dois sempre aparecem na hora marcada, trabalham duro, não reclamam, não bebem e não usam drogas. Os dois sequer fumam cigarro, e o ambiente sempre foi amistoso com Tommy e Eric. No fim das contas, a história do KISS começou e terminou sem que tivéssemos de fazer concessões. Sempre foi do nosso jeito. É uma história longa. Quando se sobe no palco com aquelas roupas e com as maquiagens, os fãs esperam algo de você. Não dá para ficar olhando para os próprios pés ou dar as costas para o público presente, então dedicamos muito esforço, tempo e dinheiro nos shows ao vivo para que os fãs sempre recebessem o melhor! Aliás, nós jamais cobramos excessivamente por um ingresso, porque existem shows muito mais caros por aí. Nós investimos muito dinheiro em nossas apresentações, mas os valores dos ingressos não eram insanos.

Permita-me contar uma rápida experiência pessoal: quando o KISS tocou com a formação original no Brasil, em 1999, eu fui a Porto Alegre e São Paulo, porque o Rio não fez parte da turnê. Não preciso dizer o quão ansioso eu estava para ver pela primeira vez você e Paul ao lado de Ace e Peter, mas o show em Porto Alegre foi uma decepção, já que o Ace estava claramente bêbado.

Gene: Sim, foi exatamente isso que aconteceu. Então, o que é mais importante? Manter a banda original com um integrante bêbado ou mudar a formação? É o dilema que vivemos à época. Quando você dirige seu carro e estoura um pneu, o que você faz? Troca o pneu, caso contrário, não consegue continuar.

No dia 18 de fevereiro, o primeiro álbum do KISS completou 50 anos. Você e Paul Stanley sonharam grande e formaram a banda de rock'n'roll que ninguém jamais havia visto, mas olhando para trás, quais você diria que foram seus momentos pessoais de maior orgulho na história do KISS?

Gene: O maior de todos foi quando subimos ao palco no réveillon de 1973 (N.R.: no dia 31 de dezembro daquele ano, o KISS se apresentou no Academy of Music, em Nova York, abrindo para Teenage Lust, Iggy Pop e Blue Öyster Cult diante de 3 mil pessoas). Éramos a quarta atração, ninguém nos conhecia, e nosso primeiro disco ainda não havia sido lançado, mas tocamos por 35 minutos como se fôssemos o headliner (N.R.: a título de curiosidade, o setlist foi *Deuce*, *Cold Gin*, *Nothin' to Lose*, *Firehouse*, *Let Me Know*, *100.000 Years* e *Black Diamond*). No dia seguinte, eu estava na capa da revista Melody Maker, mesmo com as pessoas sem saber quem éramos! Sabíamos que, se tivéssemos um grande coração, poderíamos fazer grandes coisas. Esse era o nosso sentimento, e no começo era um por todos, todos por um. No entanto, infelizmente para nós, e também para muitas outras bandas, quando o time para de trabalhar junto, não se tem mais algo grande. Mesmo no futebol, não dá só para sair correndo com a bola para marcar gol. É preciso fazer o que é certo para o time, e não o que é certo para você.

"NINGUÉM QUER SER UM BOXEADOR QUE FICA NO RINGUE POR MUITO TEMPO, PORQUE VIRÁ UM ADVERSÁRIO PARA LHE DERRUBAR. É MELHOR SAIR ENQUANTO VOCÊ AINDA É O CAMPEÃO."

E você tem algum arrependimento? Algo que você gostaria de não ter feito ou que deveria ter feito?

Gene: Não mesmo. Todos os erros que cometi também me levaram a onde estou hoje. 'Aquilo que não me mata me fortalece', sabe? E preciso repetir: eu amo ir a São Paulo. É uma das minhas viagens favoritas, e 50 anos depois tenho novamente essa oportunidade. Nós cometemos erros, assim como todo mundo, mas eu sou o cara mais sortudo do mundo.

Sobre cometer e não cometer erros, diante de como estava a situação nos Estados Unidos durante a pandemia, você usou a sua influência para incentivar a vacinação. Milhões de pessoas o escutam, e o fato de você ter falado abertamente sobre a importância de se vacinar foi muito importante, mesmo estando sujeito às críticas dos negacionistas.

Gene: Obrigado. Muitas pessoas acreditam em ideias muito estranhas,

né? Ainda há quem acredite que a Terra é plana, mas ela não é e nunca foi, e dá para comprovar isso de maneira muito fácil. Tem gente que acredita que nós nunca pisamos na Lua, mas isso não é realmente importante. É apenas uma opinião sobre as coisas. No caso da vacina, era uma questão de vida ou morte. As pessoas estavam morrendo! Seis milhões de pessoas morreram de Covid, e não se fala mais sobre isso. Mas aconteceu! Eu vi com os meus próprios olhos, quando fui me vacinar, o hospital lotado de gente doente e morrendo, em cada andar, em cada corredor. As pessoas que não se vacinaram ficaram ainda mais doentes, e muitas delas morreram, sendo que sequer eram idosos ou de algum grupo de risco! Se você me perguntar, eu sempre darei a minha opinião, e você não precisa concordar com ela. Se alguém não quiser se vacinar, então não se vacine, mas não fique com raiva de mim somente porque dei a minha opinião.

Para terminar, Gene: se você precisasse mostrar a um jovem fã cinco de suas músicas para explicar quem é The Demon, quais você escolheria e por quê?

Gene: Interessante. Creio que *Unholy* é uma boa escolha, assim como *Hate*, porque 'hate is what I am, 'cause underneath this heart there beats the heart of man' (N.R.: Simmons canta o primeiro verso da música que abre o álbum *Carnival of Souls*). *Deuce* precisa estar na lista, porque a compus em meia hora no baixo. Eu tinha o riff, e a música se desenvolveu muito rápido... E tem *Nothin' to*

"CHEGAMOS A FAZER UMA REUNIÃO NA CASA DO PAUL, E ACE DISSE QUE A ÚNICA FORMA DE ELE TOCAR (NOS SHOWS DE DESPEDIDA) SERIA SE O TOMMY FOSSE PROIBIDO DE ESTAR NO PALCO, E DISSEMOS QUE ISSO NÃO ACONTECERIA."

Lose, que foi nosso primeiro single, e eu a compus muito rápido. É uma filosofia sobre a vida, eu acho... (gargalhadas). Você sempre receberá 'nãos' na vida, inclusive de garotas que dizem 'não quero fazer isso', mas que acabam fazendo (N.R.: resumindo, a letra de *Nothin' to Lose* é sobre sexo anal). A palavra 'não', e agora eu não serei específico, não precisa ser um problema, porque o 'não' às vezes significa 'sim'. A última música pode ser *God of Thunder*, mesmo que eu não a tenha escrito, e tenho certeza de que você sabe disso. Paul a compôs, e o que aconteceu foi que nós estávamos sacaneando a música um do outro, e Paul disse: 'Gene, tudo o que você faz é escrever músicas sobre monstros! Tipo 'eu sou assim, eu faço aquilo, eu sou o Deus do Trovão e blá-blá-blá", e eu respondi 'O que você disse?', porque achei uma ótima ideia. Paul foi para casa e compôs *God of Thunder* porque achou que eu iria compor primeiro (risos). E eu havia falado: 'Você só escreve músicas bobas sobre amor e garotinhas, tipo 'I'm Christine sixteen, and you know what I mean", e aí foi ele quem respondeu: 'O que você disse? Isso é legal!'. Então eu fui para casa e compus *Christine Sixteen* porque o Paul achou que era bom (risos). Mas isso é que é o legal numa banda, e acontecia a mesma coisa com John Lennon e Paul McCartney, com Mick Jagger e Keith Richards, acontece com quaisquer pessoas que tenham gostos diferentes. Dá para perceber as diferenças entre Lennon e McCartney, mas juntos os dois faziam uma banda. Eles se ouviam, e em algum momento alguém dizia 'eu não gosto disso, prefiro aquilo', o que construía uma música melhor. Ninguém acredita que *Yesterday* era originalmente chamada de "Scrambled Eggs", e que foi Lennon quem disse a McCartney: 'Essa é uma grande música, mas esse nome é ridículo. Você devia chamá-la de *Yesterday*'. Isso é o que acontece quando se tem uma banda e cada integrante contribui com alguma coisa na composição de uma música, ainda que não seja o autor dela.

Clube de Revistas

Lançamentos Classic Metal Records

RIOT

Digipacks duplos com slipcase, poster e encarte! São 9 edições que formam a figura do mascote da banda e podem ser acondicionados num box exclusivo!

SINNER

Lançamentos em parceria com a Dynamo Records

- SINNER -
Danger Zone

- SINNER -
Touch Of Sin

- SINNER -
Comin' Out Fighting

- SINNER -
Dangerous Charm

www.jccvisdesign.com

METAL NACIONAL

- HELLWAY TRAIN -
BORDERLINE

- PATRULHA DO ESPAÇO -
COMPACTO + MAIORIDADE

- THE LYNX -
THE LYNX II - 1996

Catálogo de importados no site da Classic Metal Records:

- PRETTY MAIDS -
LOUDER THAN EVER

- PARASITE -
PARASITE

- HOUSE OF LORDS -
CARTESIAN DREAMS

- CHASTAIN -
THE 7th OF NEVER

- HEAVY LOAD -
RIDERS OF THE ANCIENT STORM

- CRAZY LIXX -
CRAZY LIXX

- HELLOWEEN -
KEEPER OF THE SEVEN KEYS THE LEGACY

- ZANDAR ZAN -
EXECUTIONER

Classic Metal
www.classicmetal.com.br
sac@classicmetal.com.br

Dúvidas e compras no atacado, entre em contato no e-mail: sac@classicmetal.com.br / WhatsApp (12) 98269-2446

Clube de Revistas

COLLECTION

Por Daniel Dutra

De Joker a The Mob, passando por Cross+Fire, Michael Wilton e Chris DeGarmo (guitarras), Eddie Jackson (baixo) e Scott Rockenfield (bateria) atravessaram diferentes fases de 1978 até 1982, quando uma demo com quatro músicas autorais virou o EP que carregava o nome definitivo da banda de Seattle: Queensrÿche. Foi aí que Geoff Tate (vocal) decidiu ficar de vez, e a formação original durou até o início de 1998, quando DeGarmo decidiu sair, sendo substituído por Kelly Gray, que ficou até 2002. DeGarmo voltou em 2003, mas novas diferenças com Tate o fizeram ir embora mais uma vez. Mike Stone chegou e permaneceu até 2009, quando foi substituído por Parker Lundgren. Depois de anos de comportamento errático, Tate foi mandado embora, e em seu lugar veio Todd La Torre (ex-Crimson Glory), que ajudou a recolocar o Queensrÿche em seu devido lugar de destaque. Em 2017, Rockenfield se afastou por licença-paternidade e, novo imbróglio judicial à parte, deu lugar a Casey Grillo (ex-Kamelot). Com a saída de Lundgren em 2021, para se dedicar exclusivamente à sua loja de guitarras, Stone retornou à banda, que no ano seguinte lançou um de seus melhores trabalhos. E é essa história que você acompanha, de maneira resumida, neste Collection revisitado da banda que é o epítome do prog metal.

Casey Grillo, Michael Wilton, Todd La Torre, Mike Stone e Eddie Jackson: o Queensrÿche do presente, caminhando para 50 anos

Silly Rock Studios

IMPERDÍVEIS

OPERATION: MINDCRIME (1988)

Não é nenhum exagero dizer que *Operation: Mindcrime* é o melhor disco conceitual do heavy metal – senão do rock como um todo –, afinal, houve um raro alinhamento estelar na hora de dar vida ao enredo subversivo de Dr. X, a mente criminosa; Nikki, um viciado que se junta a uma organização para instalar o caos e derrubar o sistema; Padre William, cuja igreja é fachada para operações ilegais; e Irmã Mary, uma ex-prostituta tirada das ruas. Os personagens se entrelaçam em músicas e letras que casam perfeitamente – e a pergunta "quem matou Mary?" foi um grande mistério por 18 anos. Sem absolutamente nada fora do lugar, o instrumental é impecável sem ser autoindulgente, e a história passeia por temas que continuam atuais. "Os ricos controlam o governo, a mídia, a lei. Para fazer algum tipo de diferença, todos devem saber: erradique os fascistas, e a revolução crescerá" (*Speak*). Ou "combatendo o fogo com palavras vazias, enquanto os bancos engordam, e os pobres continuam pobres, e os ricos ficam ricos, e os policiais são pagos para desviar o olhar enquanto 1% governa os Estados Unidos" (*Spreading the Disease*). Não à toa, Bruce Dickinson declarou à época que a sua certeza de que o Iron Maiden havia feito o trabalho conceitual definitivo do metal, com Seventh Son of a Seventh Son, acabou quando ouviu *Operation: Mindcrime*...

EMPIRE (1990)

Dois anos depois de *Operation: Mindcrime*, que ganhou Disco de Platina nos EUA, jogar os holofotes sobre o Queensrÿche, Geoff Tate, Chris DeGarmo, Michael Wilton, Eddie Jackson e Scott Rockenfield fizeram o que haviam feito desde o início: um disco completamente diferente do anterior. E tiraram a sorte grande com *Empire*, um trabalho extremamente sofisticado. E brilhante, absolutamente brilhante. Talvez não fosse a intenção da banda emplacar seis singles, sendo a balada *Silent Lucidity* um sucesso retumbante, responsável por alçar o novo trabalho, um álbum duplo, a Platina tripla – para coroar seu trabalho comercial mais bem-sucedido, o videoclipe de *Silent Lucidity* ainda ganhou o Viewer's Choice Award, da MTV. Porém, o extremo bom gosto do quinteto nos arranjos e o som cristalino extraído por Peter Collins, que produziu também o disco anterior, fizeram com que, da primeira à última música, a banda lançasse uma nova obra-prima, mesmo trilhando outro caminho. *Empire* é para ser ouvido do início ao fim prestando atenção nos detalhes, como a finesse de Rockenfield na divina *Della Brown*; nas letras sociais e políticas (*Empire* e *Resistance*); em solos e refrãos de rara inspiração (*Jet City Woman*) e na beleza de composições intrincadas sem serem difíceis de compreender (*The Thin Line*, *Another Rainy Night (Without You)* e *Anybody Listening?*).

Clube de Revistas

EXCELENTES

RAGE FOR ORDER (1986)

É plausível dizer que o Rush plantou a semente do prog metal, mesmo que inconscientemente. Porém, como o trio canadense nunca foi uma banda de metal, é mais do que plausível apontar *Rage for Order* como marco zero do gênero. E olha que, por causa da marca deixada por *The Warning*, o segundo álbum do Queensrÿche não foi facilmente assimilado por muitos ouvintes quando lançado. O quinteto ousou ao levar a sonoridade do disco anterior a outros patamares, tornando-a mais pomposa, ainda mais técnica e com teclados mais proeminentes. Ainda assim, Chris DeGarmo e Michael Wilton são a maior prova da mudança, com excelentes riffs (muitas vezes dois diferentes numa mesma música, tocados paralelamente) e solos de tirar o fôlego, alternados e dobrados. Ouça *Surgical Strike*, a belíssima *London* e *Walk in the Shadows*. E tem mais: Scott Rockenfield ratifica sua técnica e criatividade ímpares em *The Whisper*, canção de andamento 4/4 que ele transforma em 12/8 com uma quiáltera no contratempo. *Rage for Order* é um divisor de águas, e não é exagero dizer que, não fosse ele, grupos como Fates Warning e Dream Theater não seriam o que são hoje.

THE VERDICT (2018)

Scott Rockenfield estava fora havia mais de um ano e, incomunicável ou não, deixou a banda sem alternativa a não ser seguir em frente com o terceiro disco da era Todd La Torre. Como um quarteto, e o próprio vocalista gravou a bateria, o Queensrÿche pós-Geoff Tate subiu mais alguns degraus. O maior exemplo disso está em *Light-years*, música e letra de Eddie Jackson, que ao longo dos anos foi se aprimorando até se tornar um grande compositor que também é um excepcional baixista. A canção talvez seja a melhor música do Queensrÿche desde *Anybody Listening?*, e "talvez" porque entramos no campo subjetivo. Porém, trata-se de uma faixa prog metal do mais alto nível, com um trabalho impecável de Michael Wilton e Parker Lundgren num instrumental com nuances complexas de cair o queixo. Lundgren, aliás, assina sozinho outra joia de *The Verdict*, a belíssima *Dark Reverie*, e o álbum como um todo é o resultado de trabalho e esforço coletivos, sem compositores externos. Também por isso, *Blood of the Levant*, *Inside Out*, *Bent*, *Inner Unrest*, *Launder the Conscience* e *Portrait* são canções para encher de orgulho o fã do bom e velho Queensrÿche.

DIGITAL NOISE ALLIANCE (2022)

Álbum mais recente, *Digital Noise Alliance* nos faz traçar um paralelo com os primeiros anos do Queensrÿche, que seguiu os passos de grupos como Black Sabbath e Iron Maiden ao lançar uma sequência impecável e obrigatória de discos – se considerarmos o EP, foram seis. E por quê? Desde a entrada de Todd La Torre, o Queensrÿche vem lançando um CD melhor do que o outro, e o seu 16º trabalho é nada menos que o de maior excelência desde *Empire*. A produção de Chris "Zeuss" Harris, com quem o grupo vem trabalhando desde 2015, deixa tudo perfeitamente em seu devido lugar, mas há dois fatores que chamam mais a atenção: primeiro, a incrível performance de Casey Grillo, uma prova de como o estilo do Kamelot é limitador; segundo, outra confirmação de como Michael Wilton é subestimado por muitos, enquanto deveria ser enaltecido como um dos dois principais compositores do grupo, ao lado de Chris DeGarmo, até *Empire*. Enfim, temos aqui uma nova obra-prima do Queensrÿche, e canções como *Lost in Sorrow*, *Sicdeth*, *Behind the Walls*, *Realms*, *Hold on* (maravilhosa!) e *Tormentum* (espetacular) entram facilmente no rol das melhores da história da banda.

BONS

THE WARNING (1984)

Você deve estar pensando que é um crime classificar somente como "bom" o primeiro álbum do Queensrÿche, e eu concordo. Mas a vida é feita de escolhas, e essas escolhas têm muito a ver com o momento. Mesmo que à época a banda já tivesse demonstrado sua insatisfação com a mixagem de Val Garay – além do descontamento com a gravadora, que mexeu no ordem das músicas (*NM156* deveria ter sido a faixa de abertura, e *Warning* era a antepenúltima) –, *The Warning* se tornou um clássico do heavy metal então mais sóbrio, técnico e bem trabalhado, o que levou o quinteto de Seattle a ser visto como um grupo britânico. Claro, ajudou o fato de o Queensrÿche ter gravado no Abbey Road, em Londres; usado o produtor James Guthrie, mais conhecido por sua participação em álbuns do Pink Floyd; e trabalhado com o maestro Michael Kamen (1948-2003). Acontece, porém, que nos EUA não se fazia nada parecido com *En Force*, *No Sanctuary* e, especialmente, a épica *Roads to Madness*. E *Take Hold of the Flame*, prova inconteste de que Geoff Tate, em forma e no auge, deixava qualquer vocalista comendo poeira. Qualquer um.

CONDITION HÜMAN (2015)

Primeiro álbum do que se tornou uma parceria com o produtor Chris "Zeuss" Harris, o segundo trabalho com Todd La Torre nos vocais é um enorme passo em relação a *Queensrÿche* (2013). Enquanto seu antecessor padeceu de melhor mixagem e masterização, que tiraram um pouco do brilho de ótimas músicas, *Condition Hüman* tem uma sonoridade encorpada, pesada e grave, que enriqueceu mesmo as canções mais progressivas e, digamos, calmas, como *Toxic Remedy*, *Selfish Lives*, *Bulletproof* e *Just Us*. Todas ótimas, assim como *Hourglass* e a faixa-título, que se soma ao prólogo *The Aftermath* para se transformar num épico de 8'51" com ideias instrumentais recicladas de *Operation: Mindcrime*, o que confere a ela um saudável ar de saudosismo. E há os destaques, como a espetacular *Eye9*, mais uma pérola solo de Eddie Jackson; *Guardian*, na qual Parker Lundgren debulha lindamente e Scott Rockenfield dá aula de técnica e criatividade, mostrando por que é um baterista fora da curva; e *Hellfire*, uma amostra do enorme talento de Michael Wilton como compositor. E La Torre? Bem, essa cara foi e é uma bênção para o Queensrÿche.

CUIDADO

DEDICATED TO CHAOS (2011)

O Queensrÿche já havia se afastado da sonoridade que o tornara um dos grandes do heavy metal, mas quem poderia imaginar que a banda desceria ainda mais baixo do que o lamentável e desnecessário *Operation: Mindcrime II*? Desceu, e *Dedicated to Chaos* ainda deveria ter sido uma volta às origens. "Tínhamos algumas ideias diferentes, e então o vocalista meio que mudou a direção", disse Michael Wilton, chutando o balde em entrevista à revista Guitar World. Sintomático que não haja sequer uma composição do guitarrita, mesmo como coautor, e o disco, apesar de contribuições de Eddie Jackson e Scott Rockenfield, acabou sendo o último puxadinho de Geoff Tate, que transformara a banda num empreendimento familiar, incluindo o trabalho de nomes no mínimo questionáveis como Kelly Gray, Jason Slater e Randy Gane na produção, composição e/ou performance em estúdio. A rigor, salvam-se duas das 16 músicas, *At the Edge* e *Big Noize*, mas uma canção faz o gato cheirar o CD e jogar terra em cima: a horrenda *Wot We Do*, que ainda apaga todas as letras inteligentes que Tate um dia escreveu.

OUTROS: Há muito mais Queensrÿche além do que você acabou de ler, mas nem tudo do agrado dos fãs. A começar por *Hear in the Now Frontier* (1997) e *Q2k* (1999), que mostram uma banda até mesmo influenciada pela sonoridade vigente à época. *American Soldier* (2009) poderia ter sido um álbum melhor não fosse a autocracia de Geoff Tate à época, e *Tribe* (2003), o disco que teria marcado o retorno de Chris DeGarmo, acabou tendo um sabor agridoce. Mas há um trabalho que pode ser classificado como obrigatório na discografia: *Promised Land* (1994), ao lado dos dois *Queensrÿche*, o EP de 1983 e o álbum de 2013. O engodo *Operation: Mindcrime II* é facilmente dispensável, e fica a seu critério fazer ou não o mesmo com *Take Cover* (2007). E como a banda ainda deve um ao vivo com Todd La Torre, fique com *Operation: LIVEcrime* (1991).

Clube de Revistas

HIDDEN TRACKS

OZONE

ORIGEM:
Brasil

ÉPOCA:
1985 a 1995

ESTILO:
Glam Rock

FORMAÇÃO CLÁSSICA:
Paula Wolff (vocais e baixo), Yasmin Yander (guitarra e backing vocals), Drika Elf (guitarra e backing vocals) e Pat Fox (bateria e vocais)

DISCOGRAFIA:
Hard to Resist (demo, 1993) e But We've Got the Biggest Balls of Them All (demo, 1994) e Lost and Rare Tracks (2023)

Por Antonio Carlos Monteiro

Se nos anos 80 já era complicado fazer rock no Brasil, imagine a dificuldade que seria montar uma banda de garotas naqueles tempos! Pois as irmãs paulistanas Pat Fox e Paula Wolff resolveram mudar essa cena. "Somos filhas de músicos profissionais, então cantávamos desde pequenas", lembra a baterista e vocalista Pat em conversa com a ROADIE CREW. Em plena adolescência, descobriram Kiss e Iron Maiden, "lá por 84 ou 85". Montar uma banda exclusivamente feminina ainda era meio complicado, então o guitarrista Tchelo e o baixista Alê completaram o time – na época, Paula respondia apenas pelos vocais.

Divulgação

"Um dia, na Woodstock Discos, conheci a (guitarrista) Yasmin Yander. Ela era fã de AC/DC e da banda mais importante pro Ozone, que é Runaways." E aí aconteceu: "De forma muito rápida, em seis meses a gente estava abrindo pro Platina com músicas próprias! Esses shows tiveram até uma matéria em um jornal da TV Globo."

O estilo da banda era o glam rock, o que fazia com que o visual fosse muito importante. E nisso sobrava para a ala masculina, que começou a ser tratada como gays. "A gente causava certa estranheza", confessa Pat. "Mas não rolava muito machismo e quando acontecia, pô, a gente era muito encardida (risos). Só faltava cuspir na cara dos caras (mais risos). Nossa atitude intimidava." Uma das ocasiões em que isso aconteceu foi quando divulgaram por engano um show do Ratos de Porão no dia em que o Ozone tocaria, no Espaço Mambembe, em São Paulo. Alguns dos punks resolveram ficar pra ver o que rolava. "Tem gravado eu dando bronca na galera. 'Vocês vieram aqui pra quê?'" (risos), diverte-se a baterista, que completa dizendo que a banda saiu aplaudida de cena.

Na época, o grupo se apresentou em locais como Praça do Rock e no histórico Black Jack Bar, além de fazer uma temporada nos teatros da capital paulista abrindo para o Harppia.

Em 1988, a mudança: o Ozone passaria a ser uma banda exclusivamente feminina, com Paula assumindo o baixo e Lee Aron, a segunda guitarra. Essa formação chegou a se apresentar no programa Boca Livre, comandado pelo saudoso Kid Vinil na TV Cultura. Em seguida, apenas como trio, Paula, Yasmin e Pat resolveram fazer um show no Espaço Mambembe. Sem banda de abertura e na raça, alugaram o espaço e se tocaram. Esse show marcou o fim da primeira fase da banda.

"Demos um tempo de quatro anos e voltamos com Drika Elf na guitarra", conta a baterista. Com esse time, a banda gravou duas demos, *Hard to Resist* (1993) e *But We've Got the Biggest Balls of Them All* (1994). Pat conta que "ali já era um outro contexto, porque tinha surgido a MTV. Se o Ozone não tivesse parado ali, acho que poderia ter tido uma carreira internacional. Nossas demos foram parar no Japão, nos EUA, nossos vídeos no YouTube têm muitos comentários de gente lá de fora."

Lost and Rare Tracks (2023)

As demos abriram várias portas para a banda, que não só recebeu várias resenhas positivas como se apresentou na MTV e no Programa Livre, de Serginho Groisman, na época no SBT. Porém, em seguida Paula se mudou para a Suécia. A banda ainda continuou com outras integrantes, "mas perdemos o fôlego ao longo do tempo." Pat completa: "Tinha muita coisa envolvida na época, incluindo a dificuldade de conciliar ganhar dinheiro e dedicação ao Ozone." Assim, em 1995 o Ozone encerrou atividades.

Ao longo desses quase trinta anos, as duas estudaram, trabalharam e deixaram de ter a música com a principal ocupação. Até que a Classic Metal procurou-as querendo lançar algo em CD. "Eles fizeram um trabalho primoroso", desmancha-se a baterista. *Lost and Rare Tracks*, como o nome indica, é um apanhado que inclui as duas demos, faixas ao vivo e outras extraídas de um ensaio. O material foi restaurado e recebeu um projeto gráfico de alta qualidade. "E, finalmente, o Ozone tinha um disco!", comemora Pat.

A pergunta seguinte é óbvia: vamos ter oportunidade de ver o Ozone novamente nos palcos? "É difícil, mas não impossível", diz Yasmin. Pat completa: "Eu e Yasmin estamos cheias de ideias, queremos voltar a compor. Vamos ver o que vem por aí..."

Clube de Revistas

A VOZ DO
CHASTAIN
DE VOLTA
AO BRASIL!

LEATHER

WE ARE THE CHOSEN
BRAZILIAN TOUR 2024

29/03 RECIFE/PE - ABRIL PRO ROCK
CLUBE INTERNACIONAL DO RECIFE (RUA BENFICA, 505, MADALENA)
INGRESSOS: WWW.CLUBEDOINGRESSO.COM/EVENTO/ABRILPROROCK

12/04 SÃO PAULO/SP - JAI CLUB
RUA VERGUEIRO, 2676 - VILA MARIANA
INGRESSOS: WWW.CLUBEDOINGRESSO.COM/EVENTO/LEATHERLEONE-SAOPAULO

13/04 LIMEIRA/SP - MIRAGE EVENTOS
AV. PROF. JOAQUIM DE MICHIELI 755 - JARDIM ESMERALDA
INGRESSOS: WWW.CIRCLEOFINFINITYPRODUCOES.COM/INGRESSOS

14/04 RIO DE JANEIRO/RJ - ROCK EXPERIENCE
RUA RIACHUELO, 20 LAPA
INGRESSOS: WWW.BILHETO.COM.BR/COMPRAR/2107/LEATHER

07/04 SANTOS/SP - BANANA LOUNGE
RUA SÃO BENTO, 43, VALONGO
INGRESSOS: WWW.CAMINHODOMARINGRESSOS.COM.BR

MAIS INFORMAÇÕES: WWW.LEATHERLEONE.COM

ART BY @ALCIDESBURN

LANÇAMENTOS CIANETO DISCOS

Globe de Revistas

SIX FEET UNDER
CRYPT OF THE DEVIL
CD SLIPCASE

SIX FEET UNDER
MAXIMUM VIOLENCE
CD SLIPCASE

SIX FEET UNDER
UNBORN
CD SLIPCASE

SIX FEET UNDER
UNDEAD
CD SLIPCASE

ASAGRAUM
VEIL OF DEATH, RUPTURED
CD

EKROM
UTEN NÅDIGST FORMILDELSE
CD

HORRENDOUS
ONTOLOGICAL MYSTERIUM
CD

HORRENDOUS
IDOL
CD

MISERY INDEX
RITUALS OF POWER
CD

MISERY INDEX
THE KILLING GODS
CD

ROTTEN SOUND
ABUSE TO SUFFER
CD

ROTTEN SOUND
APOCALYPSE
CD

FORESEEN
UNTAMED FORCE
CD

WEREWOLVES
FROM THE CAVE TO THE GRAVE
CD

WEREWOLVES
MY ENEMIES LOOK AND SOUND LIKE ME
CD

WEREWOLVES
WHAT A TIME TO BE ALIVE
CD

PREÇOS ESPECIAIS PARA LOJISTAS

WWW.CIANETODISCOS.COM.BR
INFO@CIANETODSICOS.COM.BR
54 992347542

LANÇAMENTOS CIANETO DISCOS

Clube de Revistas

REBAELLIUN
BRINGER OF WAR (THE LAST STAND)
CD SLIPCASE

REBAELLIUN
THE HELL'S DEGREES
CD SLIPCASE

AGATHOCLES
MINCER
CD

DEFLESHED
GRIND OVER MATTER
CD SLIPCASE ENVERNIZADO

BLOOD
CHRISTBAIT
CD SLIPCASE

BLOOD
O AGIOS PETHANE
CD SLIPCASE

CARNAL TOMB
OSSEOUS SARCOPHAGUS
CD DIGIPACK

CARNAL TOMB
ROTTEN REMAINS
CD DIGIPACK

ARCHSPIRE
BLEED THE FUTURE
CD SLIPCASE

ARCHSPIRE
RELENTLESS MUTATION
CD SLIPCASE

GOD DETHRONED
BLOODY BLASPHEMY
CD SLIPCASE ENVERNIZADO

MOLDER
ENGROSSED IN DECAY
CD

SHINING
IX: EVERYONE, EVERYTHING, EVERYWHERE, ENDS
CD

SHINING
X - VARG UTAN FLOCK
CD

UNDEATH
LESIONS OF A DIFFERENT KIND
CD

UNDEATH
IT'S TIME...
TO RISE FROM THE GRAVE
CD

WWW.CIANETODISCOS.COM.BR
INFO@CIANETODSICOS.COM.BR
54 992347542

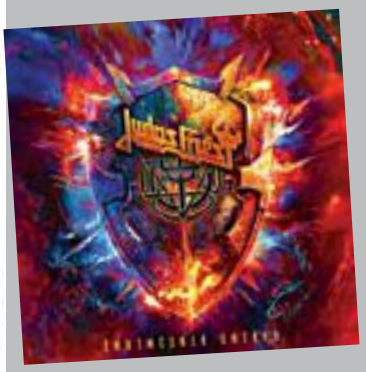
PREÇOS ESPECIAIS PARA LOJISTAS

Clube de Revistas

JUDAS PRIEST

INVINCIBLE SHIELD
SONY - IMP.

9,0



Um novo disco do Judas Priest é sempre um grande evento, e o sucessor de um álbum como *Firepower* (2018) só fez aumentar as expectativas. Desta vez, a diferença é que Rob Halford (vocal), Glenn Tipton e Richie Faulkner (guitarras), Ian Hill (baixo) e Scott Travis (bateria) deram vida a um trabalho absolutamente regular dentro de um nível acima da média. O que isso quer dizer? Enquanto o álbum anterior tem uma escorregada - *Never the Heroes* é chatíssima -, *Invincible Shield* não tem sequer uma música mais ou menos. Nem mesmo em sua versão deluxe, com 14 faixas em vez das 11 da edição regular; e uma das melhores canções do 19º de estúdio da veterana banda inglesa é justamente uma que entrou como bônus, *Fight of Your Life*, empolgante até o talo, com um refrão grudento e um dos melhores riffs do disco (carregando, diga-se, um quê de Ritchie Blackmore). Mais do que isso, o Judas arriscou ao sair vez ou outra de sua zona de conforto, e não estou falando da introdução de *Panic Attack*, que abre o CD com teclados e elementos anos 1980, como o uso de bateria eletrônica, numa volta ao passado (leia-se o subestimado *Turbo*, de 1986). Não, refiro-me a uma canção sensacional como *Escape from Reality*, totalmente fora dos padrões do quinteto: pesada a ponto de destacar o baixo de Hill e respirar ares mais modernos, mas nada como o que foi feito em *Jugulator* (1997). Por falar em *Panic Attack*, a primeira faixa de trabalho de *Invincible Shield*, é interessante perceber como os quatro singles iniciais se encaixam no track list, porque *The Serpent and the King*, com uma performance impecável do Halford, e a maravilhosa *Crown of Horns* se firmam entre as melhores músicas do álbum. Esta última, então, traz solos de tirar o fôlego e que, com o perdão da sinceridade, colocam em dúvida se Tipton, que há anos luta contra a Doença de Parkinson, realmente gravou alguma coisa – escute *Devil in Disguise*, escute atentamente todo o trabalho para apostar com convicção que Faulkner carregou as guitarras nas costas. E com louvor. No mais, *Gates of Hell* e *Giants in the Sky* estão entre as melhores obras que o Judas fez em sua gloriosa história - e entendedores entenderão: não dá para escutar *Giants in the Sky* sem lembrar de Charlie Harper no episódio "Putting Swim Fins on a Cat" da série Two and a Half Men.

Daniel Dutra

CHARLES SOULZ PROJECT

TRILOGY OF MANKIND
INDEPENDENTE - NAC.

7,5

Produtor, compositor e multi-instrumentista, Charles Soulz mergulha no metal progressivo com o EP *Trilogy of Mankind*, terceiro registro do Charles Soulz Project. Responsável pelos teclados, orquestrações e a produção, de uma maneira geral, Soulz flerta, com facilidade, por atmosferas mais calmas até passagens mais extremas, tudo com muita técnica instrumental. Liricamente, as canções promovem uma reflexão sobre o impacto da tecnologia na existência humana. Das três faixas, *Past to Present* foi a que mais me chamou atenção, com destaque para os backing vocals de Alessandra Lodoli, que casam muito bem com o vocal principal de Gui Siervi. Também participam da empreitada o vocalista Tiago Masseti, o guitarrista Gabriel Veloso, o baixista Paulo Ribbeiro e o baterista Guilherme Pinheiro. Que o próximo registro seja um disco completo.

Matheus Vieira

BLACK CROWES

HAPPINESS BASTARDS
SILVER ARROW - IMP.

9,5

Algumas bandas deviam ser proibidas de encerrar atividades – principalmente se o motivo por uma briguinha digna de alunos da 5a. série. E no topo dessa lista certamente está o Black Crowes. Os irmãos Chris (vocais) e Rich Robinson (guitarra) viveram uma vida/guerra durante boa parte da vida e quem perdeu foram aqueles que aprenderam a admirar (e se esbaldar!) o rock calcado nos anos 70 que a dupla sempre fez, apimentado com muito blues e soul music. Parece que a maturidade fez com que os dois pusessem a mão na consciência e percebessem que a boa música deve vir acima de tudo, como notamos no EP de covers *1972* (2022) e principalmente na tour que passou pelo Brasil no ano passado. Agora, quinze anos após o último álbum de inéditas, eis que o Black Crowes lança mais um álbum, que já nasce candidatíssimo a "disco do ano". *Happiness Bastards* é quase um 'best of' de tudo que a banda fez de melhor ao longo da carreira. Tem aqueles rockões que remetem a *Remedy* (1992) e baladas que lembram na hora *She Talks to Angels* (1991), só para citar dois dos maiores hits da banda. Não só isso: Chris está mais contido e entrega uma performance vocal irretocável, enquanto Rich continua aquele guitarrista pouco dado a arroubos virtuosos, preferindo calcar sua atuação no rock clássico e no blues. Nem vou me atrever a citar um ou outro destaque. O disco é uniforme, conciso, direto. Como qualquer disco de rock tem obrigação de ser.

Antonio Carlos Monteiro

REVOLUTION SAINTS

AGAINST THE WINDS
FRONTIERS MUSIC - IMP.

8,0

Depois de um começo arrebatador, o Revolution Saints esbarrou no principal problema dos projetos da Frontiers: começou a soar igual a todas as outras bandas de melodic rock/AOR da gravadora italiana. Não coincidentemente, havia um compositor onipresente, Alessandro Del Vecchio, para dar o mesmo norte aos grupos de A a Z do selo, mas o trio formado por Deen Castronovo (bateria e vocal), o baixista Jeff Pilson (que entrou no lugar de Jack Blades) e o guitarrista Joel Hoekstra (que substituiu Doug Aldrich) conseguiu, no quinto disco do Revolution Saints, mudar de rumo e renovar o interesse do ouvinte. Talvez também não seja coincidência que *Against the Winds* marque um dos últimos trabalhos de Del Vecchio na Frontiers, mas o fato é que, apesar de ainda se fazer muito presente, aquele melodic rock/AOR soa menos pasteurizado, inclusive na produção, e mais próximo do hard rock clássico. Isso, aliás, fez com Castronovo brilhe não apenas à frente do microfone (ele canta demais, mesmo!), como também atrás da bateria. Sua performance em canções como *Fall on My Knees*, *Lost in Damnation*, *Will I See You Again*, *Show Me Your Light* e *No Turning Back* chega a ser uma bênção para os ouvidos, com licks e 'drum fills' de arrepiar. E enquanto a parte melódica é proeminente em *Changing My Mind* (bem anos 1980) e *Diving Wings* (com aquele quê de Journey), uma música como *Save All That Remains*, com um dos vários holofotes sobre Hoekstra, ratifica que o rock'n'roll é o melhor caminho para equilibrar as coisas no Revolution Saints.

Daniel Dutra

WHILE SHE SLEEPS

SELF HELL
SPINEFARM - IMP.

8,5

Há uma razão para o While She Sleeps ser uma das bandas mais interessantes do metalcore: irrequieta e sempre em busca de algo novo e/ou diferente, a música criada por Lawrence "Loz" Taylor (vocal), Sean Long (guitarra), Mat Welsh (guitarra e piano), Aaran McKenzie (baixo) e Adam

"Sav" Savage (bateria) os separa da grande maioria dos nomes do gênero. Mesmo nos momentos em que o Linkin Park se torna referência para o ouvinte - o que, convenhamos, não é um elogio -, o quinteto britânico compensa com uma dose cavalar de peso e agressividade. Casos de *Leave Me Alone* e da faixa-título, que desta vez acabam até mesmo destoando do restante do material, apesar de seu tradicionalismo. Isso porque a banda deu o maior de seus passos criativos até agora, fazendo de *Self Hell* o melhor e musicalmente mais rico entre os seis álbuns já lançados. *Wildfire*, *Dopesick* e *To the Flowers* (que videoclipe maravilhoso) são acenos bem-vindos às rádios, com um lado mais pop que pode levar o While She Sleeps a furar a bolha do rock pesado, e o instrumental de *Down* e, especialmente, *Rainbows* adianta a maturidade técnica que levou o grupo a quatro momentos de tirar o chapéu: *No Feeling is Final*, mistura de Vangelis com Pink Floyd num instrumental viajante; *Out of the Blue*, uma loucura progressiva e perturbadora em seus detalhes e rápidas interrupções; *Enemy Mentality*, metal moderno com prog que ainda flerta com percussão brasileira; e *Radical Hatred Radical Love*, canção intimista que se torna um desfecho bonito e surpreendente para um disco de metalcore.

Daniel Dutra

CHILDREN OF BODOM

A CHAPTER CALLED CHILDREN OF BODOM...
SPINEFARM - IMP.

9,0

Todos acompanhamos o desenrolar dos fatos há poucos anos: depois de lançar seu melhor álbum em anos, *Hexed* (2019), o Children Of Bodom entrou em uma espiral que acabou culminando com seu fim. Para deixar os fãs com uma boa memória e marcar de forma positiva o fim de uma carreira tão louvada, eles fizeram seu último show em dezembro de 2019 na sua Finlândia natal, *A Chapter Called Children Of Bodom - The Final Show In Helsinki Ice Hall 2019* é o concerto que temos em mãos. O show começa intenso com as então novas *Under Grass And Clover* e *Platitudes And Barren Words*, que destacam o ótimo som e as tradicionalíssimas ótimas linhas de guitarra de Daniel Freyberg e Alexi Laiho. Claro que além do repertório recente não faltaram os clássicos, e *Angel's Don't Kill*, *Follow The Reaper*, *Hate Crew Deathroll* e *Lake Bodom* estão aqui, com qualidade impecável. Um registro que faz lembrar a razão de o CoB ser uma das bandas mais importantes de sua época, e que nos faz odiar cada vez mais o dia em que Alexi Laiho foi levado desse mundo. Seu talento faz muita falta.

Valtemir Amler

BLOODBOUND

THE TALES OF NOSFERATU
AFM - IMP.

9,0

Em julho de 2023, na resenha que fiz para o site da ROADIE CREW sobre *Tales From The North*, 10º álbum dos suecos do Bloodbound, afirmei que *Drink With The Gods* "certamente funcionaria muito bem ao vivo". Agora, tenho certeza. A música, uma das melhores lançadas naquele ano, foi uma das escolhidas por Patrik J. Selleby (vocal), Tomas Olsson e Henrik Olsson (guitarras), Anders Broman (baixo), Fredrik Bergh (teclado) e Daniel Sjögren (bateria) para o setlist de *The Tales of Nosferatu – Two Decades of Blood (2004-2024)*. O novo registro ao vivo da banda, assim como *One Night of Blood* (2016), foi gravado no tradicional festival Masters Of Rock, na República Tcheca. E o entrosamento entre os fãs tchecos e o grupo fica claro nas imagens do Blu-Ray, que tem 11 faixas a mais do que o CD. A alta qualidade do power metal praticado pelo Bloodbound é notada em *Slayer of Kings*, *Battle in the Sky*, *The Warlock's Trail*, *In The Name of Metal*, *Rise of The Dragon Empire*, *Creatures Of The Dark Realm*, *Stormborn* e *Moria*.

Alessandro Bonassoli

BLOOD OCEAN

SUBLIME APOCALYPSE
INDEPENDENTE - NAC.

7,0

Remontando a formação que gravou a demo *Into The Realm of Chaos* em 1989, o Blood Ocean traz em *Sublime Apocalypse* uma sonoridade que remete ao thrash californiano e alemão da década de 80. Com riffs vertiginosos, cozinha poderosa e vocais enérgicos, o material consegue, em 11 faixas, capturar parte do que foi o começo do thrash, mas usando como vantagem a tecnologia disponível nos dias de hoje. Desde o grito "thrash!" na faixa-título, que abre o disco, podemos sentir que o quarteto do ABC veio para fazer aquele som perfeito para o mosh. Algumas faixas, como *Bleeding Ocean*, misturam bem a energia e agressividade do thrash da Bay Area, mas também injetam partes mais melódicas, influenciadas pelo metalcore e que evidenciam a modernização feita pelo grupo. *Humanity*, por sua vez, apresenta a pura brutalidade presente no gênese do thrash. No geral, *Sublime Apocalypse* é um ótimo trabalho para quem busca grupos que conseguem trazer à tona a sonoridade do thrash californiano e teutônico oitentista.

Daniel Agapito

BORKNAGAR

FALL
CENTURTY MEDIA - IMP.

9,0

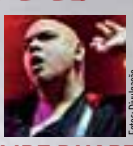
Completando 30 anos de banda, o quinteto norueguês Borknagar apresenta mais um álbum com uma sonoridade impressionante, mesclando uma gama de sonoridades diferentes em *Fall*. Em 8 faixas (totalizando por volta de 54 minutos) o quinteto consegue expressar uma variedade de estilos, emoções e temas, mas nunca deixando de ser leal ao black metal. Músicas como a introspectiva *The Wild Lingers* trazem um black metal realmente grandioso, com elementos sinfônicos, mas de uma maneira diferente de um Emperor, por exemplo. A mesma também retrata um tema dolorosamente atual, como tanto a tecnologia quanto a força da natureza pode trazer benefícios e malefícios para a humanidade; algo pouco convencional no contexto da vertente. Já *Stars Ablaze* aborda as pequenas coisas que trazem equilíbrio à natureza, criando uma sensação mais leve, esperançosa. O trabalho de Jens Bogren na mixagem está absolutamente impecável; tudo soa equilibrado, balanceado, mas cada instrumento ainda consegue se destacar de maneira individual. Isto pode ser notado claramente em faixas como o single *Nordic Anthem*, que traz coros, percussões diferenciadas, elementos orquestrais e a união das guitarras com o baixo para a criação de um verdadeiro hino. No geral, *Fall* se destaca como um grande exemplo da metamorfose constante do black metal e, claro, do próprio Borknagar.

Daniel Agapito

CINCO MELHORES ÁLBUNS SEGUNDO:

ADRIAN VANDENBERG
(VANDENBERG)

JIMI HENDRIX - *Axis: Bold as Love*
LED ZEPPELIN - *Led Zeppelin IV*
AC/DC - *Highway to Hell*
IRON MAIDEN - *Iron Maiden*
FREE - *Fire and Water*



Fotos: Divulgação

FILIPE DUARTE
(SEAWALKER)

SEPULTURA - *Arise*
NIRVANA - *Nevermind*
ANGRA - *Holy Land*
GUNS N' ROSES - *Appetite for Destruction*
METALLICA - *Black Album*

PARA MAIS RESENHAS, ACESSE O PORTAL DA ROADIE CREW

Clube de Revistas

ACCEPT

HUMANOID
NAPALM - IMP.

8,5

Direto ao ponto: o Accept entrou para o rol onde estão AC/DC, Motörhead e Ramones. Assim, quem vê o copo meio vazio vai dizer que *Humanoid* é mais do mesmo, e quem vê o copo meio cheio encara o 17º álbum da lenda alemã como o mais novo selo de qualidade da banda formada por Mark Tornillo (vocal), Wolf Hoffmann e Uwe Lulis (guitarras), Martin Motnik (baixo) e Christopher Williams (bateria) – Philip Shouse, o terceiro guitarrista, não participou das gravações e se juntará ao grupo apenas nos shows. Portanto, se você não vê problema, vai se deleitar com um álbum de heavy metal acima da média, e no qual Andy Sneap entrega a sua produção mais orgânica em sabe-se lá quanto tempo. Felizmente, porque isso torna ainda mais agradável a audição de músicas absolutamente características do Accept, como *Frankenstein*, *The Reckoning*, *Unbreakable*, *Mind Games* e *South Side of Hell*, esta a mais rápida do disco, não à toa remetendo a *Fast as a Shark*. E o passado e o presente se misturam também em *Man Up*, canção cadenciada que respira ares tanto de *Balls to the Wall* quanto de *The Undertaker*, além de trazer um baita trabalho de guitarra - Hoffmann estava possuído na hora de escrever os riffs (vide a parte instrumental inicial do solo na faixa-título). Mas há destaques de fato? Claro. A melodia oriental em *Diving Into Sin* traz novos ares, enquanto *Ravages of Time* é uma bonita balada carregada pela voz ora suave (mais), ora rasgada (menos) de Tornillo. Mas são *Straight Up Jack*, um hino para os ébrios e uma ode ao saudoso Bon Scott, e *Nobody Gets Out Alive*, um hard rock de altíssimo nível, que brilham mais do que todo o restante.

Daniel Dutra

VAZIO

NECROCOSMOS
VÁRIOS - NAC.

8,0

Se consagrando em tempos recentes como um dos nomes mais promissores do black metal nacional com seu álbum *Eterno Aeon Obscuro* (2020), uma grande expectativa foi criada quando o Vazio anunciou o lançamento de seu segundo full, *Necrocosmos*, que saiu pela união da Xaninho Discos, Black Hole Productions, Misanthropic Records, Excarnation Records e Sinfonia de Cães. Prometendo experimentar mais com elementos sonoros indígenas e de cultos afro-brasileiros, a segunda empreitada do quarteto consegue implementar sonoridades diferentes e pouco ortodoxas, mas sem deixar suas raízes black metal de lado em momento algum. Logo nos primeiros momentos de *Escuridão Seja Minha Guia* já pode se observar claramente a que a banda veio. Com uma mixagem que lembra aquela dos "tempos de ouro" do black metal noventista, é apresentado um produto final ao mesmo tempo cru e moderno. Faixas como *Funeral Astral*, *Legiões da Chama Negra* e as instrumentais *O Despertar do Okutá* e *Etuê Etuá Kotô Shiua* mostram objetivamente que Renato Gimenez (vocal e guitarra), Eric Cavalcante (guitarra), Nilson Slaughter (baixo) e Daniel Vecchi (bateria) não têm receio algum de experimentar e arriscar, mesclando diversos elementos em seu som. Mesmo com black metal noventista com roupagem moderna sendo algo abundante na cena atual, *Necrocosmos* consegue se diferenciar, trazendo uma abordagem diferente e um tanto "refrescante" ao black metal. Não será surpresa se em alguns anos o Vazio for considerado um dos maiores nomes do black metal brasileiro, porque vem fazendo por merecer.

Daniel Agapito

LORDS OF BLACK

MECHANICS OF PREDACITY
FRONTIERS MUSIC - IMP.

9,0

Ouço em março *For What Is Owed To Us* e aposto que dificilmente não será minha escolha para "Melhor de 2024". A música é espetacularmente pesada mesmo não tendo blast beats ou guitarras ultradistorcidas. A abertura de *Mechanics of Predacity*, sexto trabalho do grupo espanhol Lords Of Black, é um exemplo de como é possível ser pesado sem ser extremo. O bom gosto continua com *Let The Nightmare Come*, outra aula de uma banda que transita entre o power metal e o prog sem cair nas armadilhas cansativas e autoindulgentes que os dois estilos abrem facilmente. Reflexo da experiência do chileno Ronnie Romero (cuja voz encanta no Elegant Weapons, CoreLeoni, entre outras), Tony Hernando (guitarra, Restless Spirits), Dani Criado (baixo, Ankhara) e Jo Nunez (bateria, Gus. G, Firewind, Dragonland). O alto nível está em todo o álbum e dificulta para escolher só alguns exemplos. Então, sugiro incluir na sua playlist as ótimas *Let It Burn*, *Born Out of Time*, *Build The Silence*, *Obssessions of the Mind*, além de *A World That's Departed*, com um jeitão Dream Theather.

Alessandro Bonassoli

TÝR

BATTLE BALLADS
METAL BLADE - IMP.

8,5

Oriundos das ilhas Faroé, os verdadeiros vikings do Týr impressionam novamente com seu nono álbum, *Battle Ballads*. Adotando as palavras do próprio vocalista "existem dois tipos de baladas... estamos abordando baladas do estilo medieval". Realmente, as faixas não têm nada a ver com as músicas oitentistas que o fazem levantar seu isqueiro e balançar o braço de um lado para o outro. Aparando boa parte das "floreadas" progressivas presentes nos álbuns passados, este conta com uma sonoridade que mesmo ainda esbanjando grandeza, por meio de seus elementos sinfônicos, é mais direta e objetiva. Não obstante, a essência viking dos faroenses não é perdida nos singles *Hammered* e *Axes*, a faixa-título – por incrível que pareça, não é uma balada – e a brilhantemente alegre *Dragons Never Die*. Tematicamente falando, não se vê discrepância do resto dos projetos da banda. As letras continuam descrevendo sanguinárias batalhas viking, porém agora acompanhadas de orquestração completa. As próprias sinfonias em si são algo que ornam muito com a sonoridade já estabelecida, adicionando camadas de grandeza nas faixas mais animadas, como *Row* e aprimorando as emoções presentes em faixas como *Vaelkomnir Foeroyingar*. Em sua essência, o novo álbum ainda faz você querer pegar uma espada e conquistar territórios inimigos.

Daniel Agapito

SONATA ARCTICA

CLEAR COLD BEYOND
REIGNING PHOENIX MUSIC - IMP.

9,5

O Sonata Arctica mostrou ao mundo na década de 1990 a magia da combinação do power metal típico da escola Stratovarius com letras na maioria sobre relacionamentos amorosos. Há quem sustente que desde *Reckoning Night* essa pegada veloz com intensos bumbos duplos e solos na quinta marcha já tenha minguado, mas a verdade é que foi aos poucos que a banda finlandesa foi puxando o freio de mão a ponto de se tornar descaracterizada nos mais recentes discos. O que mudou com *Clear Cold Beyond*? Praticamente tudo! A tão aguardada restauração da sonoridade clássica pôs ponto final na crise de identidade. Faixas como *First in Line*, *Cure for Everything* e a inacreditável *California* mostram Tony Kakko com boa forma e principalmente a dupla Henrik Klingenberg

(teclado) e Elias Viljanen (guitarra) afiada como nunca. Literalmente. Outras mais na pegada *midtempo* seguem acertando nas melodias, como *Angel Defiled*. A sensação é que o quinteto prestou homenagem ao trio de discos iniciais da carreira, mas sem desonrar a maturidade que veio com as décadas de experiência. O que faltou para a nota 10? A ausência de uma balada daquelas que pega nos nervos (*The Best Things* lutou bravamente) e principalmente a presença de um tom "vamos salvar o planeta" que permeia aqui e ali o disco. Mais vale uma *Tallulah* ou *Juliet* na mão do que diversos discursos ambientais voando. Com todo respeito a quem milita por essa nobre causa. No fim das contas, *Clear Cold Beyond* – com o perdão do trocadilho – faz uma espécie de limpeza moral no horizonte do Sonata, abrindo caminho para a banda se reafirmar daqui para frente e reivindicar o cobiçado posto de um dos maiores fenômenos do power metal de todos os tempos.

Gustavo Maiato

TYGERS OF PAN TANG

LIVE BLOOD

MIGHTY MUSIC - IMP.

8,0

Um dos grandes nomes da NWOBHM, o Tygers of Pan Tang é desde 1980 um grupo que todo fã de rock pesado deveria conhecer, sendo que o clássico *Spellbound* (1981) é obrigatório. Caso clássico de "uma boa banda que teve várias mudanças de formação, encarou problemas com gravadoras e acabou não entrando para a 'Série A' da cena", o quinteto vem numa crescente desde 2004, quando o excelente vocalista Jacopo Meille entrou para o line-up, que conta com Robb Weir (guitarra, único da formação original), Francesco Marras (guitarra), Huw Holding (baixo) e Craig Ellis (bateria). Gravado no País de Gales em agosto de 2023, o material sai em formato duplo em LP, CD e no streaming. No setlist, clássicos como *Euthanasia*, *Gangland*, *Crazy Nights*, *The Cage*, *Spellbound*, e *Love Potion No. 9*, cover do The Cloves, que entrou em *The Cage* (1982). Todas ficam muito bem na voz de Meille. Não faltaram algumas de Bloodlines, álbum mais recente, como a ótima e pesada *Edge of the World*, *Back For Good*, a "judaspristiana" *Fire In The Horizon* e *A New Heartbeat*. Totalmente aguardado para o Summer Breeze Open Air Brasil.

Alessandro Bonassoli

HAMMERHEAD BLUES

AFTER THE STORM

CANIL - NAC.

9,5

Tem bandas que estão tão prontas que fica difícil até começar a comentar. Este power trio paulistano é um bom exemplo. O vocalista (e também baixista) é muito acima da média, o guitarrista enfileira riffs grudentos e solos melodiosos, em que a música vem muito antes de qualquer cosia, e a cozinha, que sempre tem trabalho dobrado em se tratando de um trio, não só cumpre sua função como dá um show de groove e pegada. Lançando seu segundo álbum, o grupo mostra, acima de tudo, muita maturidade. Otavio Cintra (vocal e baixo), Luiz Cardim (guitarra) e Willian Paiva (bateria) colocam um pé no rock clássico dos anos 60 e 70, não abrem mão de certa modernidade na sonoridade e nem escondem influência da soul music. Assim, lembram muitos dos maravilhosos power trios da história, como Jimi Hendrix Experience, Trapeze e Cream – Otavio diz se inspirar no saudoso Jack Bruce (Cream) na hora de criar linhas intrincadas de baixo e cantar melodias que vão por um caminho totalmente diverso. Só que nada disso funcionaria se os três não fossem excelentes músicos. Mas eles são. E é por isso que *After the Storm* é um disco daqueles que nos fazem anotar o nome para a hora de fazer a lista de melhores do ano. Se o Hammerhead Blues fosse europeu, estaria feito na vida. Como não é, a ralação vai ser pesada pra eles. Tomara que dê os frutos que merecem.

Antonio Carlos Monteiro

FRONT COVER

Por Marcelo Vasco*

DARKTHRONE

TRANSYLVANIAN HUNGER

Nesta edição, falo sobre a arte de capa de *Transylvanian Hunger* (1994), da banda norueguesa Darkthrone, que se tornou icônica, mas que não recebe o devido reconhecimento artístico, talvez por não se tratar exatamente de uma "arte", como normalmente se define.

Com o segundo álbum, *A Blaze in the Northern Sky* (1992), o Darkthrone trouxe à tona não apenas uma nova ótica musical, mas também um visual macabro e até inovador. As capas retratavam um dos membros de forma obscura e agressiva, por meio de fotos desprovidas de qualidade, em preto e branco, refletindo intencionalmente a antiestética musical que a banda desejava transmitir. A abordagem minimalista alcançou seu auge tanto estético quanto musicalmente exatamente com *Transilvanian Hunger*, mostrando uma imagem fotocopiada de má qualidade e alto contraste de Fenriz, desumanizado, segurando um candelabro e berrando intensamente na calada da noite.

Hoje sabemos que a ideia visual do Darkthrone foi inspirada em *Live in Leipzig*, do Mayhem, mas a qualidade monocromática e xerocada também possui semelhança com *Vol. 4*, do Black Sabbath, lançado vinte anos antes. Outra referência que traz esse mesmo contexto enigmático e angustiante é a famosa pintura "O Grito" (1893), do também norueguês Edvard Munch.

É válido lembrar que, entre meados dos anos 80 e início dos anos 90, as capas de metal normalmente eram pinturas perfeitas, coloridas, vibrantes e cheias de detalhes – bastante profissionais, digamos assim. Então, a estética do black metal nórdico representava uma quebra de paradigma; eles estavam nadando contra a maré. Essa quebra parece ter funcionado até mesmo para o próprio Darkthrone, já que no debut, *Soulside Journey* (1991), a banda produzia outro tipo de som, mais similar ao death metal sueco, usando inclusive uma capa de álbum colorida e mais "comum" para o padrão da época.

Hoje, para os fãs do gênero, a capa de *Transilvanian Hunger* é praticamente a imagem arquetípica do que o "necro" significa, assim como "O Grito" ainda é considerado o rosto da angústia existencial. Intencionalmente ou não, ela sintetizou a música em uma única imagem icônica, que posteriormente foi imitada por bandas menos conhecidas e é usada até hoje em camisetas por amantes do black metal nórdico, e até ocasionalmente por moda. É, não duvido que possamos ver a estampa nas camisetas da Renner ou da C&A...

(*) ARTISTA GRÁFICO BRASILEIRO QUE JÁ FEZ TRABALHOS PARA BANDAS COMO SLAYER, KREATOR, MACHINE HEAD, HATEBREED, SOULFLY E DARK FUNERAL, ENTRE OUTRAS.

Clube de Revistas

ACE FREHLEY

10,000 VOLTS
MNRK HEAVY - IMP.

8,0

Vamos direto ao ponto: *10,000 Volts* é o melhor disco de Ace Frehley desde *Frehley's Comet* (1987), e isso se explica pelo fato de o guitarrista contar aqui com alguém extremamente talentoso ao seu lado na hora de criar, arranjar e produzir. Foi assim no passado com Tod Howarth, John Regan e Eddie Kramer; foi assim no presente com Steve Brown, que deu rumo ao mais falastrão de todos os ex-integrantes do KISS. Senão, vejamos: única canção sem coautoria do guitarrista do Trixter, *Back Into My Arms Again* – composta por Frehley e o tecladista Arthur Stead, que integrou a formação original do Frehley's Comet - tem, sim, todos os traços do capitão do time e é um hard rock radiofônico de primeira, mas sem o menor pudor de copiar *Do Ya?*, composição de Russ Ballard (o mesmo compositor de *New York Groove*) que Frehley regravou em *Trouble Walkin'* (1989). Sacou? Não? Então, ouça bem: *Stratosphere*, o novo capítulo das instrumentais que encerram os discos do guitarrista desde 1978, iniciado com *Fractured Mirror*, tem a cara de Frehley e o dedo de Brown nos detalhes. Mais uma: *Up in the Sky* soa como uma boa ideia de Ace melhorada pelo produtor, que, anote aí, também gravou guitarras, baixos e até bateria - as baquetas também ficaram a cargo de Anton Fig, Joey Cassata e Matt Starr. Ou seja, assim como o ótimo cover para *Life of a Stranger*, da cantora de R&B Nadia, há várias canções que você ouve e fala 'Isso não saiu mesmo da cabeça do Ace', como *Cosmic Heart*, *Blinded*, *Constantly Cute* e *Fightin' for Life*, todas muito boas, especialmente a última, um hard rock cinematográfico dos anos 1980 embalado por uma produção moderna. Claro, isso não é desmerecer Frehley, porque também está na cara que a faixa-título e a excelente *Cherry Medicine* são frutos da criatividade do guitarrista. A diferença é que nesta última, por exemplo, há claramente a impressão de que ele entregou uma música sem refrão a Brown, que a devolveu dizendo 'Ace, é isso aqui' – e o refrão hard rock é sensacional, que fique registrado. No fim, nada disso é demérito para Frehley, cujo mérito foi se voltar a se juntar a alguém que contribuísse para a sua música dar um salto de qualidade.

Daniel Dutra

MADE IN BRAZIL

UMA BANDA MADE IN BRAZIL (DVD)
INDEPENDENTE - NAC.

8,0

Se tinha algo que faltava na história do rock nacional era um documentário sobre o Made in Brazil, banda que caminha para inacreditáveis 57 anos de trajetória ininterrupta. Produzido por Egler Cordeiro, o filme foi lançado há alguns anos durante turnê da banda e agora sai em DVD com direito a extras, entre os quais uma entrevista com o realizador. O filme em si recorre à simplicidade para narrar a história do Made. Além dos irmãos fundadores Oswaldo (vocal e baixo) e Celso Vecchione (guitarra), a saga é contada através de entrevistas com vários dos incontáveis músicos que passaram pela banda, como Celso "Cebolinha" e Alberto Seid, integrantes da primeira formação, Tony Babalu, Caio Flavio, o saudoso Percy Weiss, Rolando Castello Junior, Juba e muitos outros. Também aparecem músicos que, de uma forma ou de outra, foram influenciados pelo Made, como Frejat, Dinho Ouro Preto e Pepeu Gomes, além de um improvável Renato Teixeira. O material é entremeado por muitas fotos e alguns vídeos, como entrevistas a Marília Gabriela e Jô Soares. A trajetória da banda é passada a limpo, mas fazem falta depoimentos de outras figuras que tiveram importância na trajetória do Made, como jornalistas, produtores etc. Nos extras, há uma enfadonha entrevista com Egler, na qual ele explica a simplicidade do filme e reclama que quase não encontrou material sobre a banda na imprensa – se ele lesse a ROADIE CREW, teria um vasto material no Background sobre o Made publicado em três edições em 2011.

Antonio Carlos Monteiro

MINISTRY

HOPIUMFORTHEMASSES
NUCLEAR BLAST - IMP.

8,0

Uma coisa precisa ser dita sobre Al Jourgensen: O doidão não tem medo de arriscar. É dessa total 'falta de respeito' aos moldes tradicionais que guiam o artista a sua zona de conforto, nasceram alguns dos projetos musicais mais inquietantes e provocativos das últimas décadas, como 1000 Homo Djs, Revoting Cocks e Surgical Meth Machine, além do próprio Ministry, que após nascer na new wave, rumou para caminhos cada vez mais ácidos e perigosos dentro da música industrial. Mantendo em evidência todo esse caminho criatividade insana e postura corajosa, o novo *Hopiumforthemasses* é, antes de tudo, um disco muito variado. Em seus 42 minutos, o álbum se mostra bastante pesado e denso, destacando algumas faixas que possuem o potencial para figurar como novos hinos de seu clássico repertório. A trinca de abertura, com *B.D.E.*, *Goddamn White Trash* e *Just Stop Oil*, além de *New Religion* (todas apresentadas como single), tem tudo para cair no gosto dos velhos fãs. Para os mais 'mente aberta', vale ainda conferir *Cult of Suffering*. Mais um passo certo em uma caminhada sempre sólida.

Valtemir Amler

UNDERDOG

THE ONE REBORN
INDEPENDENTE - NAC.

9,0

Imagine uma banda que faz (segundo ela própria) stoner/doom/psych, não economiza na criatividade, mantém um pé lá nos anos 70, compõe músicas com letras em inglês e outras em português e até inclui um teremim em alguns temas. Pois essa banda existe, se chama Underdog, é brasileira e está lançando seu primeiro disco. *The One Reborn* é daqueles trabalhos que te pegam na primeira audição. Afinal, sempre tem alguma coisa diferente (e muito interessante) acontecendo. De cara, surge uma guitarra com timbre descaradamente calcado em Tony Iommi. Depois, o andamento das músicas varia de acordo com o clima que pretende passar, indo do arrastado ao mid-tempo na mesma faixa. Quando você menos espera, um teremim dá o ar da graça, conferindo um ar até soturno ao som. E, sem maior aviso, o vocalista Juliano Mattos começa a cantar em português – ao lado deles estão Gabriel Almeida (guitarra), Francisco Figueiredo (baixo e backing vocals) e Sávio Campos (bateria). *Singelo Algoz* e *Serpente Perfeita* são os dois temas com letras na nossa língua, e é incrível notar como isso funciona no estilo escolhido pelo Underdog. Já *Reverse* mistura vocais "normais" com guturais, enquanto em *Deep Breathe to Vertigo* o peso do baixo é o destaque. A boa qualidade da gravação só ajuda na qualidade deste trabalho que apresenta uma banda muito acima da média – e extremamente criativa.

Antonio Carlos Monteiro

OVERHEAD

AO VIVO NO VITÓRIA ROCK
INDEPENDENTE - NAC.

7,0

"Quando o rock'n'roll te pega de jeito". Esta pequena frase extraída da letra de *Quando a Cerveja Faz Efeito* pode parecer mais um clichê do bom e velho rock'n'roll, mas descreve o *Ao Vivo no Vitória Rock* muito bem. Desde sua formação em 2010, o quarteto bauruense tem dividido palcos com grandes nomes do rock e metal nacional, como Sepultura, Pitty, Matanza e Ratos de Porão – o registro ao vivo do show na edição de 2023 do festival Vitória Rock Bauru mostra toda a experiência que eles têm coletado em seus quase 15 anos de estrada. É possível ver que o Overhead reconhece a estabilidade e eficácia da

fórmula mais convencional do rock, não visando reinventar a roda e muito menos inventar moda. Em relação ao repertório, vemos um esqueleto sólido para um show, pois a noite começa animada com *Overhead*, que mostra bem os princípios fundamentais da banda em um rock simples, mas bem executado. Ao longo dos 34 minutos de duração, são apresentadas faixas mais voltadas ao blues (*O Diabo na Garrafa*), mais cadenciadas (*Eles*) e um cover (*Wicked Game*, originalmente de Chris Isaak). Mesmo tendo algumas falhas, podemos ver o esforço do Overhead em preservar e manter a essência do rock'n'roll.

Daniel Agapito

BLUE ÖYSTER CULT

GHOST STORIES

FRONTIERS MUSIC - IMP.

8,5

Depois de uma trajetória de mais de cinquenta anos, o Blue Öyster Cult está lançando aquele que é anunciado como o último álbum de sua carreira. E para isso optou por soltar uma coletânea com material gravado entre 1978 e 1983, à exceção de uma faixa, uma versão de *If I Feel*, dos Beatles, registrada em 2016. Apesar de abranger um período relativamente curto, *Ghost Stories* parece bem adequado para celebrar o grupo. Aqui é possível ver que, para além do hard rock psicodélico que deu fama ao BÖC, havia muito mais em sua música. Tem muito blues no som do quinteto, assim como muitos detalhes de rock'n'roll básico e até de música pop – sintomaticamente, isso acontece nos momentos menos empolgantes do disco, como na aborrecida *The Only Thing*, que só se salva pelo belíssimo solo de Hammond. Mas também há a excelente *Soul Jive*, a grooveada *Money Machine* e a interessante *Shot in the Dark*, que começa como um blues de cabaré e vira um rock de respeito. Porém, os destaques acabam sendo dois covers. O primeiro é a versão nervosa de *Kick out the Jams*, do MC5, que certamente arrancou sorrisos de Wayne Kramer. E a outra, que fecha o álbum, uma versão acústica e tocante do clássico *If I Feel*. Sendo mesmo um fechamento de carreira, é um disco que *Ghost Stories* faz justiça à história do Blue Öyster Cult.

Antonio Carlos Monteiro

AEROSMITH

GREATEST HITS

UNIVERSAL - IMP.

7,5

Lançada para marcar a Peace Out: The Farewell Tour, interrompida por causa de um problema nas cordas vocais de Steven Tyler, *Greatest Hits* é mais uma daquelas coletâneas sem meio termo: é para o fã que deseja ter a coleção completa ou para aquele que se satisfaz apenas com os melhores momentos. Nos dois casos, a caprichada e luxuosa edição tripla com 44 músicas, a razão desta resenha, acaba sendo um belo souvenir, mesmo que não apresente nada de novo. O trabalho obviamente ignora os álbuns *Night in the Ruts* (1979), sem Joey Perry, e *Rock in a Hard Place* (1982), sem Perry e Brad Whitford, e até surpreende ao incluir *We All Fall Down*, faixa do último disco de estúdio do quinteto de Boston, *Music from Another Dimension!* (2012). Mas se você quer clássicos e hits, fique tranquilo que estão todos aqui: *Dream on*, *Walk This Way* (também na versão com o Run-DMC), *Sweet Emotion*, *Back in the Saddle*, *Toys in the Attic*, *Dude (Looks Like a Lady)*, *Janie's Got a Gun*, *Love in an Elevator*, *Livin' on the Edge*, *Amazing*, *Cryin'*, *Crazy*, *Falling in Love (Is Hard on the Knees)*, *I Don't Want to Miss a Thing* e por aí vai. A título de curiosidade, Joey Kramer tem igual destaque no encarte, apesar de não tocar ao vivo com o Aerosmith desde 2020, quando foi substituído por John Douglas, seu técnico de bateria. Em um imbróglio lamentável, diga-se.

Daniel Dutra

ROCK AVERAGE

QUE NOTA VOCÊ DARIA PARA?...

KISS

KISS

O KISS pode até demorado para chegar ao estrelato, mas seu álbum de estreia, lançado em fevereiro de 1974 pela Casablanca Records, traz faixas que se tornaram eternas e foram apresentadas em shows da banda americana até seus últimos dias, como *Deuce*, que serviu de abertura dos shows em diversas ocasiões. A sessão de fotos para a capa foi clicada por Joel Brodsky e a maquiagem "Catman" de Peter Criss foi feita por um maquiador e ficou diferente da persona pela qual ele ficou famoso. Ace Frehley, querendo impressionar, tingiu o cabelo com spray prateado. Algumas faixas foram compostas ainda na fase do Wicked Lester, como *Let Me Know*, que Paul Stanley tocou quando foi apresentado a Simmons pela primeira vez. Já *Firehouse* foi escrita por Stanley enquanto ele frequentava a High School of Music & Art em Nova York. *Nothin' to Lose* se tornou o primeiro single, mas *Strutter*, que abre o repertório, foi escrita antes de Frehley se juntar ao Kiss. O guitarrista, por sua vez, apresentou *Cold Gin*. Por sinal, ele e Gene Simmons consideram este como o disco favorito da banda. O repertório ainda traz as marcantes *100,000 Years*, *Black Diamond* (com Stanley e Criss nos vocais), além do cover de *Kissin' Time* e a instrumental *Love Theme from Kiss*.

Alessandro Bonassoli (colaborador): **8,0**
Antonio Carlos Monteiro (redator): **9,5**
Claudio Vicentin (editor): **7,0**
Daniel Agapito (colaborador): **8,0**
Daniel Dutra (redator): **10**
Écio Souza Diniz (colaborador): **9,0**
Guilherme Spiazzi (redator): **9,0**
Heverton Souza (colaborador): **7,0**
Ivanei Salgado (colaborador): **9,0**
Leandro de Oliveira (diretor de arte): **7,0**
Leandro Nogueira Coppi (redator): **9,0**
Leonardo M. Brauna (colaborador): **10**
Luiz Tosi (editor online): **10**
Maicon Leite (colaborador): **7,0**
Matheus Vieira (colaborador): **10**
Ricardo Batalha (redator-chefe): **7,5**

MÉDIA FINAL:

8,5

Clube de Revistas

WARLORD

FREE SPIRIT SOAR
HIGH ROLLER - IMP.

9,0

Mark Zonder (bateria) e William J. Tsamis (guitarra) criaram o Warlord em 1980 e, com o EP *Deliver Us* (1983), forjaram a base do que viria a ser chamado de epic metal. Mas o grupo dos EUA jamais teve o espaço merecido, vivendo hiatos entre *And The Cannons of Destruction Have Begun...* (1984) e *Rising Out of the Ashes* (2022) e deste até *The Holy Empire* (2013) e *The Hunt For Damien* (2015). Tsamis morreu, aos 60 anos, em 2021 mas deixou várias canções inacabadas. Zonder decidiu manter a banda e, com Philip Bynoe (baixo, ex-Steve Vai), Eric Juris (guitarra, Crystal Viper), Jimmy Waldo (teclado, Alcatrazz) e Giles Lavery (vocal, Alcatrazz), completar o material composto pelo amigo. Assim, agora temos *Free Spirit Soar*, que inclui a espetacular *Behold A Pale Horse* e *Revelation XIV*, do Lordian Guard, projeto que Tsamis montou entre 1995 e 1997. Ambas, além de *Conquerors*, da ótima faixa-título, *Worms of the Earth* e *The Bell Tolls* mostram com um álbum de HEAVY METAL deve ser.

Alessandro Bonassoli

MY DYING BRIDE

A MORTAL BINDING
NUCLEAR BLAST - IMP.

9,0

No início dos anos 90, eles foram uma das bandas que trouxeram o doom para um papel de protagonismo no mundo do metal, merecendo um papel de destaque no universo do doom/death ao lado dos seus parceiros de 'Peaceville Three', Paradise Lost e Anathema. No fim dos anos 90, eles também foram uma das bandas que abandonaram o death/doom em nome de sua sonoridade mais abrangente, de novo, conforme aconteceu com os parceiros de Peaceville Three. Se toda essa história serviu de alguma coisa? Bem, ouvindo *A Mortal Binding* com a devida atenção, você perceberá com facilidade que Aaron Stainthorpe (vocal) e seus asseclas conseguiram separar o 'joio do trigo' e manter só o melhor de cada experiência em sua música. A primeira mostra do álbum, *Thornwyck Hymn* (segunda faixa do repertório), já mostra aquele clima denso e lúgubre tão grato aos fãs do estilo, e a experiência vai se aprofundando cada vez mais em verdadeiros hinos agônicos, como a longa, pesada e belíssima *The Apocalyptist*, que parece saída de um álbum dos anos 90. Mais uma vez, sem chance de erro com o My Dying Bride, ótimo álbum!

Valtemir Amler

SUICIDAL ANGELS

PROFANE PRAYER
NUCLEAR BLAST - IMP.

9,0

Parece brincadeira pensar que já se vão quase 25 anos desde que o Suicidal Angels nasceu em Atenas. Mas além da longa experiência nos palcos, eles também já possuem oito álbuns completos de estúdio que comprovam a sua dedicação e fidelidade ao thrash metal. E vale a pena evidenciar essa última parte já que, em início dos anos 2000, vivíamos em pleno 'thrash revival', o que trouxe muitos 'aventureiros' a esses mares. Pois bem, *Profane Prayer* está aí para mostrar que sempre haverá bons nomes em meio à turba. Com excelentes partes da guitarra solo que destacam uma composição evoluída e caprichosa, muito rapidamente coloquei *Crypts of Madness* entre as minhas faixas preferidas de 2024. Claro que *Purified By Fire* e *When The Lions Die* justificam instantaneamente a razão de terem sido escolhidas como vídeos, e a participação da lenda grega Sakis Tolis em *Deathstalker* é digna de menção, assim como preciso dizer que é impossível ser fã do thash germânico dos anos 80 e não curtir *Virtues of Destruction*. É fácil encontrar destaques em um álbum tão cheio de bons momentos.

Valtemir Amler

ORPHANED LAND

A HEAVEN YOU MAY CREATE
CENTURY MEDIA - IMP.

8,5

É claro que, no alto de suas mais de três décadas de carreira, um álbum ao vivo não é novidade para os israelenses do Orphaned Land. Pelo contrário, já existem dois títulos anteriores a esse no mercado, incluindo o recente *The Calm Before The Flood*, lançado em 2022 digitalmente pela Century Media. O que torna este, então, um registro digno de nota? Primeiramente, o repertório que é muito mais longo e por isso mais completo que o anterior. Segundo, desta vez não estamos diante de um disco acústico. E, terceiro, este é um produto real, uma experiência em áudio e vídeo que você pode adquirir em vários formatos e armazenar em sua estante, o que convenhamos, é muito melhor do que qualquer facilidade do mundo digital. Quanto ao repertório em si, não há muito do que reclamar ao ouvir uma banda já tão experiente executando clássicos como *Mabool (The Flood)*, *The Storm Still Rages Inside* e *A Never Ending Way* acompanhada de coral e orquestra sinfônica. Imperdível para os fãs.

Valtemir Amler

RIOT V

MEAN STREETS
ATOMIC FIRE - IMP.

8,0

Criado por Mike Reale em 1975, o Riot é um dos melhores grupos que não chegaram ao topo da música pesada. Após a morte do fundador, em 2012, os remanescentes fizeram um acordo com a família dele e seguiram na ativa, mas acrescentando um "V" ao nome. Ainda é prematuro afirmar que *Mean Streets*, o novo álbum, será um clássico como *Narita* (1979), *Fire Down Under* (1981), *Thundersteel* (1988) e *The Privilege of Power* (1990), mas é a primeira vem em quase 50 anos que a banda mantém a mesma formação em três lançamentos seguidos: o excelente Todd Michael Hall (vocal), Nick Lee e Mike Flyntz (guitarras), Don Van Stavern (baixo) e Frank Gilchriest (bateria). Mas o primeiro de inéditas desde *Armor of Light* (2018) certamente matará a sede dos fãs. É o típico metal americano com influências de Judas Priest e Iron Maiden. *Hail to the Warriors* abre a série com peso e velocidade empolgantes. *Feel the Fire*, que saiu como single, e *Open Road* são boas e cativantes faixas hard rock. Com elas, a correria speed metal de *High Noon* e *Mortal Eyes*, além de *Lost Dreams* e *Love Beyond the Grave*, são alguns exemplos que indicam que o legado de Reale terá continuidade por muito tempo.

Alessandro Bonassoli

MASTER'S CALL

A JOURNEY FOR THE DAMNED
FIREFLASH - IMP.

8,5

O Reino Unido tem uma longa e nobre linhagem dentro do death metal. Porém, o volume de bandas do gênero que exportou para o mundo e acabou minguando em meados dos anos 90 finalmente parece estar retomando com força. Bandas como Slimelord, Vacuous, Vaticinal Rites, Horrified, Sewer Fiend e Cryptworm estão honrando o bom legado das terras do lendário Grave Miasma. E é justamente para engrossar ainda mais esse caldo que aparece o Master's Call, de Wolverhamptom (ING). Formado por um quinteto que já possui um longo currículo no underground extremo, eles apostam em um death repleto de referências black metal, que aparece principalmente nas boas atmosferas que cercam as composições, como você facilmente perceberá em *The Serpent's Rise*, *Damnation's Black Winds* e *Beyond The Gates*, que considero as melhores deste registro. Se você é daqueles que não consegue passar um dia sem lamentar pelo atual momento mais 'leve e artístico' do Behemoth, essa pode ser uma boa banda para suprir a sua demanda.

Valtemir Amler

IHSAHN

IHSAHN
CANDLELIGHT - IMP.

8,5

Desde seu tempo como a grande mente por trás do Emperor, o músico norueguês Ihsahn vem sendo considerado um dos grandes nomes do black metal em geral. Criando uma fusão eletrizante de black metal com elementos orquestrais, seu álbum solo homônimo captura perfeitamente a essência de sua carreira. Até mesmo em *The Adversary* (2006), seu primeiro álbum solo, os fãs têm sido condicionados a esperar o inesperado em relação ao compositor, e seu mais novo álbum não destoa disso. *Ihsahn* é um álbum conceitual completo, apresentando duas histórias paralelas, uma nas partes orquestrais e outra nas partes mais voltadas ao metal extremo. *Pilgramage to Oblivion*, um dos muito bem recebidos singles, esbanja grandeza, criando uma mistura quase cinemática, com os muitíssimo bem executados violinos, tambores e outros instrumentos orquestrais transportando o ouvinte a um universo paralelo. Os vocais de Ihsahn, nitidamente das profundezas de sua alma, criam um contraste interessante em relação à natureza fina e sofisticada da instrumentação. Mesmo sem prestar muita atenção nas letras, não é difícil se encontrar completamente imerso na complexa história retratada. Realmente uma aula de black metal sinfônico.

Daniel Agapito

OZONE

LOST AND RARE TRACKS
CLASSIC METAL - NAC.

9,0

Quem vivenciou o rock dos anos 80/90 aqui no Brasil conheceu bandas que nunca conseguiram o retorno que mereciam. Dentre elas, certamente está o Ozone, primeira banda de glam rock feminina do Brasil. Tendo como centro Paula Wolff (vocal e baixo), sua irmã Pat Fox (bateria e vocais) e Yasmin Yander (guitarra), o grupo teve várias outras guitarristas e, apesar de ter conquistado considerável sucesso, nunca chegou a gravar. Até agora, já que, graças à Classic Metal Records, saiu esta compilação que reúne duas demos, duas faixas ao vivo e mais oito extraídas de um ensaio. O destaque, claro, são as demos. Contando com Drika Elf na outra guitarra, *Hard to Resist* (1993) mostra uma banda afiada, dedicando-se a temas que privilegiam a melodia e principalmente os belos arranjos vocais. Já *But We've Got the Biggest Balls of Them All* (1994) – título extraído de uma música do AC/DC, mas que ganha uma nova interpretação quando vinda de uma banda de garotas "encardidas", como elas mesmas se definem – vem com certa influência de thrash, o que faz com que tenham muito mais peso, mas sem abrir mão do glam rock. As faixas ao vivo dão uma boa amostra da energia que emanava de um show das garotas, enquanto que as extraídas do ensaio destacam-se pela pegada furiosa. Pra festa ficar completa, resta ver se as garotas se animam e voltam à ativa.

Antonio Carlos Monteiro

TONY BABALU

DE VOLTA AO QUARTO DE SOM...
AMELLIS - NAC.

9,5

São mais de 50 anos de carreira e Tony Babalu continua mais na ativa do que nunca. O guitarrista, que se notabilizou por participar de bandas como Made in Brazil e Quatro Crescente, lança mais um EP gravado em seu estúdio caseiro. A exemplo do anterior, *No Quarto de Som...* (2021), trata-se de um EP com cinco faixas e que pode surpreender quem não acompanha a trajetória solo do guitarrista. Afinal, ao contrário de seu trabalho com as duas bandas citadas, aqui a coisa se afasta um pouco do rock'n'roll mais básico. O Babalu solo não perde a veia rockeira, mas se envereda por outros ritmos e tendências, que envolvem blues, soul music e até uma pitada de fusion. Mais importante que tudo isso é prestar atenção no som que sai da Fender branca de Babalu (e que pertenceu a outro monstro das seis cordas, Wander Taffo): é muito fácil você nem se dar conta de que está ouvindo um trabalho instrumental, já que Tony consegue preencher os espaços eu seriam da voz com sua guitarra, algo que poucos conseguem. Dentre os destaques, o groove pesado de *Crash!*, a malemolente e criativa *Neblina* e o belo violão em *O Lenhador*. Para quem acredita que guitarra é um instrumento para fazer música e não malabarismos, *De Volta ao Quarto de Som...* é mais do que recomendado.

Antonio Carlos Monteiro

DRY AGED

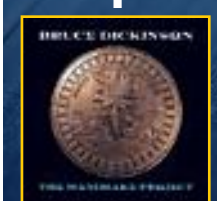
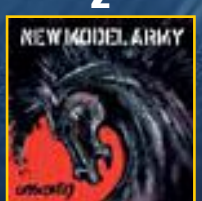
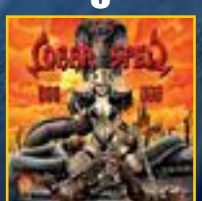
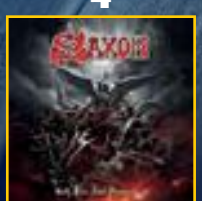
DRY AGED
INDEPENDENTE - NAC.

9,0

Dry Aged é o nome dado o processo em que a carne é lentamente maturada até que se torne uma iguaria. Vamos combinar que é um termo mais do que adequado para nomear uma banda em que seus integrantes esbanjam talento e experiência – afinal, o power trio formado por Nando Vieira (baixo e vocais), Fulvio Oliveira (guitarra) e Ivan Busic (bateria), como eles mesmos apontam, soma quase 150 anos de música. Os três resolveram colocar seu talento a serviço de um hard rock com pés ficados nos anos 80, flertando com o AOR em muitos momentos, e o resultado fica bem ao nível da expectativa que o currículo dos três oferece. São temas bem elaborados, com instrumental soberbo e vocais muito eficientes. Detalhes como a participação de Fernando "The Crow" Costa no órgão Hammond em três faixas torna o negócio ainda mais requintado, assim como a produção certeira do próprio Nando Vieira. *Sinking Down*, com sua bela linha melódica, a balada *That Same Old Song* e o riff bacana de *Not to Blame* são alguns destaques num trabalho bem uniforme e que merece ser ouvido de cabo a rabo. Mas não deixe de dar uma passada no YouTube e dar uma sacada no vídeo que a banda registrou para uma interessante releitura para *Gimme Shelter*, clássico dos Rolling Stones.

Antonio Carlos Monteiro

ROADIE PARADE

1	2	3	4	5
				
BRUCE DICKINSON	NEW MODEL ARMY	COBRA SPELL	SAXON	NOTURNALL
THE MANDRAKE PROJECT	UNBROKEN	666	HELL, FIRE AND DAMNATION	COSMIC LIVE TOUR

*CLASSIFICAÇÃO OBTIDA POR MEIO DE PESQUISA REALIZADA NAS LOJAS DIE HARD (LOJA E SITE - SÃO PAULO/SP), PARANOID (SÃO PAULO/SP), HEAVY METAL ROCK (AMERICANA/SP) E BLACKOUT DISCOS (RECIFE/PE).

Clube de Revistas

SONATA ARCTICA

SOANDO COMO OS FÃS QUERIAM

Tony Kakko faz analogia a uma montanha-russa e afirma que novo álbum, *Clear Cold Beyond*, é tipo quando ela volta ao começo

Por Daniel Agapito

É inegável que desde seu venerado primeiro álbum, *Ecliptica* (1999), os finlandeses do Sonata Arctica têm sido considerados referência mundial em power metal. Após alguns discos com uma sonoridade um pouco diferente de sua fórmula tradicional, o quinteto promete uma volta ao peso com seu mais novo trabalho, *Clear Cold Beyond*. Tivemos a oportunidade de conversar com Tony Kakko, vocalista e membro fundador, sobre este novo trabalho.

Como descreveria a evolução da banda e, por extensão, como diria que o novo álbum cabe nesta trajetória?

Tony Kakko: É uma montanha-russa e este mais novo álbum é tipo quando a montanha-russa volta ao começo. Estamos novamente em nossa fase power metal, tanto musicalmente quanto em termos de sonoridade. Voltamos a trabalhar com Mikko Karmila, o mestre por trás da sonoridade power metal dos álbuns originais do Sonata Arctica. Foi ele que mixou o álbum. Diria que esta é uma nova volta da montanha-russa. Espero que de agora em diante seja uma volta mais plana, ou pelo menos com uma trajetória mais para cima. A ideia é parar com as aventuras que temos tido há alguns anos e voltar a ser o Sonata Arctica power metal daqui em diante. Nos outros álbuns nesta linha tive estilos diferentes o bastante para chegar a um produto final satisfatório, mas ainda conseguimos lançá-lo em um estilo ainda considerado power metal pelos fãs.

Em sua opinião, quais foram os resultados desta reunião com Mikko Karmila?

Tony: O resultado, obviamente, foi um álbum que soa como o Sonata Arctica. Os fãs do Sonata Arctica mais antigo devem conseguir reconhecer o som do novo álbum. Visamos soar como o Sonata Arctica de antigamente, talvez com uma roupagem um pouco mais moderna, por conta do jeito que as coisas mudaram. Tem o punch dos álbuns mais antigos. Os antigos são bem diferentes. A diferença entre *Talviyö* (2019) e *Clear Cold Beyond* é gigante, inacreditavelmente grande. O resultado é um álbum que soa como o Sonata Arctica que as pessoas querem ouvir.

CLEAR COLD BEYOND
Atomic Fire Records - Imp.

Este novo álbum está saindo após o lançamento de seus dois *Acoustic Adventure*, que vocês próprios disseram que ajudaram a banda a 'dar um reset'. O que foi este reset e como ele afetou *Clear Cold Beyond*?

Tony: Bom, o jeito como este álbum aconteceu foi resultado de uma gama de fatores. Primeiramente, tivemos a pandemia, que me deixou descansar um pouco. Estávamos orando, na esperança de conseguir fazer estes acústicos há um bom tempo, e finalmente conseguimos uma chance de fazer isso junto à nossa gravadora. Aí, tiramos isso de nosso sistema e conseguimos até fazer uma turnê com estes acústicos. Mesmo assim, no final da longa tour de aproximadamente dez semanas estávamos meio cansados deles e nós todos queríamos algo com mais peso. Sentando para compor logo depois dessa turnê, foi fácil entrar na mentalidade de fazer algo com mais punch e velocidade. Tudo contribuiu para o resultado deste álbum.

Vocês também falaram que este álbum mostra uma 'volta ao peso após alguns discos não intencionalmente menos pesados'. Há alguma razão para esta falta de punch nos últimos trabalhos?

Tony: Tomamos algumas decisões erradas no quesito produção, especialmente em *Talviyö*. Em minha opinião, *Pariah's Child* (2014) e *Ninth Hour* (2016) são ótimos álbuns. Eles soam muito bem e de algum jeito resistem ao tempo como uma entidade só com uma continuação lógica entre eles. *Talviyö* foi uma mudança. Ele soa muito suave e não notamos isso quando o fizemos. Ao mesmo tempo, estava sofrendo com problemas vocais severos que estavam presentes desde 2017, se não me engano, gradualmente piorando, chegando ao ponto que não conseguia soltar um agudo sequer, não tinha poder algum na voz. *Talviyö* foi resultado de muitas coisas indo em uma direção inesperada. Ainda gosto muito das músicas daquele disco, mais acho que a produção o deixou muito suave, com pouco peso. Teria se beneficiado com vocais estilo *Clear Cold Beyond* e a sonoridade da mixagem de Mikko Karmila, ele seria completamente diferente. Talvez se ganharmos na loteria, uma das minhas esperanças é refazer o álbum por completo. Fomos um pouco cegos

Clube de Revistas

e não vimos isso acontecer na época. Talvez devêssemos ter trazidos alguns ouvidos de fora, o que sempre ajuda. Não tínhamos um produtor de fora, tirando Mikko Tegelman, mas estávamos na mesma bolha. Não conseguimos ver para onde o disco estava indo e ele acabou saindo com pouco peso. Não houve uma ou outra razão por trás desta falta de peso, mas um aglomerado de motivos.

Você disse que a faixa *Dark Empath* é uma das sequências à clássica *Don't Say a Word*, de 2004. Como foi escrever mais uma sequência para esta música tão adorada pelos fãs?

Tony: Bom, esta música marca o fim do capítulo desta saga. Tudo começou com *Silence* (2001), aí *Don't Say a Word* foi meio que uma sequência, adicionando à história. Não é muito uma história porque não tem uma linha do tempo, é mais uma bolha, com cada música adicionando um pouco para a história. Não sei quantas músicas tem na saga, nunca parei verdadeiramente para contar. Creio que tem em torno de dez já, talvez oito. É muito legal escrever músicas para esta saga e os fãs sempre curtem muito. É algo que gosto muito de escrever por conta do conteúdo lírico. Me divirto muito escrevendo letras perversas e com tom mais sombrio. Musicalmente, consigo brincar com alguns temas que não cabem muito no Sonata Arctica, mas, por ser parte desta saga, os fãs acolhem de braços abertos por conta do passado e tudo mais. É divertido.

Na capa, feita por Nikki Antilla, é possível notar um estilo mais reminiscente de seus primeiros álbuns. Há alguma razão específica para esta mudança estética?

Tony: Ela já mostra um pouco do nosso retorno aos tempos antigos. Ela faz sentido. Os tons de branco, azul e avermelhado presentes no meio da capa já levam o ouvinte de volta para os tempos de *Silence* em termos de cores, mas este é um pouco mais escuro. Esta foi a ideia, juntar o novo Sonata Arctica com o Sonata Arctica antigo.

Continuando esta linha de fusão de eras, o álbum aborda temas bastante atuais, com um grande foco em como nosso planeta está sendo destruído pelos seres humanos. Como você diria que o estado do mundo afeta seu processo de composição?

Tony: Eu tento manter uma atitude positiva quando estou compondo. Um pequeno detalhe: compus a maioria das letras em nossa turnê latino-americana, no Brasil, por exemplo (rindo), na Colômbia, em El Salvador, em lugares exóticos. Sentava ao lado da piscina com meu laptop ouvindo as demos que tínhamos das músicas e compunha neste ambiente. Foi uma forma completamente diferente do que estou acostumado. Foi difícil escrever coisas árticas, e isso me fez cair na realidade ainda mais e me fez tentar entender eventos como a guerra. Outra coisa que tem mudado bastante e afetado muitas coisas recentemente foi a inteligência artificial, que agora tem em todo lugar. Agora não dá para confiar em nada, desde trailers de filmes a gravações de Freddie Mercury cantando, por exemplo. Está em todo lugar, e deveríamos limitá-la, deveríamos colocar barricadas severas em seu uso para certas coisas, como a arte. Criar arte é algo que se você replica o estilo e tentar criar peças de outros artistas com a inteligência artificial é totalmente fodido. Deveríamos proteger nossas crianças disso. Se você está simplesmente ditando coisas para a IA fazer, você não está usando muito o cérebro. Claro, sempre haverá pessoas inteligentes que irão naturalmente tender a usar suas mentes, porque isso dá a elas algum tipo de satisfação. Solucionar problemas e criar algo usando suas cabeças sempre será algo gratificante

Jaakko Manninen

Clear Cold Beyond **marca o primeiro álbum de Henrik Klingenberg, Pasi Kauppinen, Tony Kakko, Tommy Portimo e Elias Viljanen desde o divisivo Talviyö (2019).**

Clube de Revistas

para elas. Entretanto, temos também pessoas que estão no limiar entre um e outro, e facilmente usarão a IA para solucionar seus problemas, aí não estarão aprendendo nada sozinhos, não estarão alimentando seus cérebros e não estarão virando a melhor versão possível delas mesmas. Virarão apenas servos da IA, de certa maneira, e isso me preocupa bastante. Lido com isso em *First in Line*, a primeira faixa do álbum. É alarmante. Também há outras coisas, como a música *Clear Cold Beyond*, que trata da guerra e das relações humanas.

Qual é a história por trás do título do álbum? *Beyond* é algo referente ao futuro da banda?

Tony: De certa maneira, sim. Quando a ideia surgiu, não sabia se queria usá-la como nome de uma música ou do álbum, mas sabia que a usaria. Não vou conseguir lembrar o nome, mas estava assistindo algum filme ou série que tinha a ver com o espaço sideral. Tinha este jato, que estava chegando no limite da atmosfera, quando tem que descer de novo e o piloto vê a curvatura do planeta terra e fala que quando chega àquele ponto vê o 'clear blue beyond' (N. R.: azul claro além, em tradução livre). Rapidamente anotei. Pouco tempo depois, percebi que não conseguiria usar, porque ClearBlue, pelo menos em certas partes do mundo, é o nome de um teste de gravidez (rindo). Tive que modificar um pouco, e achei que 'cold' comunicou a mesma ideia que 'blue'. E foi mais Sonata Arctica ainda! Obviamente, é sobre deixar o passado para trás e achar novos horizontes, mas ainda conseguindo manter as coisas boas do passado e escolher o caminho para o futuro; explorar o futuro desconhecido ou voltar para o passado já conhecido, a Terra. Este foi o conceito por trás do nome, mas a capa é mais conectada à música. A faixa *Clear Cold Beyond* fala sobre um jovem que é novo demais para se alistar ao exército, mas acaba entrando de qualquer jeito para ir à guerra, só para impressionar uma menina. Isso traz consequências devastadoras, tanto para a família quanto para o menino e a menina. É linda. Alguns podem chamar de balada, é a faixa mais remetente a uma balada no álbum. Espero que deixe todos se sentindo serenos e com vontade de ouvir o disco de novo.

> **"Se você está simplesmente ditando coisas para a IA fazer, você não está usando muito o cérebro"**

Quais os planos para o futuro da banda? Podemos esperar mais uma turnê latino-americana?

Tony: Bom, nossa prioridade para turnê é a Finlândia. Depois disso faremos os festivais de verão europeus, aí embarcaremos em uma turnê europeia começando em setembro. Tenho quase certeza que iremos para a América Latina em 2025. Este ano já está praticamente cheio, não queremos ter que fazer duas turnês longas tão perto uma da outra. Com certeza, a América Latina está nos nossos planos e iremos aí o mais rápido possível. É sempre divertido tocar aí, conhecer todos e tocar para os públicos mais loucos do mundo.

Alguma consideração final? Algo que queira dizer para os leitores da ROADIE CREW?

Tony: Estou ansioso para ouvir seus comentários sobre o novo álbum, espero que gostem. Lançaremos um novo single, se não me engano será acompanhado de um videoclipe que filmamos aqui em Helsinque. Será algo legal, algo bem diferente e artístico. Pelo menos, a criação dele foi incrível, espero que assistam assim que sair. E venham nos ver ao vivo, tenho certeza que nos veremos muito em breve!

Kristian Reuter

Clube de Revistas

be magic PRODUÇÕES

be magic PRODUÇÕES

BE MAGIC FEST 2024

TERCEIRA EDIÇÃO DO FEST MAIS TRADICIONAL DO METAL CARIOCA

HOMENAGEANDO FIGURAS ILUSTRES DO ESTILO QUE CONTRIBUÍRAM E CONTRIBUEM PARA A CENA

MARCOS DANTAS (AZUL LIMÃO), SÉRGIO E CLÁUDIO BEZZ (TAURUS),
FABIO COSTA (GARAGE ART CULT) E RAUL (CAVERNA)

2 PALCOS E MUITO METAL BRASILEIRO

04 DE AGOSTO (DOMINGO)

Palco apresentado por BALTHAZAR (MOTIM UNDERGROUND)

PALCO FABIO COSTA (GARAGE ART CULT)

- MIASTHENIA (DF)
- VELHO (RJ)
- GENOCÍDIO (SP)
- SIEGRID INGRID (SP)

Palco apresentado por KETH DEMONIZER

PALCO RAUL (CAVERNA)

- SUTURA (RJ)
- FERETRAL (RJ)
- GUERRA NUCLEAR (RJ)
- EGOCENTRIC MOLECULES (RJ)

25 DE AGOSTO (DOMINGO)

Palco apresentado por TERRY PAINKILLER

PALCO MARCOS DANTAS (AZUL LIMÃO)

- BLASTHRASH (SP)
- VULCANO (SP)
- HARPPIA (SP)
- HELLWAY TRAIN (MG)

Palco apresentado por RAIZA SILVA

PALCO SÉRGIO E CLÁUDIO BEZZ (TAURUS)

- FORKILL (RJ)
- SAVANT (RJ)
- HUNGRY JACKALZ (RJ)
- LOWD (RJ)

RIO DE JANEIRO LOCAL: EXPERIENCE MUSIC (antigo Rock Experience)

Rua Riachuelo 20, Lapa, Centro/RJ.

Infos: (21) 96529-4616 / Classificação etaria: 14 anos

Luciana Pires fotografia

DIES IRAE

Clube de Revistas

Aaran McKenzie, Sean Long, Lawrence "Loz" Taylor, Mat Welsh e Adam "Sav" Savage: indo além do metalcore

Enzo Iriarte

CONFIANÇA RENOVADA

Uma nova era. É assim que a própria banda inglesa define o seu novo álbum, e "Loz" Taylor mostra que o resultado é uma jornada de autoconhecimento

Por Daniel Dutra

Uma das bandas mais interessantes da cena metalcore, o While She Sleeps sempre buscou adicionar diferentes elementos em sua música para se diferenciar de seus pares. Com *Self Hell*, o sexto disco de estúdio, Lawrence "Loz" Taylor (vocal), Sean Long e Mat Welsh (guitarras), Aaran McKenzie (baixo) e Adam "Sav" Savage (bateria) entraram num processo de reestreia com seu trabalho mais abrangente, explorando novos caminhos musicais. Acompanhe agora alguns dos melhores momentos de uma ótima conversa com Taylor, para fazer com que você chegue cedo ao último dia do Summer Breeze, porque vai valer a pena conferir o quinteto britânico ao vivo.

No "press release", escrito pela banda, *Self Hell* é descrito como uma segunda estreia. Isso é interessante, porque o normal é ler ou ouvir que 'este é o nosso melhor disco até agora', mas não que se trata de um novo primeiro álbum. Você poderia explicar melhor?

Loz Taylor: Acredito que a banda encontrou uma nova confiança. Estamos trabalhando juntos de uma forma que jamais fizemos, especialmente dentro do estúdio, e a experiência que tivemos desta vez foi muito positiva. Deixamos todos chegarem e tomarem seus espaços, no sentido de que cada um teve lugar para fazer o que quisesse no disco, então realmente passa uma sensação de nova era para o While She Sleeps. Tocamos no Alexandra Palace, em Londres, há alguns meses, e foi o maior show em ambiente fechado que já fizemos. Havia dez mil pessoas! Estamos nos movendo em direção à sensação de sermos uma banda de arena, o que é bem legal, uma vez que atualmente somos os nossos próprios empresários, fazemos os nossos vídeos e todo o resto. Pode-se dizer que pegamos o poder para nós mesmos, então o fato de *Self Hell* ser a nossa segunda estreia se deve ao trabalho pesado que fazemos e também aos nossos fãs. Durante muito tempo, nos sentíamos como azarões, e não houve uma única vez em que tivéssemos pisado no palco sem que nos sentíssemos assim, porém, ao mesmo tempo, demos um passo atrás e percebemos que somos uma banda há muitos anos, que temos um nome na cena rock e metal do Reino Unido, e isso é reconfortante. Deu-nos a chance de estarmos relaxados no estúdio, mais confiantes, e o novo álbum representa bem isso.

E eu perguntei porque algumas pessoas podem pensar que vocês querem apagar o que fizeram antes e recomeçar...

Loz: Não, não! O que nós conquistamos nesses anos todos é uma lição de humildade. Só de alguém se importar em nos ouvir é surpreendente para mim, e se alguém contasse isso para o Lawrence de 14 anos de idade, o que ele faria da vida, tendo uma banda durante tantos anos e com milhares de pessoas indo aos shows, ele provavelmente sangraria pelo nariz e desmaiaria! (risos) Somos muito gratos pelo o que atingimos coletivamente, não estamos tentando apagar nada do nosso passado, e apenas acredito que o processo de gravação, a nova abordagem na composição das músicas e a autoconfiança ao vivo e na produção nos deram essa sensação de renascimento. Quando se passa tantos anos fazendo isso, é necessário buscar uma renovação, porque é o que mantém a moral alta, faz você se esforçar e buscar progredir. Isso é necessário para que possamos continuar fazendo o que nós fazemos, e somos gratos por tudo. O While She Sleeps é uma família, tem a mesma formação desde 2009 e, como todo relacionamento de longa data, dá trabalho e exige tempo para compreender. Temos cinco caras na banda que trabalham duro pelo mesmo objetivo, ainda que às vezes os pensamentos não necessariamente se alinhem. Mas isso faz parte do processo de aprendizado, e estamos aprendendo da melhor forma possível.

Sobre o título do álbum, a banda diz que 'estamos todos no caminho do inferno pessoal que nos levará à libertação ou à própria morte'. Ou seja, parece que precisamos passar pelo inferno e voltar para chegar a essa libertação. É mesmo?

Loz: Honestamente, acredito que sim. Não importa o quão forte ou não isso nos

Clube de Revistas

impacta, porque todo mundo passa por alguma coisa. São lições e ensinamentos que os seres humanos vivenciam. Se você imaginar um pêndulo balançando da direita para a esquerda, ele precisa desse impulso para se mover de um lado para o outro, e, ainda que soe clichê, esse é o ciclo da vida. É a nossa resposta a esses eventos que será o resultado de pressões, dores e emoções. O While She Sleeps tem sido essa longa viagem, e ela nem sempre foi tranquila. É difícil viver na estrada e gerenciar a própria mente, é difícil não se viciar em álcool, lidar com todas essas coisas que na superfície parecem fáceis de manejar. Quando se vê de dentro, nem sempre é fácil. A trajetória da nossa banda e das relações, ou seja, a jornada dessas pessoas que se veem dia sim e dia também para superar certas coisas reflete o equilíbrio que elas enfrentam na vida, então é interessante falar sobre isso, é interessante navegar pela vida. Se você tentar anular os sentimentos ruins ingerindo bebidas alcoólicas, você se colocará no seu próprio inferno, e não são somente substâncias aditivas que fazem isso. A sua própria mente pode lhe enganar. Para mim, o título resume a vida real, porque ela não é só arco-íris e borboletas. Às vezes merdas acontecem, só que a mensagem geral que queremos deixar é que, ainda que essas coisas aconteçam e que a sua mente o engane, estamos todos na mesma situação. Milhões e milhões de pessoas se sentem exatamente da mesma forma, então *Self Hell* representa bem a vida como ela é. O disco tem muitos conceitos diferentes nas letras, na musicalidade e nas emoções que refletem esse inferno pessoal.

E vocês se assustam com coisas que não deveriam fazer para manter um empreendimento espiritual vivo e em constante movimento. O que a banda não deveria fazer e fez no novo álbum? Como vocês se assustaram desta vez?

Loz: Pegando essa ideia e a jogando nas músicas, é como quando você passa a ser conhecido na cena. As pessoas passam a aparecer nos shows, a banda consegue assinar um contrato e coisas assim, e naturalmente você fará o possível para nutrir todas as conquistas e mantê-las seguras, especialmente músicos jovens cujo sonho era fazer isso. Ainda que tentássemos mudar nosso som de um disco para outro, de modo a nos mantermos interessantes, agora encontramos uma nova autoconfiança que nos permitiu ser mais como nós mesmos, entender que não basta ser uma banda de metalcore, porque é preciso progredir e seguir em frente a cada novo disco, com uma nova atitude. Alimentar isso é algo que assusta um pouco, porque, nesses anos todos fazendo música, nos deparamos com um sentimento ou com um som que notamos não necessariamente se encaixar no mundo do metalcore. Assim, esse 'nos assustarmos por fazer algo que não deveríamos fazer' é no sentido de 'não sabemos se nossos fãs vão gostar disso'. Ainda que inicialmente nós compomos para nós mesmos, sempre tem aquele sentimento de 'espero que outras pessoas gostem disso'. Nós já fizemos coisas que nos deixaram amedrontados antes, mas em *Self Hell*, da forma colaborativa como foi, se essas coisas se conectarem, elas poderão abrir novas portas para a banda. Por isso acredito que na vida é importante fazer coisas que o amedontrem, não importa quais sejam. É muito fácil ficar trancado em casa, mas tem muita coisa lá fora para ser vivida. Se você se coloca sob pressão e se preocupa com tudo, vai perceber que, de nove em dez vezes que tentar algo assustador, as coisas não eram tão ruins quanto você pensava. Ou que as conversas que você tentou evitar acabaram por ajudar a construir uma relação em vez de destruí-la. Essa parte que você destacou representa os sentimentos que abordamos no novo disco.

SELF HELL
Spinefarm - Imp.

Dito isso, é curioso que *Self Hell* seja o álbum mais diversificado da banda. A canção *No Feeling is Final*, por exemplo, é uma surpresa inesperada ao soar como um encontro de Vangelis com Pink Floyd...

Loz: O que tentamos fazer com esses interlúdios foi dar um respiro para o restante das músicas, porque a forma como as pessoas digerem música atualmente é muito voltada para singles e EPs, e nós viemos de uma geração que ouvia um álbum inteiro! Eu ia de skate até uma loja de CDs, escolhia o que queria, voltava de skate para casa, sentava no meu quarto, abria o encarte, lia as letras, ouvia o disco inteiro algumas vezes para entender se aquilo era para mim ou não. Foi isso o que tentamos fazer em *Self Hell*. Ao mesmo tempo existem partes que vão mais em direção ao punk ou ao hardcore, também gostamos de dar às pessoas uma oportunidade de respirar e meditar antes da próxima música, e é curioso você mencionar o Pink Floyd, porque tenho o mesmo sentimento. É como limpar o paladar. Não estamos o tempo todo tentando apagar o ânimo de quem escuta, e sim tentando criar uma paisagem e uma emoção que os nossos ouvintes possam seguir, e espero que possamos atingi-los isso. Com isso em mente, procuramos montar o álbum para ser como um sentimento, uma emoção, uma paisagem em que pudéssemos levar os ouvintes a uma viagem pela nossa composição.

E ainda tem *Out of the Blue*, uma louca música progressiva e com excelente instrumental. Aliás, o título é até autoexplicativo (risos).

Loz: E eu adoraria me inclinar mais nessa direção no próximo disco, porque é emocionante como a música vai crescendo perto do fim. Dá a sensação de que a partir dali poderia se desenvolver numa outra canção inteira. É uma das minhas favoritas, e olhando pelo retrovisor, se eu soubesse que iria gostar tanto quanto gostei, teria tentado me envolver mais e colocar mais vocais nela. Ao mesmo tempo, é bom não ter tanta letra, porque acredito que, no futuro, isso pode ser um direcionamento para a banda. Não creio que esse gênero musical engolirá o While She Sleeps, mas misturar riffs de metal com coisas menos pesadas pode ser muito interessante. E em termos de teatralidade dos shows, da mesma forma como o disco se move, pode ter um pouco disso. Talvez um interlúdio, talvez de fato tocá-la ao vivo, talvez algo para o futuro. Pode ser interessante.

E vocês estão voltando ao Brasil depois de dois anos, desta vez para o festival Summer Breeze. Quais as expectativas agora?

Loz: Estar num dia com tantas bandas com som diferente do nosso faz com que sejamos um sabor diferente. Se o lineup tivesse Bring Me the Horizon, Architects e Enter Shikari, ainda que cada uma delas tenha um som distinto, ficaríamos meio perdidos, porque todos nós meio que vivemos no mesmo universo. Então, é perfeito que sejamos a única banda de metalcore no dia. Talvez pudéssemos tocar um pouco mais tarde, mas às vezes eventos assim precisam de uma banda com muita vitalidade e energia para começar a festa, e nós somos muito bons nisso! Faremos um show arrasador para depois curtir o resto do dia (risos). Mal posso esperar!

Clube de Revistas

BLIND EAR

Por Silvio César Brandespim

MARCO ANTÔNIO DUARTE (DECOMPOSED GOD)

NILE
Kudurru Maqlu/Serpent Headed Mask
Amongst the Catacombs of Nephren-Ka

"Essa introdução soturna e oriental, acho que sei o que é... Isso é Nile! A gravação é das antigas. É do primeiro? (RC: Sim). Muito foda! Vi os caras em 2015 em Recife/PE e foi foda o show, muito profissional e bem organizado, mas infelizmente a galera não compareceu. Os caras destruíram tudo! Com certeza, eles são parte de nossas influências. Os caras me chamaram a atenção por terem esse lance com o Egito. E é engraçado, todos já ouviram falar da banda, mas poucos são os que realmente conhecem o conteúdo rico desses caras, se ligam na temática que abordam. E para muitos que conheço, é só mais uma banda de death extremo, mas são únicos no estilo."

VALHALLA
Internal War
Evil Fills Me

"Bem porrada essa. Tem muitos efeitos esse vocal, a gente não curte, mas está legal. Pô, não estou conseguindo sacar, parece muita coisa! (RC: Esse som aqui é uma pegadinha; são de Brasília/DF e são precursoras). Precursoras?! São mulheres... Ah, só pode ser o Valhalla! (RC: Elas mesmo!) Cara, não tem esse lance de ser ou não banda de mina, o lance é a atitude. E esse papo de preconceito ou super valorização só porque o som não é feito por cuecas não rola comigo. O lance é atitude e competência e essas minas são acima de quaisquer dúvidas! Estão aí na estrada há tempos, são honestas e muito foda no que fazem. Realmente são guerreiras. Esse som é recente? (RC: É do último EP, de 2014.) Muito foda, respeito pra caralho!"

VITAL REMAINS
Dechristianize
Dechristianize

"Conheço bem essa intro... Isso é brutalidade pura em essência. O mestre (Glen) Benton é único e impossível de não se reconhecer. Tudo em que ele coloca a voz soa único. Se ele fizer um disco de forró, mesmo assim vai soar único e dele! (risos gerais). Eu adorei esse álbum do Vital Remains. Ele me surpreendeu pacas, mas depois a banda meio que transformou isso em uma receitinha de bolo, e já o segundo com o Bentão veio bem morno. Ainda bem que ele voltou pra sua casa no Deicide e hoje a banda segue com a sua própria característica. Esse álbum é simplesmente um clássico do estilo. Muito foda! O trabalho de guitarras desse som e de vários outros desse álbum é simplesmente insano e inspirador pra mim!"

REBAELLIUN
Fear the Infidel
Under the Sign of Rebellion

"(N.R.: Marco presta atenção, em dúvida de arriscar). É gringo? (RC: Não é gringo e vocês já tocaram com eles). Arriscaria The Ordher ou Rebelliun. (RC: É o mais recente álbum dessa última que citou). Porra, é o novo do Rebelliun?! Muito foda não ter mais o Penna, mas Sandrão conseguiu achar uns caras foda para dar continuidade. Um dia estava hospedando os caras em casa e resolvi pegar o carro e fazer uma surpresa, levando Sandrão no lugar do primeiro show deles em Recife. Fui perguntando o que ele lembrava daquele dia, mas ele respondeu tudo errado (risos). Ao chegar, assim que viu o local onde tocou em 2001, o cara paralisou! Quase teve um treco, pois vieram memórias dos tempos da banda com o Penna e o início de tudo."

POSSESSED
Death Metal
Seven Churches

"O começo de tudo... Cara, a gente começou na onda metal com *The Number of the Beast* do Iron Maiden e depois vieram Sodom, Kreator e Destruction, e aí, claro, Venom etc. Mas, para a gente, o que realmente pirou nossas cabeças foi Possessed. Nunca imaginei que em 2008 a gente iria esbarrar com os caras na nossa própria cidade. Mesmo não sendo a formação original, era Jeff Becerra com Sadistic Intent, e os caras destruíram. Jeff foi simpático o tempo todo. Ajudei Jeff com a sua loucura (risos). O cara queria muito ficar 'selvagem' e ofereci para ele o meu 'arsenal' e, pronto, o cara ficou feliz e me perguntou o que eu queria em troca. Eu só disse: 'Você me deu o death metal, sem ele eu não estaria aqui. Então, agradeço por você existir.'"

SEXTRASH
Brutal Sex
Rape from Hell

"Porra, que som é esse? É gringo? Deixa-me ouvir mais um pouco, não estou conseguindo sacar o que é. (RC: É banda nacional). Ah, esse vocal é o Krueger?! Isso é Sextrash? Porra de que álbum? (RC: Esse é do último deles, *Rape from Hell*). Esse álbum ficou muito foda. Eu assisti eles em Fortaleza/CE anos atrás, mas o show deu o maior rolo, pois o Krueger resolveu pular em cima da galera com seus spikes e tudo mais e aí deu a maior briga, cara. A porrada comeu e acabou o show, simplesmente assim!"

DEICIDE
Satan Spawn, the Caco-Daemon
Legion

"Epa, essa intro é muito clássica! É claro que eu sei o que é isso, o mestre Bentão. Cara esse cara é muito foda, e esse álbum nem se fala, é brutalidade total. Até então, a gente só conhecia os papos e escândalos do profano Cronos (Venom), mas aí então surge Glen Benton e tudo ficou trinta vezes mais extremo e insano! O cara não fica só de papo, é diabólico até o talo e tem uma cruz queimada no meio da testa! Porra, mais extremo do que isso só as igrejas queimando."

SARCÓFAGO
The Worst
The Worst

"Sinistro, tem teclados... Deixa esperar o vocal. Só pode ser o Wagner! (RC: Exatamente!). O cara é muito foda. Na nossa turnê europeia a gente cruzou com muitos fãs deles, pois os gringos viam a gente e logo perguntavam: 'Vocês conhecem Sepultura e Sarcófago?' Os caras se tornaram lendas absolutas. Mas, mais do que isso, são realmente foda. A gente curtiu muito o vídeo na MTV da *Screeches from the Silence*, que rolava no Fúria Metal. O agudo do Wagner estilo Tom Araya ficou foda! Apesar de a galera do extremo só idolatrar *I.N.R.I.*, *Rotting* e *The Laws of Scourge*, particularmente curto muito o *Hate* e esse aqui, *The Worst*, pois mostrou que a banda não seguia parâmetros, não tinha medo de arriscar e não fazia álbuns iguais."

MORBID ANGEL
Angel of Disease
Covenant

"Cara, conheço isso. Esse é um dos sons mais estranhos desses caras, é meio Motörhead e no meio dela o estilo Morbid Angel aparece! Esses caras são foda! Quando os vi a primeira vez em Recife, na turnê do *Blessed Are the Sick*, foi insano, cara. Eu fiquei deslumbrado em ver o Trey Azagthoth destruindo sua B.C. Rich na minha frente. E que formação foda era aquela?! Depois, vi eles novamente com o guitarrista Thor Anders, do Zyklon, foi foda também, mas a primeira vez foi realmente impactante. Curto pra caralho os álbuns *Altars of Madness*, *Blessed Are the Sick* e *Covenant*, mas eles são ainda muito relevantes na cena. Morbi é foda!"

KRISIUN
Nuclear Winter
Black Force Domain

(N.R.: Em questão de segundos). Isso aqui é Sodom, *Nuclear Winter*, mas que versão é essa que nunca ouvi antes? (RC: Não é o Sodom tocando). Não é a banda?! (risos) Então é um cover? Quem está tocando então?!? (RC: Vocês se conhecem bem). Peraí, estou reconhecendo esse vocal: é o Alex do Krisiun! Que versão é essa que nunca havia sacado antes? (RC: Veio como bônus do relançamento de *Black Force Domain* em 2013). Pô, o que falar desses gaúchos insanos? São caras que levam o nome do metal extremo brazuca para todos os cantos do planeta, assim como nossos irmãos do NervoChaos. Só orgulho, meu! A gente já tocou uma pá de vezes com eles e é sempre divertido. Espero tocar muitas vezes mais com esses loucos!"

Clube de Revistas

Divulgação

Jonny Wemmenstedt, Martin Frejinger, Tobias Gustavsson, Marcus Åblad e Mattias Carlsson: direto do túnel do tempo, de volta para o futuro

Nestor

De volta a 1989

Tobias Gustavsson conta que retornar ao ano inicial do grupo sueco, com toda a estética visual e musical dos anos 1980, foi necessário e natural

Por Daniel Dutra

Tem sido mais do que comum bandas surgirem com um som moldado na década de 1980, especialmente quando se trata de hard rock, heavy metal e thrash metal. No caso do Nestor, porém, Tobias Gustavsson (vocal), Jonny Wemmenstedt (guitarra), Marcus Åblad (baixo), Martin Frejinger (teclados) e Mattias Carlsson (bateria) ressurgiram nos anos 2020 sem esquecer as raízes fincadas no período comercial e criativamente mais fértil do metal. É o que você escuta no álbum de estreia, *Kids in a Ghost Town*, lançado em 2021 e relançado no ano seguinte; o que lê neste bate-papo com Gustavsson; e o que vai ver em 26 de abril, no primeiro dia do Summer Breeze Open Air Brasil, em São Paulo.

***Kids in a Ghost Town* foi originalmente lançado em 2021, no mesmo ano em que a banda retomou as atividades. A pandemia foi um catalisador para isso?**

Tobias Gustavsson: Com certeza! Eu estava ao piano e, por alguma razão, comecei a tocar músicas dos anos 1980, e foi assim que tive a ideia de reunir a banda e gravar o disco que não tivemos a chance ou a habilidade de fazer em 1989. Liguei para os caras, perguntei o que achavam dos rascunhos que eu tinha, e eles curtiram, mas nenhum de nós tinha em mente que seria tão bem-sucedido como foi. Nossa ideia inicial era fazer umas três músicas, e foi uma ótima surpresa quando vimos que todo mundo gostou tanto! Ainda que tenha sido um período estranho de modo geral, com o isolamento e tudo mais, um dos motivos de termos conseguido fazer *Kids in a Ghost Town* foi a pandemia, então tirei algo positivo daquilo. Foi muito chato ficar o tempo todo em casa, só que consegui sentar para compor as músicas. Quando ficamos sabendo da dimensão do estrago da pandemia ao redor do mundo, a situação se tornou assustadora, mas tivemos a sorte de fazer daquele período algo produtivo e positivo, que é o álbum.

Você falou em surpresa em relação à recepção, e os videoclipes de *On the Run*, *1989* e *Tomorrow* rapidamente chegaram a marca de um milhão de visualizações, o que foi impressionante para uma banda então independente...

Tobias: Estou nesse ramo há muito tempo, mas foi uma enorme surpresa, mesmo, ainda que eu tivesse uma ponta de confiança. Sempre acreditei que se você fizer algo de coração, vai aparecer alguém que goste. No caso do Nestor, é porque a música o faz lembrar daquela energia dos anos 1980. Boa parte das bandas atuais que têm influência daquela época faz música de maneira diferente, e nós quisemos voltar no tempo para fazer um disco que, de fato, soasse como se estivéssemos na década de 1980. Fiquei surpreso, sim, só que ao mesmo tempo disse: 'Eu sabia!' (risos).

Depois de assinar com a Napalm, vocês lançaram um novo vídeo, para *Signed in Blood*, que já é meu favorito lado a lado com *Tomorrow*, mas não é irônico que uma banda como o Nestor tenha videoclipes tão bem produzidos numa era sem MTV?

Tobias: (rindo) É verdade, mas o importante para nós é fazer a rota completa dos anos 1980, e isso inclui os vídeos. Naquela época, você deve se lembrar, os videoclipes contavam uma história, e nós gostamos disso, então tínhamos de fazer desse jeito. É claro que ter um milhão de visualizações é sensacional, mas não consigo deixar de pensar naquela época, porque se nossos vídeos tivessem sido exibidos na MTV, seríamos muito maiores do que somos hoje.

De qualquer maneira, com a nova edição *Kids in a Ghost Town*, agora por uma gravadora, acredito que o Nestor pode atingir um público maior...

Tobias: E diferentes gravadoras mostraram interesse em relançar o disco. Conversamos com algumas, mas eu já conhecia o Thomas Caser (N.R.: CEO da Napalm Records), e ele entrou em contato

com nosso empresário dizendo que estava interessado em trabalhar conosco. Apesar de o catálogo deles ser de bandas mais pesadas, a conversa mostrou que parecia ser o selo certo para nós. O álbum já havia saído quando acertamos tudo, e eles falaram que deveríamos gravar um novo, só que eu disse que ainda precisávamos fazer a turnê de verão com o que já havíamos gravado. Foi aí que decidimos pela edição deluxe, e acredito que foi uma escolha inteligente adicionar algumas novas músicas a ele. Não tínhamos um distribuidor quando lançamos o disco por nossa conta, então, ainda que tivéssemos recebido boas resenhas, muita gente tinha dificuldade de comprar o CD. Muitos fãs no Brasil, por exemplo, nos escreviam perguntando como e onde conseguiriam comprá-lo, e agora isso ficou muito mais fácil.

São três faixas bônus na nova edição, e *Signed in Blood* e *A Losing Game* são tão boas quanto as músicas mais antigas, digamos assim. A surpresa é mesmo o cover para *I Wanna Dance With Somebody*, eternizada por Whitney Houston. Quem teve a ideia?

Tobias: Foi o Jonny, só que antes disso nós já havíamos decidido, por estarmos em turnê, tocando direto, que seria bom termos um cover quando fôssemos compor alguma coisa música para a versão deluxe. Pensamos em algumas músicas e decidimos que, se iríamos fazer o cover ao modo Nestor, teria que ser uma que chamasse a atenção. Seria muito fácil gravar *A Million to One*, do KISS, ou alguma música do Europe, mas pensamos: 'E se fizéssemos um cover de Tina Turner ou algo dos anos 1980 nessa linha'?, e foi quando Jonny mencionou *I Wanna Dance With Somebody*, então começamos a trabalhar imediatamente nela. É uma grande música, um mega hit!

Outra sacada que chamou a atenção foi a participação da Samantha Fox em *Tomorrow*, mais um belo ingrediente para quem viveu aquela época...

Tobias: Quando compus essa música, senti imediatamente que precisaria ser um dueto, então comecei a pensar em potenciais parcerias. Inicialmente, pensei na Lita Ford e cheguei a tentar contato com ela, mas foi no meio da pandemia, tudo estava difícil, e não obtive resposta. Um dia, quando estava em casa tentando visualizar mentalmente como era o meu quarto quando eu morava com os meus pais, quais pôsteres eu tinha nas paredes, lembrei que havia da Sharon Stone e da Demi Moore, de Van Halen, Mötley Crüe e KISS, da Samantha Fox... E aí veio o estalo: 'Cara, a Samantha Fox! Isso seria o máximo!' (risos). Ela pode não ter sido a pessoa mais popular, artisticamente falando, mas é uma parte indelével dos anos 1980. Procurei o contato no Google e mandei e-mail para o empresário perguntando se ela teria interesse em participar de uma música do nosso disco, ele perguntou se já tínhamos a canção, e eu a mandei. Dois dias depois, a própria Samantha respondeu dizendo que havia adorado *Tomorrow* e que, sim, participaria. Foi muito legal!

A propósito, e não que eu esteja reclamando, mas por que 'olhos como os de Demi Moore, e corpo como o da Sharon Stone' (N.R.: frase da letra de *Perfect 10 (Eyes Like Demi Moore)*, uma das músicas do disco)?

Tobias: (rindo bastante) Se você visse as notas no meu software de composição, encontraria uma lista de nomes como Kelly Preston, Daryl Hannah, Meg Ryan, Christina Applegate, Elisabeth Shue... Enfim, uma lista imensa de nomes que, no fim das contas, precisam encaixar na letra. A sonoridade do nome precisa encaixar naturalmente na letra, então Sharon Stone e Demi Moore funcionavam bem, além do fato de que eu tinha um crush imenso na Demi quando era adolescente (gargalhadas).

(No hard rock dos anos 1980) havia muitas harmonias, muitas melodias, e isso meio que se perdeu um pouco na década de 1990 e mais ainda nos anos 2000.

A faixa *1989*, aliás, me parece muito mais do que apenas uma referência ao ano em que vocês começaram a tocar juntos.

Tobias: Exatamente! Começamos como banda em 1989, e Jonny e eu compusemos essa música pensando em também dar seu o nome ao disco, mas havia muitos outros álbuns com esse título. Naquela época, nós tínhamos 15, 16 anos, e 1989 marcou as nossas últimas férias de verão como adolescentes sem responsabilidades, fazendo o que quiséssemos. Ou seja, antes de entrarmos na vida adulta.

Outra curiosidade minha: alguém já disse a você que a ponte de *1989*, bem antes de entrar o refrão, lembra bastante *I'll Fight Hell to Hold You*, do KISS?

Tobias: Sim, muita gente falou isso, e faz todo sentido, afinal, é a minha canção favorita do *Crazy Nights* (1987) (risos). Há muitas referências nas nossas músicas que são nossa homenagem a bandas como KISS, Bon Jovi e Van Halen. Enquanto compúnhamos *1989*, nos demos conta dessa semelhança, mas decidimos deixar assim mesmo. Se os caras dos KISS reclamassem, mudaríamos, só que chegamos a abrir shows do KISS, e nem sei se eles escutaram essa música. Mas é a nossa homenagem a uma das bandas importantes para nós.

De volta ao ano de 1989, já era o início do fim, por assim dizer. Poucos anos depois, o grunge explodiu, e o mercado relegou o hard rock e o heavy metal a um lugar de pouquíssimo destaque...

Tobias: Por um lado, foi meio triste, porque gostávamos dos anos 1980 por todas as bandas que mencionei antes. Por outro, nos adaptamos bem rápido. Por exemplo, quando o Alice in Chains lançou o *Dirt* (1992), eu fiquei vidrado naquele disco, então o passo para Pearl Jam e Soundgarden não foi tão drástico. Eu meio que abracei a causa, embora tivesse minhas raízes na década anterior. Quando decidimos voltar no tempo e fazer o disco que não havíamos tido a chance de fazer, era óbvio que voltaríamos para os anos 1980, porque é quando fomos criados. Eu não odeio a era grunge, ainda que prefira a década de 1980.

Hoje, temos muitas bandas, principalmente na Europa, revisitando o hard rock dos anos 1980, e algumas delas têm membros que eram apenas crianças naquela época. Como você explicaria isso?

Tobias: O lema da música daquela época, e não importa se pop ou hard rock, porque são basicamente as mesmas músicas com roupas diferentes, era 'quanto mais, melhor'. Havia muitas harmonias, muitas melodias, e isso meio que se perdeu um pouco na década de 1990 e mais ainda nos anos 2000, então creio que é isso que faz com que as pessoas amem as produções dos anos 1980. Os refrãos são enormes, os riffs de guitarra não tiram o brilho dos refrãos, e as melodias e harmonias se completam.

Obrigado pelo papo, Tobias, e o espaço final é todo seu.

Tobias: Desde que voltamos, sempre dissemos que adoraríamos tocar na América do Sul. Estivemos no Monsters of Rock Cruise em 2022 e paramos no México por algumas horas, mas ficávamos dizemos o quanto gostaríamos de ir também à América do Sul, especialmente ao Brasil, porque sabemos que temos muitos fãs aí. Cara, nós nos apresentamos aqui na Suécia, e fãs brasileiros vieram assistir ao show! É incrível. Fico muito feliz pelo apoio de vocês! Fiquem bem e 'stay metal', porque nos veremos em breve!

Clube de Revistas

WITHIN TEMPTATION

LIBERDADE A PREÇO DE SANGUE

Confirmados no Summer Breeze Open Air Brasil 2024, holandeses promovem *Bleed Out*

Por Gustavo Maiato

Desejo de reinvenção, olhar atento para as novas tendências do heavy metal e, acima de tudo, vontade de cantar sobre os problemas sociais atuais – como a Guerra da Ucrânia e o preço a ser pago por nossa própria liberdade. Esses foram os ingredientes por trás de *Bleed Out*, oitavo álbum da carreira dos holandeses do Within Temptation. Em conversa com a ROADIE CREW, a vocalista Sharon den Adel contou sobre essa motivação política que cresceu no grupo e convidou os fãs para o Summer Breeze Brasil, que marcará o retorno do sexteto ao país após quase dez anos.

Como a banda decidiu o tema das letras do *Bleed Out*?

Sharon den Adel: Foi um processo bem intenso. Antes de começarmos a escrever as músicas para *Bleed Out*, no final de 2019 estávamos refletindo: 'OK, precisamos compor novas faixas.' Lembro que tínhamos duas semanas que resolvemos dedicar a compor. Eu e o guitarrista Robert Westerholt criamos algumas coisas e a ideia era escrever músicas novas já pensando na turnê World's Collide, que faríamos junto com o Evanescence. O problema é que a turnê foi adiada por causa da pandemia. Na verdade, foi adiada vária vezes! Como nosso álbum anterior já havia sido lançado há quase um ano naquela época, seria legal ter material novo para apresentar durante os shows da tour. Durante esse tempo, quando a pandemia começou, passamos a conversar muito sobre assuntos da sociedade, coisas que achávamos importantes. Mas isso mudou drasticamente, para ser honesta, por causa do início da guerra da Ucrânia e da Rússia. O que também nos afetou foram os eventos no Irã com a morte da manifestante Mahsa Amini. Essas coisas realmente nos inspiraram a escrever sobre os temas que estamos abordando neste álbum. O disco trata da guerra e da luta pela liberdade, isso tudo pensando também dentro da religião. Um caso interessante foi a música *Don't Pray for Me*. Ela foi composta porque me pediram para escrever um ensaio para uma revista na Inglaterra para o Dia Internacional da Mulher. Escolhi o tema do aborto, pois ainda não havia sido abordado e achei que deveríamos falar sobre isso. É um tema grande, um tópico fundamental para muitas mulheres, e eu estava curiosa para saber como são os direitos das mulheres na Europa em comparação com o resto do mundo, especialmente dentro da própria Europa. Descobri que estávamos muito divididos. Por exemplo, na Polônia existe uma lei que proíbe dar educação sexual nas escolas e também proíbe qualquer tipo de aborto, mesmo em casos de estupro, incesto ou quando a criança pode não ser totalmente saudável. Já aqui na Holanda as leis são muito diferentes, com um período específico em que se pode decidir sobre o aborto. Foi um choque para mim descobrir essas diferenças mesmo dentro da Europa.

BLEED OUT
Force Music Recordings - Imp.

Como avalia o som do novo álbum em comparação com os anteriores? As guitarras estão mais pesadas! De onde tiraram inspiração para essa direção?

Sharon: Fomos inspirados por muitas coisas. Nós, enquanto banda, temos tendência de ficar facilmente entediados com o som que fazemos. Ou seja, quando compomos um novo disco, queremos fazer algo inédito e nos inspirar explorando a internet e as plataformas de streaming, ouvindo outras bandas. Não é que queiramos ser uma banda diferente, mas queremos testar nossos limites. Até onde podemos ir e ainda parecer com o Within Temptation? Acho que nos reinventamos com este álbum. Quando você ouve nosso primeiro trabalho, *Enter* (1997), e viaja para os dias de hoje, quase não dá para comparar. Por outro lado, nosso DNA ainda está presente. Continuamos amando as guitarras pesadas, a escuridão e a melancolia. Adoramos também a influência de música clássica, embora talvez isso apareça um pouco menos neste disco do que nos anteriores. Acho que temos um certo DNA que as pessoas ainda podem ouvir e relacionar com o Within Temptation, mas de uma forma nova.

O Within Temptation é tradicionalmente associado ao estilo metal sinfônico. O que acha da cena atual desse gênero?

Sharon: Para ser honesta, eu não ouço metal sinfônico. Gosto da melancolia e isso é o principal, sabe? Nós gostamos dos elementos sinfônicos, mas nunca ouvimos muito esse tipo de som, na verdade. Agora, quando você acrescenta esse ingrediente orquestral, isso eleva as músicas para um nível diferente. Lembro que o Metallica fez isso no passado e foi tipo: 'Meu Deus!' Nós sempre tivemos elementos de música sinfônica e foi muito legal quando começamos a fazer isso com uma orquestra de verdade. Lá atrás, fizemos *Mother Earth* (2000), que não foi com uma orquestra real, eram sons simulados no teclado. Depois, com *The Silent Force* (2004) e *The Heart of Everything* (2007), tivemos muita sorte de ter uma gravadora que quis embarcar em projetos

tão caros. Valeu a pena porque as pessoas realmente sentiram que era um acréscimo ao som que estávamos tentando criar. Então, acho que foi mais isso: não éramos ouvintes de bandas de metal sinfônico, porque eu não acho que metal sinfônico seja realmente um gênero em si, é apenas fazer sua música com uma orquestra sinfônica.

***Worth Dying For* é um tema rápido e enérgico. Você pode compartilhar o processo de composição desta música?**

Sharon: Essa é provavelmente a única música do novo disco que realmente soa como o Within Temptation antigo. É como um cruzamento entre o novo e o antigo sons do Within Temptation. É a única música com solos de guitarra também, então se você gosta de solos de guitarra e de guitarristas, certamente vai curtir essa. Eu amo solos de guitarra! Só que acho legal não colocar solos em todos os lugares, em todas as músicas. Gosto da diversidade entre as músicas. Esta é uma típica música do Within Temptation, eu acho, mas combinando os estilos antigo e novo.

Outra da qual as pessoas estão falando muito é *Ritual*. Ela foi inspirada no filme 'Um Drink no Inferno', certo?

Sharon: Sim, eu amo esse filme! Adoro o roteiro do Quentin Tarantino e a direção do Robert Rodriguez. Eu realmente amo esse tipo de filme. Sempre há um certo elemento surpresa e acho que acontece o mesmo com *Ritual*. As pessoas nunca esperariam que escrevêssemos uma música assim, porque ela lida com a sensualidade da mulher, mas também com a dominação sexual, de certa forma. É uma composição bem sensual. E, é claro, no clipe fizemos algumas coisas exageradas, projetando como os homens podem ser em relação às mulheres. Lógico que nem todos os homens são assim, mas é bom sermos exagerados em um ponto de vista no vídeo. Isso faz as pessoas falarem sobre o clipe. Ele foi feito com tecnologia de inteligência artificial, que também é algo muito controverso. Essa música foi bem maluca para nós! Estávamos apenas nos divertindo na hora de compor, porque não é como uma composição séria.

No álbum *Mother Earth*, a banda tocou no tema da proteção ao meio ambiente. Você acha que a semente do atual interesse pela política já foi plantada naquela época?

Sharon: Talvez tenha havido um pouco de política lá atrás, sim. Acho que aquele disco falava de política principalmente na música *Deceiver of Fools*. Ela é realmente sobre isso, sobre um líder carismático que entra na política e engana as pessoas porque elas querem ouvir o que desejam. O problema é que isso acontece novamente hoje em dia. Ao longo do tempo, houve muitos líderes que convenceram as pessoas a votarem neles. As pessoas acreditam neles e votam baseadas no que sentem, mas acabam sendo enganadas porque era apenas um charlatão.

Divulgação

NÓS GOSTAMOS DOS ELEMENTOS SINFÔNICOS, MAS NUNCA OUVIMOS MUITO ESSE TIPO DE SOM, NA VERDADE

Clube de Revistas

Divulgação

Mike Coolen, Ruud Adrianus Jolie, Martijn Westerholt, Sharon den Adel, Stefan Helleblad e Jeroen van Veen cada vez mais melódicos e melancólicos

Há muitos líderes agora que não acredito que tenham boas intenções e estão principalmente atuando para seu próprio bem. E não que eu seja cínica, porque acredito que há muitas pessoas boas também, mas é preciso refletir sobre a forma como eles persuadem as pessoas a acreditarem neles, contando mentiras e não se apegando à verdade. Acho que nos últimos dez ou quinze anos as pessoas passaram a realmente mentir mais sobre os oponentes nas disputas políticas, e acho que isso deveria ser proibido, porque as pessoas tendem a acreditar naquilo que os outros dizem quando estão em uma certa posição. O discurso deveria ser baseado na verdade e apoiado por fatos, e não apenas difamando outra pessoa. Acho que também a música *Mother Earth* realmente conta uma história sobre a natureza. Como você sabe, naquela época tivemos muitas inundações e o derretimento do gelo. Isso tudo já estava lá. Lembro-me de quando eu tinha 13 ou 14 anos e ouvi as primeiras histórias sobre esses problemas. Ouvi que o ambiente precisava mudar, que precisávamos mudar a forma como vivíamos e coisas assim. Porém, depois de tantos anos, acho que as coisas não mudaram, só pioraram.

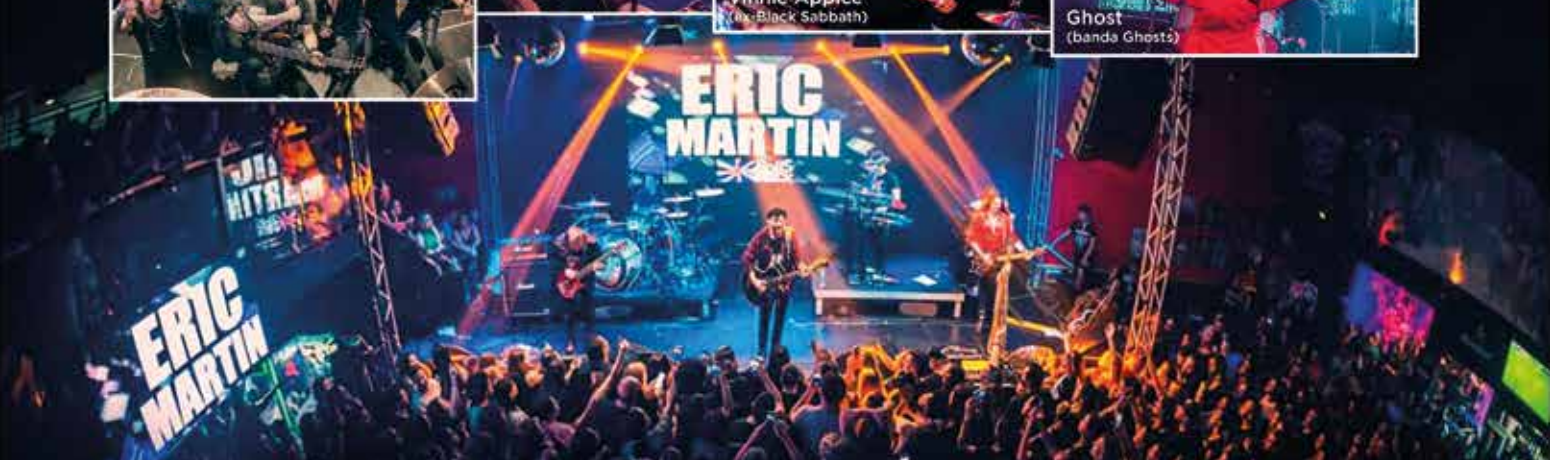
Qual foi a música mais desafiadora de finalizar? Houve algum bloqueio criativo durante o processo?

Sharon: Devo dizer que este álbum provavelmente foi o mais fácil que já escrevemos até agora, porque aconteceu muito naturalmente. Todos os temas eram tão importantes para nós e a música veio por si só. Acho que a única que foi mais desafiadora, se é que houve uma, foi *Bleed Out*, porque é um tipo de música totalmente diferente e que escrevemos para nós mesmos. *Shed My Skin* também, porque tentamos muitas coisas tecnicamente novas e também mudamos de guitarras de seis e sete cordas para uma de oito cordas. Incorporamos breakdowns e todas essas coisas novas. A maneira que cantei em *Bleed Out* também foi bastante diferente. Foi uma aventura agradável, sabe, tentar coisas novas. Mas, ainda assim, veio muito fácil, na minha opinião, para algo que não estávamos tão conscientes ainda. Sabíamos que tipo de história queríamos contar, que tipo de emoção era necessária, e isso ajuda muito.

O que os fãs podem esperar do show no Summer Breeze Open Air Brasil? Existem músicas que não podem ser deixadas de fora?

Sharon: Talvez possamos fazer uma enquete! Estou curiosa sobre quais músicas do novo álbum os fãs gostariam de ouvir e quais antigas eles acham que deveríamos tocar. Talvez uma mistura entre as antigas e as novas, é provável que seja o que aconteça de qualquer forma. Já se passaram quase dez anos desde a última vez, acho que foi em 2014 ou 2015 que passamos pela América do Sul. E é tempo demais, estou muito feliz por estarmos voltando! Apesar do meu medo de voar! Sabe, não me importo com voos curtos, mas os voos longos, meu Deus! Morro mil vezes quando entro em um avião para esse tipo de viagem. Essa é a única razão pela qual ficamos tanto tempo afastados, porque tenho medo de voar longas distâncias. E na última vez que vim para a América do Sul tivemos voos terríveis. O avião foi atingido por um raio, tivemos várias coisas acontecendo. Então, essa foi a razão para eu não voltar tão rapidamente, porque estava com um pouco de medo disso ainda. Mas estou feliz por termos decidido ir desta vez, porque já passou tempo demais. Amamos todos os países da América do Sul, como Brasil e Argentina. É tudo tão bonito e é uma parte tão linda do mundo que aproveitamos muito durante a turnê. É uma parte do mundo que gostamos muito de visitar. Também gostamos de ver a paixão de vocês pela música, que é como em nenhum outro lugar na minha opinião. Então, é um prazer voltar!

Clube de Revistas



SANTO ROCK BAR localizado em Santo André em São Paulo hoje é considerado um dos maiores bares do Brasil no seguimento. Fundado em 2016 e desde 2022 em novo local, tem recebido grandes nomes do Rock nacional, internacional, os melhores cover do Brasil e até covers estrangeiros.

Com ótima estrutura de palco, som e luz, além do ambiente todo **ROCK 'N ROLL** tem feito a diferença na cena do Rock no ABC Paulista e grande São Paulo.

E vem novidades por aí no dia 28 de abril recebem a banda americana **THE CALLING** e 19 de maio os alemães do **ACCEPT**. Então para curtir os melhores covers e os melhores shows de Rock em São Paulo com certeza o Santo Rock Bar é o lugar certo.

Toda a agenda da casa está no site www.SantoRockBar.com.br ou vocês podem conferir também pelo Instagram @SantoRockBar. A casa também faz lives de diversos shows no canal do YouTube.com/SantoRockBarTV então já se inscreva lá também.

19.05.2024
(DOMINGO) - SANTO ROCK
Av. Firestone, 1340 - Casa Branca - Santo André
INGRESSOS: www.clubedoingresso.com

Clube de Revistas

Marek Sabogal

THE 69 EYES

OS MUITOS CAMINHOS DA MÚSICA GÓTICA

Vampiros de Helsinque se apresentarão no Summer Breeze Open Air Brasil no dia 26 de abril

Por Valtemir Amler

À noite, quando o sol deixa de brilhar e a lua brilha soberana nos céus, os lendários góticos finlandeses do The 69 Eyes preparam sua celebração da morte, vestem suas jaquetas pretas como a noite, põem os óculos escuros (afinal, escuridão nunca parece ser o bastante para esses caras) e orgulhosamente ostentam delineador preto nos lábios para assim se tornarem um com as almas sôfregas que vagueiam nas gélidas noites do Hemisfério Norte. E essa não é uma tradição nova para o grupo que desde o seu nascimento em 1989 na capital finlandesa Helsinque faz questão de evidenciar seu papel de astros maiores da cena dark finlandesa. Porém, a banda sempre liderada pelo icônico vocalista Jirky 69 nunca se manteve presa apenas e tão somente à fórmula musical do deathrock e do post-punk, que apesar de sempre serem a base, também sempre dividiram os holofotes com boas doses rítmicas advindas do hard rock clássico, do glam rock, do punk e até do heavy metal, formando um caldeirão sonoro único e de fácil assimilação, um dos segredos para o sucesso da banda ao longo de suas mais de três décadas de estrada. Após um início de jornada discreto em 1992 com *Bump 'n' Grind*, Jirky e seus comparsas seguiram refinando sua arte mórbida com novos álbuns que cada vez atraíam um público maior, culminando com *Paris Kills* (2002), disco que os colocou entre os grandes da música gótica. Hoje, com treze álbuns lançados e três décadas de jornada, eles se mostram extremamente vigorosos em *Death of Darkness* (2023), sua mais recente oferta de estúdio.

A primeira coisa que gostaria de dizer é que, ao ouvir *Death Of Darkness* pela primeira vez, é fácil perceber que vocês procuraram incorporar o máximo de elementos em cada canção. Pelo que ouvi, trabalharam de uma maneira um tanto diferente nele, em um ritmo não tão próximo do usual.

Jyrki 69: Sim, muito obrigado! Eu estava pensando nisso há algumas semanas. Hoje em dia, qualquer artista que vive da sua própria música e que conta com uma boa audiência, ou seja, aqueles que ouvimos quando ligamos o rádio ou a TV, a música que domina os charts e os lares no Ocidente, esses artistas estão apenas lançando canções! Quer dizer, é uma música aqui, outra ali, outra daqui a alguns meses, não existe uma preocupação em criar algo coeso. Tudo o que interessa para os gigantes do entretenimento é lançar hits, canções que são criadas não para fazerem parte de um álbum, mas para integrar uma playlist. Então, eles vão lançando um novo hit a cada mês ou meses, e no final pegam esses hits e mais algumas canções aleatórias, juntam tudo no mesmo pacote e lançam como um álbum. Não existe a preocupação de criar um todo coeso, pois eles sequer cogitam que alguém realmen-

te vai colocar o CD para rolar, sentar e ouvi-lo do começo ao fim. Eles compram um souvenir para colocar na estante, não um disco que vão ouvir, entende? É meio que ao contrário do que fazíamos antes. Até os anos 90, você lançava uma ou duas músicas como singles, as pessoas ouviam aquilo como um aperitivo e um mês depois compravam o álbum que, sim, iria ser ouvido do começo ao fim com atenção, muitas e muitas vezes, até virar do avesso (risos). A forma como a música é oferecida e é consumida hoje é totalmente diferente, e eu fico muito feliz em não precisar ser parte disso! Quando você vai lançando várias músicas sem preocupação com a coesão disco, tudo soa igual, não é necessário nenhum cuidado ou dedicação extra para que uma música seja diferente da outra, complementar à outra, não existe algo como 'vamos colocar um esforço extra nessa música, pois ela vai fechar o álbum e queremos que a pessoa fique com ela na cabeça', nada disso.

Mas vocês acabaram precisando fazer alguns ajustes para lidar com o momento atual, certo?

Jyrki 69: Sim, porque por um lado também seria muito frustrante se você passasse dois anos compondo para um álbum, mais outro ano gravando, masterizando e mixando para então lançar o álbum e descobrir que ninguém o está ouvindo de verdade, apenas duas ou três músicas são tocadas e pronto, a pessoa muda para outra coisa. A verdade é que as pessoas hoje não têm mais tempo ou paciência para ouvir um álbum completo como fazíamos, então, como músicos e compositores, precisávamos encontrar uma maneira de lidar com isso. O que fizemos foi basicamente lançar canção por canção, como se cada uma delas fosse um single, ou um hit, como preferir. Começamos a fazer isso cerca de um ano atrás, cada mês íamos liberando uma canção, e tínhamos a vantagem de receber respostas imediatas, sabíamos a reação dos fãs instantaneamente, e isso acabou sendo muito divertido! Aproveitamos muito esse tempo, vendo como nossas canções eram recebidas pelo público, e ao mesmo tempo estávamos preparando uma nova canção que apareceria depois, então foi muito legal, pois sempre tinha algo novo rolando, nunca ficava cansativo, e uma canção nunca soava datada para nós até que finalmente fosse lançada para os fãs.

Quer dizer, vocês encontraram uma maneira de extrair o melhor da situação atual.

Jyrki 69: Acho que sim, ou ao menos extrair aquilo que fazia mais sentido para nós e que nos deixava mais empolgados com o que estávamos fazendo.

Lembra um pouco o que fizeram há mais de vinte anos, com *Gothic Girl*.

Jyrki 69: Sim, muito bem lembrado. Lembro que naquela época lançamos *Gothic Girl* como single na internet e de repente aquela canção começou a ser fortemente impulsionada e passou a tocar muito em programas de rádio aqui na Finlândia, e depois no resto do mundo também, virando Disco de Ouro. E tudo isso aconteceu enquanto ainda estávamos em estúdio, trabalhando no que viria a ser *Blessed Be* (N.R.: álbum que contém *Gothic Girl*, lançado no ano 2000). Também fizemos algo assim no álbum seguinte, pois ainda estávamos trabalhando em *Paris Kills* quando lançamos o single *Dance d'Amour*, que também virou Disco de Ouro. Em ambos os casos, começamos a receber um feedback positivo meses antes de terminarmos de trabalhar nos respectivos álbuns, então existia uma ansiedade dos fãs que era convertida em energia e em pressão positiva no nosso processo de composição, que resultou em dois dos nossos álbuns mais louvados pelos fãs. Quer dizer, o que estamos fazendo hoje não é nada realmente novo para nós, mas apenas uma experiência em uma escala muito maior do que havíamos tentado antes.

DEATH OF DARKNESS
Atomic Fire - Imp.

Do ponto de vista da banda, você ainda acha importante ter álbuns sendo lançados?

Jyrki 69: Sim, no sentido que é bom ter as suas músicas organizadas em algum lugar, e não apenas espalhadas por todas as partes (risos). É legal ter um álbum para perceber o que é parte de cada época, e é isso, basicamente. Lembro que quando começamos a pensar no lançamento deste disco, disse à gravadora para apenas divulgá-lo como 'o mais novo álbum do The 69 Eyes'. Nada de colocar um número nele, essa é a pior maneira possível de divulgar um novo trabalho.

Como assim?

Jyrki 69: Bem, imagina que você está em um clube gótico, se aproxima do balcão para pedir uma bebida, e então uma garota linda vê o seu visual e pergunta: 'Ei, por acaso você faz parte de uma banda?' E daí você responde: 'Sim, minha banda está lançando seu 13º. álbum, você gostaria de ver nosso show um dia desses?' Depois de você deixar claro que é mais velho do que o próprio Drácula, qual é a chance de essa conversa render? (risos gerais). A pessoa fica até desencorajada de tentar contato com uma banda tão antiga, com tantos discos, é como assumir um compromisso grande demais. Diga para a garota apenas: 'Sim, acabamos de lançar um novo single, que estará no nosso álbum.' Pronto, simples. Mantenha as coisas interessantes e breves, se a pessoa se interessar pelo que ouvir, ela mesma procurará por todo o resto.

É uma linha de pensamento bem diferente do usual, mas confesso que faz sentido.

Jyrki 69: Uma banda não é um laboratório farmacêutico, não precisamos dizer que estamos há séculos no mercado para evocar uma sensação de confiança. As pessoas só querem se divertir nos nossos shows, não ser esmagados por nosso catálogo (risos). Muitas bandas ficam tão lisonjeadas com seu tempo de atividade que se esquecem do básico, que é fazer com que as pessoas se divirtam. Se você está curtindo nossa música, pouco interessa se este é nosso álbum número sete, quinze ou o primeiro, você vai apenas curtir, e é isso que sempre quisemos.

Para encerrar, o que tem achado desse ressurgimento do gótico nos últimos anos?

Jyrki 69: Como parte diretamente interessada nisso, tenho amado cada segundo disso (risos gerais). Acho que é a forma como as coisas acontecem no mundo. Veja, alguns anos atrás todos estavam olhando para os anos 80 como se fosse uma caixa de brinquedos. Acho que o tempo que estamos vivendo é tão fodido que temos que olhar para os anos 80 para encontrar um brinquedo melhor, e lá estão os melhores filmes, o post-punk, a synthwave e tudo o mais. Hoje, estamos olhando de volta para os anos 90, quando o gótico realmente explodiu no mundo. Gosto disso, é bom que as pessoas consigam mudar seu olhar para uma direção mais positiva, para algo melhor.

Clube de Revistas

PARTE 4

Nightwish

ASCENSÃO, CONSAGRAÇÃO E MUDANÇAS

Once chegou às lojas em 2004 e transformou o Nightwish em fenômeno. O caminho dos finlandeses, entretanto, seria alterado com a repentina demissão de Tarja Turunen. Em seu lugar, a sueca Anette Olzon mostrou a que veio com _Dark Passion Play_ (2007) e _Imaginaerum_ (2011)

Por Gustavo Maiato

O ano de 2004 começou para o Nightwish com um ponto de interrogação pairando no ar. Afinal, o quinteto precisava encontrar uma nova gravadora. A demo de *Once* já estava ganhando forma nas mãos e mente de Tuomas Holopainen quando a parceria com a Nuclear Blast foi firmada. De casa nova e surfando o bom momento que *Century Child* (2002) trouxe, a aposta foi basicamente expandir a sonoridade calcada no metal sinfônico. Na biografia "Nightwish - A biografia oficial", lançada pela EV7, Tuomas relembrou os preparativos para o que viria a ser a consagração mundial da banda. "Pela primeira vez senti que aquele era nosso melhor material até o momento. Era uma experiência completamente nova, se sentir seguro de si. Tive que fazer o resto da banda ouvir os corais e a orquestra para convencê-los que aquilo iria soar bem no final", disse.

A concepção de *Once*

Lançado no dia 7 de junho, *Once* surgiu ancorado por dois megahits: *Nemo* e *Wish I Had an Angel* (que também foram singles). As músicas ganharam videoclipes na MTV e apresentaram ao público a dobradinha Tarja Turunen e Marko Hietala como rostos principais da banda. O que pouca gente sabe é que não foi fácil para Tuomas vencer o bloqueio criativo que o impedia de compor os primeiros acordes. "Não conseguia extrair nada de mim, e tudo o que eu escrevia soava como lixo. Mas então eu tive a ideia de fazer uma música sobre a forma com que eu estava me sentindo". Assim surgiu *Dead Gardens*, ironicamente uma das mais fracas do disco. Tarja Turunen lembra com carinho do álbum que considera o melhor de sua passagem pela banda: "Tenho boas memórias de receber as demos. Realmente fiquei surpresa positivamente. Senti que havia muita luz ali. Me parecia a coisa certa a fazer".

Fotos: Divulgação

A sueca Anette Olzon cumpriu o dever de substituir Tarja Turunen e imprimiu seu próprio estilo

No que diz respeito aos créditos das composições, todas as letras e músicas foram assinadas por Tuomas, com exceção da oriental *The Siren* (coescrita pelo guitarrista Emppu Vuorinen), *Romanticide* e *Higher Than Hope* (assinadas em conjunto com o baixista Marko Hietala). Uma curiosidade foi a participação do indígena americano JohnTwo-Hawks, que emprestou sua voz e flautas para a épica *Creek Mary's Blood*, e a volta de uma canção em finlandês (*Kuolema Tekee Taiteilijan*) no repertório. Em *Higher than Hope*, que fecha o álbum, a voz do saudoso Marc Brueland, amigo pessoal de Tuomas que havia falecido de câncer, aparece narrando frases sobre a passagem do tempo e como nos relacionamos com isso.

A expansão do repertório

Marko conta como surgiu a ideia de *Higher than Hope*: "Estava brincando com melodias vocais e harmonias, riffs de guitarra e outras coisas, e pouco tempo depois tinha uma música. Não tinha certeza se seria boa para o Nightwish, mas ela me atingiu muito fortemente", resumiu. Já *Dark Chest of Wanders*, que se tornou talvez a maior queridinha do disco entre os fãs, num primeiro momento não foi muito bem recebida pelo círculo interno da banda. Tero Kinnunen, que assina a produção com Tuomas, disse: "Não conseguia sentir o poder dessa música. Ela mudou radicalmente ao longo do processo. Eu a odiava e sugeri que fosse deixada de fora. Parecia confusa, mas depois percebi que era tão boa que devia ser a faixa de abertura."

Wish I Had an Angel, hit direto ao ponto com forte destaque para os riffs pesados de Emppu Vuorinen, nasceu de uma decepção de Tuomas com sua vida amorosa na época: "Estava num bar com minha namorada na época e vários caras estavam dando em cima dela. Até mesmo pessoas que eu conhecia. Caras que sabiam que estávamos namorando. Estava rolando alguma batida na pista de dança e a música simplesmente bateu na minha cabeça. A batida dance transmite o contexto da música", explicou.

A canção mais pretensiosa do novo repertório, no entanto, foi *Ghost Love Score*. Com dez minutos em que corais se revezam com o lírico de Tarja e com direito até mesmo a tempo quebrado na bateria, o épico sobre uma paixão não correspondida repleto de alusões aos oceanos atingiu o patamar que poucas canções da banda conquistaram. Entre

Clube de Revistas

as músicas mais longas, está pau a pau com outros hits como *The Poet and the Pendulum* e *Beauty of the Beast*.

Videoclipes e turnê

O videoclipe de *Nemo* mostra Tarja com seu vestido vermelho - que acabou sendo utilizado também durante o DVD *End of an Era*. As cenas intercalam os integrantes da banda executando seus instrumentos com imagens de uma figura feminina abraçada pelas sombras numa agonia gelada em meio à tempestade de neve. Não era raro ver a produção encabeçando listas diárias de "melhores clipes" da MTV, desbancando gente grande como Avril Lavigne e Linkin Park. *Wish I Had an Angel*, por sua vez, ganhou uma produção com cenas mescladas da banda atuando com outras retiradas do filme "Alone in the Dark", que saiu em 2005 e foi dirigido por Uwe Boll. Uma das imagens mais impactantes trazia Marko com suas caras e bocas cantando o refrão enquanto criaturas bizarras quadrúpedes oriundas do filme passavam pela tela.

Com a enorme popularidade do Nightwish, não tardaria para que o grupo revisitasse o solo nacional com a "Once Upon a Tour". Os shows ocorreram entre novembro e dezembro de 2004 nas cidades de Campinas, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belo Horizonte e São Paulo. A perna latina contou também com visitas a Colômbia, Equador, Argentina e México. O repertório trazia aproximadamente cinco faixas de Once para a versão ao vivo: *Dark Chest of Wonders*, *Planet Hell*, *Nemo*, *Ghost Love Score* e *Wish I Had an Angel*.

O fim de uma era

Quem olhava de fora via o Nightwish no seu esplendor, mas por dentro as divisões internas corroíam demais, a ponto de a corrente se quebrar. O principal alvo de disputa era o gerenciamento da banda. De um lado, Ewo Pohjola era o empresário dos finlandeses. Só que Tarja tinha na figura de seu marido Marcelo Cabuli uma espécie de empresariamento próprio. Essa tensão gerou enormes conflitos de interesse e a crescente e constante falta de comunicação interna fazia qualquer estalinho virar uma explosão nuclear. Ironicamente, os planos naquela altura incluíam conceber um DVD. O título escolhido? *End of An Era*. Ou "o fim de uma era", em português. Essa era, com Tarja sendo o rosto principal, chegaria ao fim muito em breve. Pouco antes do fatídico show em Helsinque em que Tuomas e companhia entregariam uma carta aberta comunicando a demissão, os finlandeses retornariam ao Brasil para duas datas em outubro de 2005 no festival Live N' Louder, que ocorreu em São Paulo e Porto Alegre.

O show de Helsinque foi na imponente Hartwall Arena e contou com a participação de John Two-Hawks em *Creek Mary's Blood*. Tarja não poupou esforços e trouxe diversos figurinos para engrandecer a noite. A decisão sobre sua demissão já estava tomada e após os cumprimentos no término da apresentação, o grupo entregou a carta e pediu que a cantora lesse apenas na manhã seguinte. A decisão de divulgar seu teor para o mundo até hoje é questionada por muitos fãs, que entenderam o gesto como uma exposição desnecessária.

A formação que durou dois álbuns Marko Hietala, Emppu Vuorinen, Anette Olzon, Tuomas Holopainen e Jukka Nevalainen

Os trechos mais impactantes e reveladores da carta mostram os motivos para sua saída forçada: "O Nightwish é um estilo de vida e certamente não vamos abrir mão disto. Igualmente certo é o fato de que não podemos continuar mais com você e Marcelo (marido da vocalista). Durante o último ano, aconteceu algo triste que não sai da minha cabeça, todos os dias, noite e dia. Sua atitude e seu comportamento não combinam mais com o Nightwish. Jamais pensei que veria minha velha amiga agindo assim. Pessoas que passam um ano sem conversar entre si não podem fazer parte da mesma banda. A satisfação pessoal deve sempre ser mais importante que o dinheiro! Nightwish é uma banda, é emoção. Para você, infelizmente, o negócio, o dinheiro e coisas que não têm nada a ver com essas emoções tornaram-se mais importantes. Essa sua atitude ficou muito clara quando você me disse duas coisas naquele voo até Toronto: 'Não preciso mais do Nightwish' e 'Lembre-se, Tuomas, eu posso sair da banda de repente, te avisando com apenas um dia de antecedência'. (Sendo assim) eu não posso mais compor músicas para você cantar. As diferenças culturais unidas com ganância, oportunismo e amor são uma combinação perigosa. Não se deixe consumir. Não nos orgulhamos desta decisão, mas você não nos deixou outra alternativa. A divergência entre nós é muito grande. E a decisão foi tomada por nós quatro. Passamos do ponto em que as coisas podiam ser resolvidas em uma conversa. Desejamos tudo de bom para sua vida e sua carreira. Tuomas, Emppu, Jukka, Marko".

A resposta de Tarja

A saída abrupta de Tarja pegou todos de surpresa. Pouco tempo depois do anúncio, Tarja se manifestou dizendo que estava muito chateada: "Todos estão me pedindo uma posição sobre o ocorrido. São tantos os pedidos que é fisicamente impossível responder a todos. Este é um momento de aflição e sofrimento. No momento, estou na Argentina. Espero que vocês entendam que após essa mudança chocante comparada a um divórcio, eu não quis ficar sozinha em minha casa na Finlândia." Mais para frente, ela até mesmo faria músicas sobre a situação, como é o caso de *Diva*, de seu álbum solo *The Shadow Self* (2016), em que ironiza o fato de a terem chamado de diva. Recentemente, em entrevista para a Wikimetal, ela refletiu: "Me machucou profundamente quando minha reputação foi prejudicada por várias acusações falsas no passado,

Once
(2004)

End of an Era
(2006)

Dark Passion Play
(2007)

Clube de Revistas

feitas por pessoas que não tinham outra maneira de seguir suas próprias vidas a não ser fazer isso. Mas eu escolhi ouvir meu coração e seguir meu sonho com a música", explicou. "Adoro tocar a música *Diva* em meus shows e, ao fazer isso, estou dizendo às pessoas que não devemos nos importar com o que os outros falam de mal sobre nós apenas porque suas próprias vidas são miseráveis. Eles têm inveja ou querem ser como você. Cada um de nós é a diva de suas próprias vidas."

Entra em cena Anette Olzon

Após o verdadeiro furacão que se abateu nas entranhas do Nightwish, era hora de mexer no entulho e ver o que sobrou das estruturas. A saída de uma vocalista do naipe de Tarja Turunen não passaria batido por enorme parcela dos fãs, que exigiam maiores explicações e rapidamente se posicionavam ao lado de Tuomas e companhia ou da vocalista. Fato é que a busca por uma substituta precisava iniciar rápido. Muitas fitas foram recebidas com candidatas ao cargo mais disputado do metal sinfônico e hoje em dia sabe-se, por exemplo, que Elize Ryd, do Amaranthe, tentou a sorte para o posto. A escolhida foi a sueca Anette Olzon, que trouxe uma roupagem totalmente diferente para a banda acostumada aos líricos agudos. A ideia de Tuomas foi justamente evitar comparações e buscar transitar por águas não navegadas. Com uma cantora fazendo o estilo mais popular, longe dos trejeitos clássicos, onde será que a sonoridade da banda poderia chegar? A resposta veio com *Dark Passion Play*, que conseguiu ser ainda mais sinfônico que *Once*, com orquestrações pesadas e músicas que racharam a base de fãs.

Em 2021, durante entrevista ao site Blabbermouth, Anette refletiu sobre seus dias no Nightwish que renderam dois discos (*Imaginaerum* foi o segundo). "Bem, são emoções confusas. Foi uma jornada incrível. Você sabe como foi com a mídia na Finlândia. E eu não entendi o que estava acontecendo porque não sabia o tamanho da banda, já que não moro na Finlândia. Então, foram muito divertidos os primeiros anos e também uma loucura. Eu não estava muito em casa. Eles fizeram suas turnês mais pesadas quando eu entrei. De repente, eles queriam passar tantas semanas (na estrada). Lembro-me apenas que tinha um filho de cinco anos e cheguei em casa depois de cinco semanas. Fiquei em casa uma semana. Quase não tive tempo de desfazer as malas antes de partir novamente por mais quatro semanas. Então, não me lembro de tudo, para ser sincera. Há tantas coisas de que não me lembro... E também, claro, dos últimos anos em que não havia um clima tão bom entre nós. E eu tive meu terceiro filho, e coisas aconteceram."

Dark Passion Play: o início de uma nova era

Dark Passion Play, sexto álbum do Nightwish e segundo pela Nuclear Blast, foi lançado oficialmente no dia 26 de setembro. Com a voz doce e suave de Anette, o impacto no som da banda foi grande. A primeira amostra que os fãs tiveram de sua voz foi no single *Eva*, balada sobre os sentimentos que uma criança enfrenta nessa fase da vida. Logo em seguida, no site oficial da banda, surgiram trechos de músicas mais pesadas e enérgicas. Não demorou muito para o disco sair. Quem decidiu não deixar de acompanhar a banda precisou dar o braço a torcer com a qualidade de hits como *Amaranth* e *Bye Bye Beautiful*, essa com título de gosto duvidoso que funcionou como espécie de lavação de roupa suja das questões com Tarja. Uma curiosidade é que nesse mesmo ano Tarja lançou seu álbum solo *My Winterstorm* com o clássico *I Walk Alone*, que acabou servindo como contraponto contando sua versão dos fatos de forma poética.

Fotos: Divulgação

Troy Donockley participou de *Dark Passion Play* e *Imaginaerum*, mas só seria efetivado como integrante oficial depois

A construção do repertório

Em 2016, durante entrevista para a Metal Hammer, Tuomas Holopainen se recordou dos sentimentos que vivenciou nesse ponto de virada para a banda recém-reformulada. "Ainda estou muito, muito orgulhoso do resultado. A banda toda estava muito inspirada e estávamos todos muito confiantes sobre o material. *The Poet and the Pendulum*, *Bye Bye Beautiful* e *Master Passion Greed* nasceram da turbulência pela qual passamos. Seria um exagero dizer que *Dark Passion Play* salvou minha vida, mas definitivamente salvou minha saúde mental", disse.

Master Passion Greed, aliás, é inteiramente cantada por Marko Hietala e seguramente está entre as três faixas mais pesadas e agressivas da história do Nightwish. Já *The Poet and the Pendulum*, cujo título é inspirado no conto "O Poço e o Pêndulo", de Edgar Allan Poe, traz várias partes costuradas com direito a um cantor mirim de voz super aguda chamado Guy Elliott. Uma curiosidade é que em certo trecho da letra Anette diz: "Hoje, no ano do nosso Senhor de 2005 / Tuomas foi chamado aos cuidados do mundo / Ele parou de chorar no final de cada lindo dia / A música que ele escreveu ficou muito tempo sem silêncio". Essa autorreferência do tecladista na música encontra espelho na obra "A Torre Negra", de Stephen King, em que o autor aparece como personagem no livro.

Outra música influenciada por Stephen King foi *7 Days to the Wolves*, que fala sobre certo episódio mais para o final da saga literária em que crianças com poderes especiais são seqüestradas por um rei maligno. É claro que existem várias camadas de interpretação, como o próprio Tuomas gosta de deixar claro. *Sahara*, por sua vez, revisita o tema árabe e do conto das "Mil e Uma Noites". No final, *Meadows of Heaven* é até hoje uma das canções mais surpreendentes da carreira do Nightwish - com direito a coral gospel e uma letra sentimental sobre as memórias da infância.

Pegando a estrada

A extensa turnê de divulgação de *Dark Passion Play* marcou a única vez que Anette Olzon visitou o Brasil com o Nightwish. Até hoje, foi o giro mais longo dos finlandeses pelo país. Ao longo do mês de novembro de 2008, o grupo se apresentou nas cidades de Curitiba, São Paulo, Belo Horizonte, Brasília, Manaus, Fortaleza, Recife, Vila Velha e Rio e Janeiro. Como não poderia deixar de ser, Anette cantou hits da era Tarja durante os shows. Canções como *The Siren*, *Ever Dream* e *Dead to the World* ganharam formato inédito com a ausência dos vocais líricos. Os fãs, novamente, se dividiram. Em entrevista para a Metal Blast, Olzon refletiu sobre a

Made in Hong Kong
(2009)

Imaginaerum
(2011)

Imaginaerum
(Filme - 2012)

Clube de Revistas

comparação com Tarja: "Acho que minha voz estava em perfeita forma naquela época, já que eu tinha que praticar todos os dias para acompanhar o ritmo do Nightwish. Quando saí da estrada e continuei com meu álbum, minha mãe me disse: 'Dá para perceber que você tem cantado por anos!' Mesmo que tenhamos tido alguns problemas durante a turnê, foi benéfico para mim, pois realmente tive que praticar. De certa forma, sim, acho que sempre haverá essa comparação. Pode ser uma maldição, como todos sabemos. Pode ser difícil tentar fazer algo diferente por conta própria, já que as pessoas sempre vão comparar e esperar o tipo de material que você criou e apresentou com aquela banda. Mas também acho que é uma bênção, porque mais pessoas vão me reconhecer e dar uma chance à minha nova música. Só espero que as pessoas estejam abertas a algo novo. Agora posso olhar para trás e ver que não foi tão ruim, mas na época era assustador. Foi pelo menos parcialmente por causa da saída da Tarja, nos dois primeiros anos com a banda. Foi algo enorme para os fãs e, é claro, algumas pessoas queriam ter alguém para culpar. Eu, como a nova vocalista principal, era um alvo muito fácil".

Made in Hong Kong (And in Various Other Places)

Made in Hong Kong (And in Various Other Places) foi o título escolhido para um CD/DVD ao vivo de compilação lançado março de 2009, se tornando o registro oficial dessa formação em ação. O CD é composto por oito músicas gravadas ao vivo durante a turnê *Dark Passion Play* em 2008, duas faixas anteriormente lançadas como lados B e uma versão de demonstração inédita de *Cadence of Her Last Breath*, anterior à entrada de Anette Olzon na banda e, portanto, cantada pelo baixista Marko Hietala (como todas as demos de *Dark Passion Play*). O DVD contém três videoclipes, bem como um documentário com material registrado desde Israel até a América do Sul, dirigido por Ville Lipiäinen. O DVD inclui *Back in the Day... Is Now*, um mini-documentário de quarenta minutos que narra as aventuras do Nightwish durante a tour *Dark Passion Play* de 2007 a 2008. A maior parte do filme é narrada por Holopainen, com capítulos do filme divididos por cenas da banda em seu ônibus de turnê jogando "Drunken Uno" – um jogo de Uno em que o perdedor (que, na maioria das vezes, é o baixista Marko Hietala) deve consumir uma dose de Jägermeister. Entre os tópicos abordados ao longo do documentário, está o polêmico incidente durante o show da banda em Belo Horizonte. O filme mostra um vídeo do YouTube da vocalista Anette Olzon deixando o palco durante a performance de *The Poet and the Pendulum*. Olzon explica que uma máquina de fumaça mal posicionada interferiu em suas cordas vocais.

Bem-vindo ao *Imaginaerum*

O segundo e último álbum da era Anette Olzon não é raro de figurar entre os favoritos dos fãs até hoje e muitos consideram o último grande disco do Nightwish. O tema é uma espécie de viagem pelo consciente e inconsciente da mente

Marko, Tuomas e Anette em sessão de fotos para o *Imaginaerum*

humana e junto com o disco veio o projeto mais ousado da história dos finlandeses até hoje: a concepção e lançamento de um filme chamado "Imaginaerum", com trilha-sonora e atuação dos próprios integrantes e história sobre um homem que no leito de morte revisita suas lembranças e traumas. Em entrevista à Loudersound, Tuomas comentou sobre a ideia por trás da produção cinematográfica: "Em 2007, comecei a pensar no que poderíamos fazer após o *Dark Passion Play*. Tive a ideia de combinar um filme com um álbum: eu escreveria talvez doze ou treze músicas e filmaríamos um curta-metragem para todas elas. Seria um CD duplo: um disco de áudio conteria as

Anette caracterizada durante atuação no filme *Imaginaerum*

músicas e também haveria um DVD com o conteúdo visual. Essa foi a semente da minha ideia. Não haveria atores profissionais, nenhum diálogo, nenhuma trama ou história; apenas os videoclipes das músicas. Então, apresentei a ideia a Stobe Harju, o diretor do vídeo de *The Islander* (de *Dark Passion Play*). Ele achou excelente, dizendo que ninguém havia feito nada parecido antes. E foi além: sugeriu que fizéssemos um longa-metragem dramático que condensasse as ideias das minhas músicas no roteiro. Não vou tentar roubar a glória por isso: foi 100% ideia do Stobe ter um velho sentado e refletindo sobre sua vida passada."

O filme recebeu apoio financeiro da Finnish Film Foundation, uma instituição governamental finlandesa, no valor de $ 575 mil de um orçamento total de $3,7 milhões. Inicialmente intitulado "Imaginarium", o nome foi posteriormente alterado para "Imaginaerum" para evitar confusões com outras produções de mesmo nome (o mesmo ocorreu com o álbum) O enredo conta com o personagem Thomas Whitman, um ex-músico de 75 anos, que entra em coma após anos sofrendo de demência. Enquanto sua filha afastada, Gem, pondera sobre assinar uma ordem de não ressurreição, a mente de Thomas mergulha em um mundo de fantasia onde revive sua vida como um órfão de 10 anos.

Storytime

Voltando ao álbum em si, o tracklist de *Imaginaerum* mostra que a banda decidiu tentar ir além e ser ainda mais diversa nas influências. Anette, em seu auge, vestiu a camisa da proposta fantástica e mostrou como utilizar a dramaturgia na hora de cantar. O ponto alto de sua atuação é em *Scaretale*. Lá, Olzon interpreta uma espécie de bruxa má, ou algo nessa linha. Sua entonação e a ênfase que emprega em certas palavras parecem ter saído de uma produção musical da Disney. *Storytime*, logo no começo, já embarca o fã nessa viagem fantástica, com direito a referência a Peter Pan. Outro destaque é *Slow, Love, Slow* que é nada menos do que um jazz suave e melancólico, interpretado basicamente por Anette e Tuomas. *I Want My Tears Back* é a mais veloz e mostra a figura de Troy Donockley de maneira mais acentuada pela primeira vez. O multi-instrumentista inglês já havia tocado de maneira tímida no disco anterior, mas é aqui que ele começa a chamar a atenção real da banda, que mais tarde o contrataria como membro definitivo.

The Crow, the Owl and the Dove é uma das mais belas combinações vocais entre Marko e Anette. É uma balada que saiu como single e traz Troy cantando – ainda que um pequeno trecho. Mais para o fim, *Last Ride of the Day* é uma viagem de montanha-russa cheia de energia e vibrações positivas. O disco todo, aliás, é possivelmente o mais alegre da discografia dos finlandeses. *Song of Myself*, com quase catorze minutos, preenche a cota de faixa longa e épica do álbum, embora muitos desses minutos tenham sido gastos basicamente com a leitura de um poema que Tuomas escreveu. Todo esse carrossel de fantasia iria culminar em mais uma turnê pelo Brasil. Isso realmente aconteceu, mas Anette não estava presente. O motivo? Sua demissão, mais uma vez polêmica, que aconteceu no meio da turnê. Mas isso é história para o próximo e último capítulo. *Continua...*

Clube de Revistas

CLASSICREW

1974 MONTROSE
Paper Money

O guitarrista Ronnie Montrose vinha de uma trajetória de sucesso, tendo tocado e/ou gravado com Van Morrison, Herbie Hancock e Edgar Winter. O passo seguinte seria montar uma banda própria, o que aconteceu quando ele reuniu Sammy Hagar (vocais), Bill Church (baixo) e Denny Carmassi (bateria). O primeiro disco, autointitulado, saiu em 1973 e, apesar de valer à banda o epíteto de "resposta americana ao Led Zeppelin",

não conseguiu grandes coisas em termos de vendas. Isso levou Montrose a abrir mão do hard'n'heavy da estreia em favor de algo não tão pesado – mas ainda assim com altas doses de energia.

Foi com isso em mente que Sammy, Ronnie, Denny e Alan Fritzgerald, que substituíra Bill Church, entraram no estúdio da Warner Bros., na Califórnia (EUA), para gravar *Paper Money*, produzido por Ted Templeman, que já havia assinado o trabalho de estreia.

Porém, o fato de Ronnie desejar uma mudança no direcionamento musical da banda causou atritos com Hagar. Em sua autobiografia "Red – My Uncensored Life in Rock" (2011), o vocalista conta que escreveu vários temas para o álbum, "mas Ronnie nem quis ouvir". No fim das contas, ele assina apenas três, todos em parceria com o guitarrista.

A estratégia, ao menos em termos comerciais, deu certo: ao contrário de *Montrose*, que só chegou a um tímido 133º lugar na Billboard, *Paper Money* atingiu o 65º posto.

A partir de então, o relacionamento entre Sammy e Ronnie só fez deteriorar-se. "Ele sequer olhava pra mim durante os shows", queixou-se Hagar em sua biografia. Essa tensão acabou causando a saída do vocalista ao final da tour.

O Montrose ainda lançou mais dois discos com Bob James nos vocais – *Warner Bros. Presents Montrose!* (1975) e *Jump on It* (1976) – e encerrou atividades em 1976. Num meteórico retorno em 1987, soltou mais um álbum, *Mean*, que contava com o saudoso James Kottak na bateria. Nenhum desses trabalhos teve a mesma performance nas paradas que *Paper Money*.

No início dos anos 2000, Ronnie Montrose conversou com o The Daily Vault e falou sobre as rusgas com Hagar: "Sammy é um cara divertido. Ele diz que os dois primeiros discos do Montrose são os verdadeiros discos da banda e ele está certo! Não existe Montrose sem mim e ele. Só que eu me dei conta disso mais tarde. Quando uma banda causa um grande impacto, qualquer outra versão dela é historicamente irrelevante."

Antonio Carlos Monteiro

IRON MAIDEN 1984
Powerslave

Nunca é demais repetir, já que se trata de um feito para poucos: o Iron Maiden tem em seu currículo a proeza de os seus primeiros discos serem obrigatórios tanto para seus fãs quanto para os de metal em geral. Para alguns são indispensáveis os cinco primeiros, para outros, os seis ou sete primeiros, mas a questão central é que a Donzela de Ferro começou metendo o pé na porta e demorou mais do que o habitual para dar uma esfriada. E onde *Powerslave*, o quinto de estúdio, se encaixa nisso? Simples: Bruce Dickinson (vocal), Dave Murray e Adrian Smith (guitarras), Steve Harris (baixo) e Nicko McBrain (bateria) levaram a banda ao seu então ápice comercial.

Entenda-se, porém, que o sucesso não significou concessões comerciais, mas colocou a banda como nunca antes na estrada: de 9 de agosto 1984 – 25 dias antes do lançamento oficial – até 5 de julho de 1985, o Maiden fez 189 shows em sua World Slavery Tour, com palco, cenário e apresentações numa proporção até então inédita para o quinteto inglês. Os músicos terminaram a turnê em exaustão completa, precisando tirar um período sabático antes de começar a trabalhar no disco seguinte, mas também conquistaram novos territórios.

O fim de 1984 e o início de 1985 foram dedicados ao mais longo giro pelos EUA – não à toa, a maior parte de *Live After Death* (1985) foi gravada na Califórnia –, sendo o Brasil uma das exceções ao lado de Japão, Austrália e Nova Zelândia. Na estreia em solo brasileiro, na primeira edição do Rock in Rio, o Maiden foi a única das grandes atrações a tocar apenas uma vez.

Quarenta anos depois, o impacto ainda é causado ao se ouvir um álbum absolutamente maravilhoso. Duas músicas viraram hinos – *Aces High* e *2 Minutes do Midnight*, cujo riff remete ao de *Flash Rockin' Man*, do Accept, mas que, dizem as boas línguas, foi resultado de uma releitura do riff de *Burn*, do Deep Purple, feita por Smith –, mas pegue *The Duellists*, por exemplo: seria um clássico de muitas bandas de metal por aí. E ainda há duas obras-primas

dentro da obra-prima que é *Powerslave*: a faixa-título, de autoria integral de Dickinson, e *Rime of the Ancient Mariner*, o maior atestado de genialidade de Harris. Influenciado pelo poema de Samuel Taylor Coleridge, o baixista criou um épico musical e lírico, com uma riqueza instrumental de 13'45" acompanhada por uma letra que não repete uma frase sequer. Espetacular.

Daniel Dutra

#CLÁSSICOS #PÉROLAS #ATEMPORAIS

1994 ALICE COOPER
The Last Temptation

O final dos anos 80 e o início dos 90 foram muito bons para Alice Cooper. Finalmente, havia se livrado de álcool e drogas, além de ter lançado os muito bem sucedidos *Trash* (1989) e *Hey Stoopid* (1991). Mas o mundo musical havia mudado com o surgimento do grunge e ele se viu numa encruzilhada: "Vamos admitir, Alice Cooper não pode representar os grunges de 15 anos de idade", disse ele em entrevista à revista HM.

"Caras como eu, Ozzy e Steven Tyler não temos nenhuma comunicação com eles." E completou: "A violência se tornou algo muito mais aceitável naqueles dias." Então, que havia restado em comum entre eles? "A tentação. Todos nós somos tentados por alguma coisa todos os dias." Assim nasceu a ideia básica de *The Last Temptation*. No conceito geral, o personagem Steven, que estreou em seu primeiro disco solo, *Welcome to My Nightmare* (1975), aqui é colocado no meio de um teatro onde é apresentado a uma série de artistas, cada um representado por uma das músicas do álbum. No fim, ele se dá conta do que está sendo realmente exibido: a morte. Mais Alice Cooper impossível.

Para levar a ideia adiante, Alice se valeu novamente de convidados estrelados, como o saudoso Chris Cornell (Soundgarden), o tecladista Derek Sherinian (à época no Dream Theater) e o guitarrista Dan Wexler (Icon).

Quatro nomes dividiram a produção – Don Fleming, Duane Baron, John Purdell e Andy Wallace – e as gravações aconteceram entre 1993 e 1994. O disco saiu em 12 de julho e paralelo foram lançados três volumes de histórias em quadrinhos retratavam a história contada no disco. "Eu queria que as pessoas enxergassem o que eu tinha em mente, e, sem dez vídeos caros ou um longa-metragem, essa era a melhor forma de fazer isso", explicou Alice. Os quadrinhos foram assinados pelo britânico Neil Gaiman, um confesso fã do vocalista.

O álbum não chegou a ter certificação de Ouro ou Platina, mas atingiu o Top 20 em diversos mercados, aí incluído um muito honroso 6º posto na Grã-Bretanha. Já o único single extraído do disco, *Lost in America*, acabou se tornando presença constante nos shows.

Este foi o último disco de Alice Cooper pela Epic Records, que acabou não financiando uma tour de lançamento. Alice só voltaria a se apresentar no ano seguinte no festival Monsters of Rock – que inclusive passou pelo Brasil.

Antonio Carlos Monteiro

2004 VELVET REVOLVER
Contraband

O principal fator de definição de um clássico é, claro, o tempo. No entanto, outras conjunturas fazem um disco já nascer clássico, mesmo que inicialmente só para o seu público-alvo. E é este o caso do debut do supergrupo formado por Scott Weiland (vocal), Slash e Dave Kushner (guitarras), Duff McKagan (baixo) e Matt Sorum (bateria), afinal, ao juntar na época três ex-Guns N'Roses (Slash, McKagan e Sorum) e a voz do Stone Temple Pilots – além de Kushner, ex-Suicidal Tendencies e outras bandas, ser um bônus –, *Contraband* nasceu cercado de altas expectativas.

Felizmente, as expectativas se transformaram em números e conquistas expressivas: o álbum estreou no primeiro posto do Top 200 da Billboard e chegou a dois milhões de cópias vendidas apenas nos EUA, onde o Velvet Revolver conquistou Disco de Platina duplo – *Contraband* foi Platina simples no Canadá e na Nova Zelândia, além de Ouro na Austrália, no Japão e no Reino Unido.

O status de clássico estava confirmado, mas houve mais: *Slither*, 1º lugar na Mainstream Rock Tracks e Modern Rock Tracks, faturou o Grammy como 'Best Hard Rock Performance', além de o grupo ter tido outras duas indicações na edição de 2005 da mais prestigiada das premiações musicais: Best Rock Album e Best Rock Song com *Fall to Pieces*, outro single que alcançou o topo do Mainstream Rock Tracks.

E musicalmente? *Contraband* não traz nenhuma inovação. Na verdade, é um híbrido entre Guns N'Roses e Stone Temple Pilots, e talvez o fato de os cinco músicos não terem tentado reinventar a roda é que tenha resultado em tamanho sucesso. Mexer com o imaginário do fã, e as duas bandas movimentaram uma legião deles nos anos 1980 e 1990, foi meio caminho andado, com o percurso sendo completado por canções como *Sucker Train Blues*, que muito bem poderia estar em *Appetite for Destruction* (1987), e *Illegal i Song* e *Superhuman*, que remetem ao trabalho de Weiland ao lado dos irmãos Dean e Robert DeLeo.

Os dois mundos ainda se misturam em *Headspace*, *Slither* e *Dirty Little Thing*, por exemplo, nas quais os riffs de Slash são o elo entre a modernidade do STP, digamos assim, e a ferocidade do hard do GNR – o guitarrista, aliás, mostra sua tradicional inspiração em solos belíssimos, como o de *You Got No Right*. No geral, *Contraband* entrega um disco de rock'n'roll pesado entre a nostalgia e o contemporâneo, exatamente o que esperavam os fãs dos integrantes envolvidos.

Daniel Dutra

Clube de Revistas

Eternal Idols

Por Antonio Carlos Monteiro

WAYNE KRAMER

✷ 30/04/1948 † 02/02/2024

Rock, drogas e ativismo político. Esse trinômio marcou a carreira de um dos mais emblemáticos e subestimados músicos da história: Wayne Kramer.

Wayne Stanley Kambes nasceu em Detroit (EUA) e não teve uma infância fácil. "Meu pai era alcoólatra", revelou em entrevista concedida em 2005, "e quando eu tinha uns 7 ou 8 anos minha mãe botou ele pra fora de casa." Porém, o dedinho podre da mamãe acabou fazendo com que ela se juntasse com um sujeito que passou a abusar de Wayne, que, segundo ele próprio, passou a usar a música como uma válvula de escape – e para criar uma "identidade própria", adotou o sobrenome Kramer.

Em 1963, conheceu o também guitarrista Fred "Sonic" Smith e resolveram formar uma banda. Aos poucos foram arregimentando os demais integrantes, até fixarem a formação com Wayne, Fred, Rob Tyner (vocais), Michael Davis (baixo) e Dennis Thompson (bateria). Estava criado o MC5. Durante um tempo, a banda foi empresariada por John Sinclair, um conhecido ativista de esquerda e um dos fundadores do White Panther Party, grupo antirracista de socialistas brancos que tem como objetivo auxiliar os Panteras Negras.

Após criar um bom nome em sua cidade natal, a banda partiu para as gravações. Estreou com um disco ao vivo, *Kick out the Jams* (1969), que muitos consideram um precursor do punk rock. Na sequência, vieram mais dois discos de estúdio, *Back in the USA* (1970) e *High Time* (1971). Embora tanto público como crítica não tenham gostado tanto assim de ambos, o futuro reservaria a eles lugar de importância na história do rock. As letras já tratavam de temas sociais e políticos, o que fez com que muitas rádios se recusassem a tocar suas músicas e seus shows passassem a ser boicotados. Isso e mais os problemas com drogas que assolavam todos os integrantes fizeram com que o MC5 se separasse em 1972.

Wayne começou, então, atuar como artista solo, participando de diversos projetos. Porém, o vício o levou à cadeia em 1975. "Ser um viciado custa caro", declarou ele sem meias palavras em 2005. "Então, me tornei também um traficante." Até o dia em que vendeu drogas a um policial disfarçado. Isso custou a ele pouco mais de dois anos atrás das grades. Na cadeia, conheceu o trompetista de jazz Red Rodney, que se tornou seu mentor musical – Wayne o chamava de "meu pai musical".

Uma vez solto, tocou com as mais variadas bandas, como Was (Not Was), Gang War (com Johnny Thunders), GG Allin e incontáveis outros.

Nos anos 80 e início dos 90, começou uma carreira paralela como carpinteiro, deixando a música um pouco de lado. Porém, em 1994 assinou com a Epitaph Records, pela qual lançou *The Hard Stuff* (1995), *Dangerous Madness* (1996) e *Citizen Wayne* (1997). Em 1998, finalmente deixou drogas e álcool de lado.

Em 2001, junto com sua esposa e empresária Margaret Saad Kramer, criou a gravadora independente MuscleTone Records.

Pouco depois, Wayne, Michael e Dennis reformularam o MC5 com Handsome Dick Manitoba (Dictators) nos vocais e Gilby Clarke (Guns N'Roses) na guitarra – Rob e Fred morreram, respectivamente, em 1991 e 1994. Essa formação continuou na ativa até 2012, quando Michael Davis morreu.

O ativismo de Wayne Kramer o levou a fazer um concerto para os presos de Sing Sing em 2009 – estavam com ele na empreitada Tim Morello, Jerry Cantrell, Gilby Clarke e Don Was, entre outros. Ele também participava ativamente do movimento Jail Guitar Doors, que ministra aulas guitarra e promove concertos para detentos nos EUA. Em 2017, o movimento completou cem prisões visitadas.

Em 2018, saiu a biografia de Wayne, "The Hard Stuff: Dope, Crime, the MC5, and My Life of Impossibilities". Já em 2021, participou do álbum *Detroit Stories*, de Alice Cooper, tocando guitarra em praticamente todas as faixas e assinando três delas como coautor.

Em fevereiro de 2024, o site do MC5 publicou a notícia de que Wayne Kramer havia falecido de câncer no pâncreas, acompanhada da mensagem "a paz esteja com você". Vários famosos lamentaram sua morte, como Tom Morello, Vernon Reid e Slash, que publicou: "Minha vida mudou pra sempre pra melhor quando eu conheci esse sujeito."

MC 5
Kick out the Jams (1969)

MC 5
Back in the USA (1970)

MC 5
High Time (1971)

Wayne Kramer
The Hard Stuff (1995)

Wayne Kramer
Citizen Wayne (1997)

Clube de Revistas

ETERNAL HATRED RECORDS
APRESENTA:

HOLDARK - OCEAN

DEBUT ÁLBUM DA BANDA PAGAN METAL BRASILEIRA HOLDARK

"OCEAN" É UM TRABALHO BRILHANTE! SIMPLES, DIRETO E COM UM BOM GOSTO ABSURDO EM TODOS OS SEUS ASPECTOS.

DISPONÍVEL EM TODAS AS PLATAFORMAS DIGITAIS

METAL AGENCY · Spotify · DEEZER · amazon Prime music · Available on iTunes · Eternal Hatred RECORDS

anúncio: www.jduarteldesign.com

Clube de Revistas

Raquel Garcia

Noelle dos Anjos, Hale Naphtha, Kristina Vega, Sonia Anubis e Roxy Herrera: como deve ser o hard rock dos anos 1980 nos anos 2020

COBRA SPELL

O PODER DAS MULHERES

Do hard rock/heavy metal da década de 1980 ao necessário empoderamento feminino, Sonia Anubis explica por que a música de *666* é aquela que sempre quis fazer

Por Daniel Dutra

Os anos 1980 estão mais vivos do que nunca, e muito bem representados. *666*, o disco de estreia da Cobra Spell, é uma bênção sonora para o fã da década de ouro da música pesada, mas soa contemporâneo tanto musical quanto liricamente, porque coloca a mulher em seu lugar de direito: onde quiser, fazendo o que quiser. Kristina Vega (vocal), Sonia Anubis e Noelle dos Anjos (guitarras), Roxy Herrera (baixo) e Hale Naphtha (bateria) dão aula em todos os sentidos, e Sonia adiantou, num agradável papo, o que os brasileiros vão poder ouvir e ver em julho, quando a força irresistível das mulheres vai tomar conta de Brasília (3), Goiânia (4), São Paulo (5), Cuiabá (6) e Joinville (7).

Você formou a Cobra Spell enquanto estava no Burning Witches, depois se juntou à Crypta e, em seguida, saiu para se concentrar apenas na Cobra Spell. Do heavy ao death metal e ao hard rock, foi uma transição?

Sonia Anubis: Como a Cobra Spell começou quando eu estava em bandas diferentes, não chegou a ser uma transição. Eu tocava gêneros diferentes basicamente porque meu gosto musical é muito amplo, mas, sendo muito sincera, meu maior sonho é tocar a música que eu toco com a Cobra Spell. Desde o início, quando me apaixonei por música, aos meus 14 anos, minhas bandas favoritas eram KISS, W.A.S.P., Alice Cooper e outros nomes dos anos 1980 que eram muito afrontosos e loucos no palco. A Cobra Spell é como o fruto das inspirações que coletei ao longo dos anos, e estou na música há mais de dez anos. Toquei em grupos diferentes além de Burning Witches e Crypta, e sempre exploro as minhas possibilidades enquanto musicista. Tento aprender com as outras bandas, porque estar numa era como estar numa escola. Eu observava e entendia 'Ok, é assim que se faz', então, com essas experiências, eu fiz o melhor possível com a Cobra Spell. Desta vez, porém, com a banda que é meu sonho de infância!

E como você descreveria o caminho que percorreu desde os EPs independentes *Love Venom* (2020) e *Anthems of the Night* (2022) até assinar com a Napalm para o primeiro álbum?

Sonia: Claro que mudar é normal, e fico feliz por essas mudanças estarem acontecendo dessa forma, porque significa que a banda está crescendo e que estamos melhorando. Fazer parte da Napalm é excelente, porque significa lançar um disco por um selo que tem um grande alcance na cena metal e que pode distribuí-lo fora da Holanda. Nossos EPs foram lançados de maneira independente, e eu mesma paguei pela prensagem dos vinis, o que é muito caro. É fantástico, mas muito caro! (risos) Temos grandes sonhos, queremos fazer turnê mundial, queremos tocar no Brasil para essa plateia apaixonante, em outros continentes fora da Europa. Tenho muitos sonhos, e um deles seria tocar em algum show com o KISS, mas isso infelizmente não será possível, então gostaria de tocar com Alice Cooper, Def Leppard, Judas Priest... Seria incrível!

O mais interessante disso tudo é que a música da Cobra Spell soa como o hard rock dos anos 1980, e você tem 24 anos...

Sonia: Quando algo é bom, é atemporal. Acho que esse é o caso da música dos anos 1980, e o mesmo pode ser dito sobre os anos 1970, também. Quer dizer, dependendo do tipo de música a qual se refere, porque são muitas bandas que criaram grandes músicas. Não sou daquela geração, mas ouvi e absorvi muito dos artistas daquela época graças à internet, porque meus pais não me apresentaram a essas músicas. Foi curiosidade minha procurar vídeos do KISS no YouTube, pesquisar sobre Ratt e Dokken, e fiquei vidrada nessas bandas, passei a ouvir tanto que automaticamente absorvi aquelas melodias e aquele som no meu organismo. É como se eu tivesse carregado um programa no meu HD, um programa 'música dos anos 1980' dentro de mim (risos), por isso a Cobra Spell soa tanto como aquele período! Tento homenagear aquela década da maneira mais respeitosa e autêntica possível, esperando criar uma espécie de máquina do tempo para me fazer sentir como se eu estivesse vivendo naquela época, entende?

Clube de Revistas

Claro, e ainda tem o aspecto de ser guitarrista, porque você é uma 'shredder' incrível, e os anos 1980 foram a época mais prolífica para os heróis da guitarra.

Sonia: Primeiramente, obrigada pelas suas palavras! Significam muito para mim, e é ótimo que você consiga ouvir as influências dos anos 1980 na minha guitarra. Eu sou uma grande fã da Shrapnel Records, que produzia grandes guitarristas, mas eles não eram apenas técnicos. Eram também muito melódicos, criavam músicas, riffs e melodias incríveis! Marty Friedman, Tony MacAlpine e Jason Becker são alguns dos grandes que ouvi durante muitos anos, além daquele que é minha eterna e maior influência: Yngwie Malmsteen.

De volta à Cobra Spell, agora você tem uma banda só de mulheres, e eu diria que *666* não seria o disco que é se Alex Panza, Sebastian Silva e Léonard Cakolli ainda estivessem com você. Faz sentido?

Sonia: Sim, e acredito que todo mundo que fez parte da banda está na história e é parte da razão de ela estar onde está hoje. As coisas foram como tinham que ser, do contrário a Cobra Spell não seria o que é hoje. Tomei a decisão de torná-la totalmente feminina graças à minha experiência na Crypta, porque vi o efeito que isso causa nas outras mulheres, porque era muito foda ouvir outras mulheres dizendo 'obrigada por fazer música!'. Isso é muito legal e necessário nesses tempos que estamos vivendo. Existe algum equilíbrio agora no estilo de música que tocamos, então por que não continuar fazendo isso com a Cobra Spell? Vi essa oportunidade surgir, por isso a banda é como é atualmente. Cada uma trouxe sua porção, e isso tem sido muito importante.

É esse o meu ponto. Não se trata apenas de ter uma banda somente com integrantes mulheres. É a mensagem e a atitude que são passadas...

Sonia: Totalmente! Fico muito feliz de ouvir você falar isso, porque a mensagem da música é algo muito fácil de ser incompreendido. A maioria das bandas dos anos 1980 era formada por homens que cantavam muito sobre sexo, sobre mulheres groupies, e nós invertemos os papéis. Temos apenas mulheres no videoclipe, queríamos trocar os papéis porque às vezes, para transmitir uma mensagem, é preciso ir a extremos, e nós fomos ao nível dos anos 1980. Ou seja, ultrajante e extremo! Isso também é meio da minha personalidade, porque não tenho muito filtro quando estou tocando. Entrego-me 100%!

Você mencionou o vídeo de *S.E.X.*, e a mensagem é mais do que necessária, de empoderamento, não de submissão. Fica muito claro o que significa para você e toda a banda...

Sonia: Sim! Vai além do óbvio, que é a relação sexual. É mais do que uma ação física, é algo que você divide com alguém, é a magia que acontece entre duas pessoas. É algo que eu ainda estou descobrindo, porque ainda sou muito nova, então entender o significado de sexo é uma descoberta. Quando se é muito jovem, sexo é apenas uma atividade física e, até meio suja, mas, conforme crescemos, vai se tornando um pouco mais mágico. É uma conexão com outra pessoa. Para mim, é uma troca de amor, de emoções, liberação de tensão, excitação É um encontro mágico entre meu parceiro e eu, mas tem um significado para cada pessoa. No vídeo, cada integrante da banda faz algo diferente, e é a interpretação de cada uma sobre sexo. Enquanto para a Noelle é muito romântico, para mim, levando em consideração quando compus a música, era algo chocante e extremo, tanto que estou perto de uma Ferrari. E tem uma mensagem por trás disso, também: a Kristina é bissexual, ama mulheres e gosta de estar rodeada delas, então também estamos dizendo que não há absolutamente nada errado nisso. Inclusive, o fato de estarmos todas juntas no vídeo é uma forma de desafiar quem ainda acha que há algo de errado na forma homossexual de amar. É uma declaração sobre igualdade.

666
Napalm/Valhall/Sound City - Nac.

Isso também é muito bem exposto em *Love = Love*, que é a minha música favorita. Além da letra, o solo de saxofone é a cereja do bolo...

Sonia: Sim, a letra tem uma mensagem importante para o momento que estamos vivendo! E é legal saber que essa é a sua favorita, porque *Love = Love* é a que mais tem sintetizadores, cujas partes eu compus antes de adicionarmos as guitarras. Acabou ficando mais AOR, tipo *Flaming Heart*, do nosso disco anterior, uma canção bem melódica. Fiquei em dúvida se a colocaria em *666*, porque era muito diferente das outras músicas, mas ficou mais potente quando acrescentei as guitarras. O solo de sax foi uma decisão espontânea, que tomei quando estava no estúdio de gravação ouvindo a música tomar forma. Havia um momento de crescimento nela, depois de uma parte mais limpa e lenta, e eu não tinha certeza se um solo de guitarra funcionaria ou se era melhor um solo de sax, então ouvi minha intuição e perguntei ao produtor se ele conhecia algum saxofonista, porque a canção pedia por isso. São os anos 1980! (risos) Além de ouvir muita música daquela época, também assisto aos filmes, e sempre tinha um saxofone dramático em alguma música ou trilha sonora, então creio que automaticamente o meu cérebro disse: 'Você precisa disso!' (risos). Meu produtor, Alejando (Gabasa Barco), conhece um aluno de um conservatório em Madri, e foi a pessoa certa, porque toca jazz, não hard rock ou heavy metal. Quando ouvi o solo que ele gravou, meu coração deu um pulo! Ficou perfeito!

Gostaria de falar sobre as músicas *Satan is a Woman* e *Warrior from Hell*, porque elas me lembraram *Watchin' You* e *War Machine*, e não creio que seja coincidência... (risos)

Sonia: (N.R.: rindo bastante, Sonia leva o dedo indicador à boca como um gesto de 'não conte para ninguém') Às vezes, componho músicas e não me dou conta de que fui totalmente influenciada por determinada canção, então não vou negar que houve uma grande influência do KISS (risos). Quando percebo que está muito parecido, eu altero o máximo que posso, e aí fico feliz por ser uma música diferente. Só que você percebeu direitinho! (risos)

E também não me parece coincidência que ambas tenham sido compostas e cantadas por Gene Simmons, né?

Sonia: Sim, e você é mesmo detalhista, hein? (risos) Mas adorei ouvir isso, porque o Gene tem grande influência sobre mim desde que comecei a tocar. Sou nerd de KISS a ponto de saber quem compôs cada música, até as que o Vinnie Vincent compôs, então eu ouço tanto KISS que acontece de a banda aparecer nas minhas composições. Por isso *Watchin' You* tem grande influência sobre *Satan is a Woman*, e o riff entrega isso logo de cara.

Clube de Revistas

Divulgação

Ronald Amadeu, Kleber Hora e Andy Souza

BLASFÊMIA RENOVADA

Banda paulista celebra mais de 25 anos com seu quarto e avassalador disco de estúdio, *Blasphemous Words* (2023)

Thiago Prata

"Religião, guerras, sobrevivência humana e alienação, dentre outros assuntos", como enfatiza Andy Souza, rondaram a mente do baterista e vocalista do Gestos Grosseiros (ou simplesmente Gestos) e estavam na "ponta da caneta" para se transformar nas letras que preenchem o quarto e mais recente álbum da banda paulista, *Blasphemous Words* (2023). Quanto à sonoridade do disco que celebrava os então 25 anos de carreira do grupo, o guitarrista (e também responsável pelo baixo no trabalho) Kleber Hora destaca o quanto sua inspiração no death metal mais atmosférico e no doom se entrelaça às influências de metal extremo mais ríspido vindas de Andy. Com o death clássico como âmago, a dupla, sem um baixista fixo no momento, promete shows brutais para bangers neste ano, tendo *Blasphemous Words* como mote das turnês e de grande parte da entrevista que você confere a seguir.

Antes de adentramos o álbum *Blasphemous Words*, gostaria que revisitassem a trajetória da banda. Como foram os primeiros passos em 1998 e o que mais caracterizou a banda em termos musicais e estéticos até o lançamento das demos *No Rest* (2001) e *First Pain* (2003)?

Andy Souza: Cara, os primeiros passos foram gravar um material e ir atrás de shows, e a estrada sempre foi um dos pontos fortes da banda, pois desde o início nunca paramos, exceto na pandemia, por questões óbvias. Em termos musicais, sempre fomos fãs do death metal old school e algo voltado para o thrash, e essas características são possíveis de se observar nesses dois primeiros trabalhos (as demos).

Já *Countdown to Kill* (2006) e *Satanchandising* (2011) representaram os primeiros álbuns de uma banda que passou por reformulações, mas obteve êxito tanto no estúdio quanto nos palcos, com shows ao lado de grupos como Incantation e Vader e em países da América do Sul.

Andy: Sem esses dois álbuns não teríamos amadurecido e produzido outros melhores. *Countdown to Kill* foi o trabalho que fez a banda aparecer e fazer algumas turnês. Também com ele tivemos nossas primeiras apresentações fora do país, como no Chile. Como você mesmo disse, tocamos com bandas de fora, e foi aí que a galera do Brasil passou a olhar para a gente. Em *Satanchandising*, mantivemos o ritmo de shows, continuamos tocando com bandas de fora e fomos novamente para países da América do Sul. O único ponto negativo entre esses dois álbuns foi o intervalo de lançamento, pois não tínhamos condição de lançar *Satanchandising* sozinhos e tivemos que negociar bastante, tanto para gravar como para lançar. Para se ter uma Ideia, o álbum foi lançado por três selos daqui.

Depois tivemos *World's Hypocrisy* (2017), com a primeira turnê europeia do Gestos. O quão marcante foi essa experiência e o que serviu de lição? Aliás, existe algo que os surpreendeu de alguma forma no Velho Continente?

Andy: Este álbum é bem especial para nós, tanto na parte musical, pois trabalhamos bastante no desenvolvimento das músicas, como na parte das letras, seguindo um conceito único, envolvendo hipocrisia e religião. Particularmente, tenho uma admiração muito grande pelas letras desse álbum. Falando em Europa, tivemos essa experiência de estar na estrada fazendo shows praticamente todos os dias e viajando em uma van, o que nos ensinou a ter cautela de como tocar todos os dias e nos cuidarmos mais. Sabíamos que, se abusássemos, as apresentações e a execução das músicas poderiam ser afetadas. Percebemos que em alguns países, como Alemanha, República Tcheca e Polônia, a banda foi mais aceita pelo público

e vendemos bastante merch. Em minha opinião, o que mais surpreendeu foi o fato de que em alguns shows, mesmo durante a semana, o público comparecia normalmente, algo difícil de acontecer em alguns lugares por aqui.

E mesmo com a pandemia, o grupo soltou o EP *Demoniac Plague* (2020).

Andy: Na pandemia, era normal passarmos mais tempo online, e foi assim que um ilustrador da Indonésia nos contatou, tendo interesse em fazer a capa do *Demoniac Plague*. Na verdade, o álbum ainda não tinha um título. Passei as ideias das letras, e o cara desenvolveu do jeito que queríamos. Um ponto bacana é que dois selos do Brasil (Extreme Sound Records e Old Shadows Records) lançaram o trabalho, que foi muito bem aceito. Pena que não fizemos shows de divulgação por causa da pandemia, mas em outubro de 2022, conseguimos uma boa divulgação numa mini tour, passando por Argentina e Rio Grande do Sul. Este EP foi primordial para a mudança de algumas partes musicais e de composição que, em seguida, iria nos influenciar a compor *Blasphemous Words*.

Agora sim chegamos a *Blasphemous Words*, lançado em 2023, no 25º ano da banda. Como funcionou a dinâmica das gravações, com Andy e Kleber assumindo todas as tarefas, com Andy na bateria e nos vocais e Kleber nas cordas e na produção?

Kleber Hora: Começamos a compor *Blasphemous Words* em 2022. A cada música que ficava pronta, fazíamos uma pré-produção para sentir como a composição soaria. Principalmente nos ensaios fazíamos essa análise. Depois de fechar todas a músicas, começamos o processo de gravação. Todo o álbum foi gravado, mixado e masterizado no meu home studio (Dark Paradise Recordings), exceto a captação da bateria, que aconteceu em outro estúdio de nossa cidade (Fligth Estúdio).

Minha pergunta se embasa não somente no aspecto musical, mas até de interação entre vocês para o resultado apresentado. Até porque a produção traz um balanço ótimo de instrumentos e vocais, mas sem perder aquela sujeira tão costumeira dos discos de metal extremo.

Kleber: Acredito que Andy e eu chegamos a um consenso na sonoridade do álbum, por causa de nossas influências. Ultimamente estou aprofundado em ouvir bandas de death metal atmosféricas com pitadas de doom, e Andy vem daquela influência do metal extremo tradicional de sonoridade ríspida e direta. Dessa forma, conseguimos equilibrar a ambiência, a clareza e a sujeira que o estilo pede na produção do disco.

É verdade que todo álbum traz a identidade da banda, mas gostaria de saber de vocês o que *Blasphemous* reúne de diferente em relação a seus antecessores, tanto em camadas quanto em versatilidade. E, nesta toada, é impossível não citar a excelente *Darkness Prayer*, que saiu como single em 2022, para reforçar meu comentário (risos).

Kleber: *Blasphemous Words* é um álbum totalmente diferente do que já fizemos no passado. Seus diferenciais são a melancolia, a estrutura das músicas bastante cadenciadas e a maturidade da banda no quesito composições. Mas lá no fundo ainda existe a identidade que o Gestos criou em toda sua trajetória. Se você ouvir *Splattered Blood* e depois

BLASPHEMOUS WORDS
Sanitariun Prod - Nac.

Human Destruction, do primeiro álbum, existe uma semelhança em um riff de guitarra. *Darkness Prayer* é um single que teve uma ótima aceitação por parte dos bangers, foi o gás que precisávamos para darmos o pontapé inicial para compor o novo trabalho.

A faixa de abertura, *Anticipating the Moment of Death*, traz um título muito interessante e até certo ponto sugestivo, até por sua introdução, com a música crescendo gradativamente com partes cada vez mais agressivas.

Andy: A maioria das músicas foi composta pelo Kleber, e as letras, por mim. Já *Anticipating the Moment of Death* compusemos juntos, mas Kleber deu o toque final nela e sugeriu ser um bom som para abrir o álbum. A letra fala sobre pessoas que estão antecipando sua morte simplesmente pelo fato de não viver, mas apenas sobreviver. Enfatiza a ideia de que você não deve entregar suas energias para outros se não as usa para si próprio.

Kleber: Quando criei a introdução da música, eu estava com muitos sons na cabeça, tipo melodias de bandas de black metal da nova geração. Talvez o motivo disso é que passei dois meses de 2021 na Europa fazendo a segunda guitarra na tour do Power from Hell e conheci muitas bandas novas por lá. Isso deve ter me inspirado. Depois da introdução, vem a fúria do jeito que o death metal old school pede.

O que foi preponderante para a concepção das letras?

Andy: *Blasphemous Words* é um álbum diferente em termos de letras, pois, diferentemente de *World's Hypocrisy* e *Demoniac Plague*, que seguiam um único conceito, em *Blasphemous* foram abordados não somente temas religiosos, como também questões sobre guerras, sobrevivência humana e alienação, dentre outros assuntos. Ou seja, é um álbum em que cada música tem uma letra específica.

Pergunto isso também porque o death metal não se notabiliza apenas por sua agressividade e fúria, como também por exibir uma liberdade enorme em composições, mesclando outros estilos, como heavy, thrash, djent e prog, criando vários subgêneros, e também por letras que podem ir do gore a paletas filosóficas. De que forma vocês veem essas situações, em termos líricos e musicais?

Andy: Sim, praticamente abordamos vários desses assuntos que você citou, principalmente questões filosóficas e até um pouco gore. Porém, ressalto que uma das características das letras durante toda a carreira do Gestos foi deixar a pessoa interpretar a letra com calma para sacar nossa mensagem. Nunca dizemos explicitamente, e de maneira até mesmo mais simples, o que queremos passar. Gostamos de fazer a pessoa que escuta e/ou lê nossa letra pensar (risos).

Após este disco, o que a banda está preparando para este ano?

Kleber: Já começamos a compor algumas coisas para o sucessor de *Blasphemous Words*, mas em 2024 nossa concentração é cair na estrada e tocar no máximo de lugares possíveis que estiver ao nosso alcance. Já temos shows agendados no Norte, Sul e Sudeste e uma tour europeia em julho. Continuamos como power trio, porém estamos sem baixista fixo no momento. Prometemos dar o melhor de nós no palco e entregar um show brutal para os bangers!

Clube de Revistas

SEPULTURA

Clube de Revistas

Katja Borns, Marc Hansen, Michael Ugla

ROADIE CREW

Heavy Metal & Classic Rock

Clube de Revistas

ROADIE CREW

Heavy Metal & Classic Rock

Clube de Revistas

Clube de Revistas

PROFILE

FRED MIKA (SUNROAD)

Por Leandro Nogueira Coppi • Fotos: Divulgação

Primeiro disco que comprou:
"Peter Frampton - *Special*".

Melhor disco de heavy metal:
"Accept - *Restless & Wild*".

Último disco que comprou:
"Eloy - *Echoes From The Past*".

Disco que mudou sua vida:
"Triumph - *Never Surrender*".

Disco que mais ouviu na vida:
"Electric Sun - *Earthquake*".

Melhor capa de disco:
"Sunroad - *Sunesthesia*, por Tristan Greatrex".

Disco que daria a seu pior inimigo:
"Qualquer um de funk carioca".

Disco que gostaria de ter gravado:
"Nazareth - *Hair of the Dog*".

Música que gostaria de ter composto:
"Yngwie Malmsteen - *Rising Force*".

Disco dos anos 70 que recomenda:
"Led Zeppelin - *Led Zeppelin IV*".

Disco dos anos 80 que recomenda:
"Van Halen - *1984*".

Disco dos anos 90 que recomenda:
"UFO - *Walk on Water*".

Disco dos anos 2000 que recomenda:
"Uli Jon Roth - *Under A Dark Sky*".

Quatro bandas que chamaria para um festival:
"Scorpions, Uriah Heep, Europe e Whitesnake".

Música que mais gosta de tocar:
"Sunroad - *Silence Erupting Inside*".

Música que melhor define sua carreira:
"Sunroad - *Living In A Dream (Red Sign Mirror)*".

Três hinos do rock/metal:
"Survivor (*Eye of the Tiger*), Rush (*Tom Sawyer*) e Deep Purple (*Perfect Strangers*)".

Uma música que você adora, mas não sabe por que... Afinal, ela é horrível e você sabe disso:
"Ozric Tentacles - *Dissolution*".

Qual banda gostaria de ouvir fazendo uma versão de alguma música de seu grupo?
"Coney Hatch".

Além dos projetos atuais, em qual banda gostaria de tocar um dia?
"Scorpions".

Além de rock e metal, quais são os seus estilos musicais prediletos?
"Flamenco, clássica, blues, soul, funk americano (o verdadeiro), e eletrônica retrô na linha do Kraftwerk".

Site/Redes sociais:
@sunroadofficial
https://linktr.ee/Sunroad

Para qual música de outro artista adoraria gravar uma nova versão?
"Dokken - *The Hunter*".

Um músico que definitivamente não o agrada:
"Qualquer guitarrista ou vocalista de new metal".

Qual outro instrumento gostaria de saber tocar?
"Cantar".

Quando acorda, qual música prefere ouvir?
"Geralmente alguma de rock progressivo: Yes, Eloy, Egos On The Rock, Mystery...".

Se você não fosse músico, o que gostaria de ser?
"Desenhista e paleontólogo".

Como foi seu encontro mais bizarro com um fã?
"Em uma apresentação no Manifesto Bar (SP) veio um fã que tinha todos os álbuns e me pediu para autografá-los e eram todos piratas. E depois fiquei sabendo que ele entrou sem pagar dizendo que era nosso roadie e fotógrafo exclusivo".

Complete a frase: Eu sou um sucesso quando...:
"Não tento fugir das minhas raízes, aperfeiçoar sempre, mudar nunca, long live the old school".

Clube de Revistas

SOUND CITY RECORDS

spv

MAGNUM

HERE COMES THE RAIN

Coletivamente intuitivo, Here Comes the Rain esbanja um classic rock alto astral, sofisticado e elegante. Resultado de uma banda experiente que garante ter se divertido durante as gravações.

RAGE

AFTERLIFELINES

Lorem ipsum dolor sit amet, consectetur adipiscing elit. Quisque at congue dolor, ac maximus turpis. In et arcu non tellus cursus dapibus nec id dolor

Adquira em
www.valhallmusic.com.br

ROADIE CREW ONLINE FESTIVAL

Heavy Metal & Classic Rock

O já tradicional evento online, realizado mensalmente, tem a missão de celebrar e promover o trabalho das bandas brasileiras e fortalecer a cena do heavy metal nacional, sempre com transmissão "Streaming-Live" exclusiva pelo canal oficial da Roadie Crew no Youtube.

39ª EDIÇÃO

40ª EDIÇÃO

41ª EDIÇÃO

42ª EDIÇÃO

43ª EDIÇÃO

44ª EDIÇÃO

45ª EDIÇÃO

46ª EDIÇÃO

47ª EDIÇÃO

48ª EDIÇÃO

arte: www.jduartedesign.com

CURADORIA
SOM DO DARMA

Acesse nosso canal do YouTube e se inscreva. Ative o sininho para receber todas as atualizações.

YouTube.com/RoadieCrewMagTV

BANDAS INTERESSADAS, ENTRAR EM CONTATO PELO INSTAGRAM
@ELITONTOMASI

Clube de Revistas

MEMORIAL DA AMÉRICA LATINA
SÃO PAULO • BRASIL

SUMMER BREEZE

26.27.28 - ABRIL 2024

SEXTA. 26 DE ABRIL DE 2024

GENE SIMMONS BAND
MR. BIG The BIG Finish
Sebastian Bach

BIOHAZARD • EXODUS • BLACK STONE CHERRY • EDU FALASCHI
FLOTSAM & JETSAM • THE 69 EYES • TYGERS OF PAN TANG • NESTOR • DR. SIN
MASSACRATION • CULTURA TRES • SIOUX 66 • ELECTRIC MOB • MINIPONY
ZUMBIS DO ESPAÇO • ALCHEMIA • CLASH BULLDOG'S

SÁBADO. 27 DE ABRIL DE 2024

WITHIN TEMPTATION
EPICA
HAMMERFALL

LACUNA COIL • ANGRA • GAMMA RAY • FORBIDDEN • IN EXTREMO
DARK TRANQUILLITY • NERVOSA • THE NIGHT FLIGHT ORCHESTRA
JEFF SCOTT SOTO • JELUSICK • KORZUS • EMINENCE • SINISTRA
NITE STINGER • NOTURNALL • ABOUT2CRASH • RAGE IN MY EYES

DOMINGO. 28 DE ABRIL DE 2024

Mercyful Fate
ANTHRAX
KILLSWITCH ENGAGE

CARCASS • AVATAR • OVERKILL • AMORPHIS • DEATH ANGEL
WHILE SHE SLEEPS • BATTLE BEAST • ECLIPSE • RATOS DE PORÃO
TORTURE SQUAD • THE TROOPS OF DOOM • KRYOUR • AXTY
JOHN WAYNE • HELLISH WAR • NEW BLOOD WINNER

EM ATÉ 6X SEM JUROS
CLUBEDOINGRESSO

WWW.SUMMERBREEZEBRASIL.COM

REALIZAÇÃO
SILVERDUST
CONSULADO DO ROCK

PATROCÍNIO
Sportsbet.io

APOIO
JACK DANIEL'S

MEMORIAL

APOIO CULTURAL
Secretaria de Cultura e Economia Criativa
SÃO PAULO GOVERNO DO ESTADO

CLUBE DE

REVISTAS

Entre em nosso grupo no Telegram t.me/clubederevistas

Clique aqui!

Tenha acesso as principais revistas do Brasil de forma gratuita!